

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA ESCOLAR  
E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

VICTOR DE SALES ALEXANDRE

**A apropriação do inconsciente na Sociedade Administrada: um estudo  
teórico a respeito da dimensão psíquica da dominação**

São Paulo  
2019

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA ESCOLAR  
E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

**VICTOR DE SALES ALEXANDRE**

**A apropriação do inconsciente na Sociedade Administrada: um estudo  
teórico a respeito da dimensão psíquica da dominação**

Versão Corrigida

(Versão original encontra-se na unidade que aloja o Programa de Pós-graduação)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (PSA) / Instituições educacionais e formação do indivíduo.

Orientador: Prof. Doutor Pedro Fernando da Silva

São Paulo

2019

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES  
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO  
E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação  
Biblioteca Dante Moreira Leite  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo  
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Sales Alexandre, Victor

A apropriação do inconsciente na Sociedade Administrada: um estudo teórico a respeito da dimensão psíquica da dominação / Victor Sales Alexandre; orientador Pedro Fernando da Silva; -- São Paulo, 2019.

107 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019.

1. Teoria Crítica. 2. Psicanálise. 3. Sociedade Administrada. 4. Inconsciente. 5. Dominação. I. Fernando da Silva, Pedro, orient. II. Título.

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

Autor: Victor de Sales Alexandre

Título: A apropriação do inconsciente na Sociedade Administrada: um estudo teórico a respeito da dimensão psíquica da dominação.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Psicologia.

Aprovado em: \_\_\_\_\_

### Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Ass.: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Ass.: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Ass.: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Ass.: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família, pelo apoio incondicional.

Aos amigos, pela paciência.

A todos os funcionários da Universidade de São Paulo, pela dedicação.

A todos os membros da banca examinadora, pela avaliação do trabalho.

E ao meu orientador, Prof. Dr. Pedro Fernando da Silva, pelo respeito, pela ética, ensinamentos, críticas, por todo o processo de orientação.

Da li znaeš, mila majko  
Shto sum ne sreknja?  
Cel den doma sama sedam  
Nadvor ne sejam

Sabe, querida mãe  
O quão desafortunado eu sou?  
Todo dia eu me sento em casa  
Eu não sou permitido lá fora<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Música folclórica da Macedônia - Autoria desconhecida – Arranjo de Peter Gabriel

## RESUMO

Victor, S. A. (2019). A apropriação do inconsciente na Sociedade Administrada: um estudo teórico a respeito da dimensão psíquica da dominação (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

A presente dissertação de mestrado é um estudo teórico fundamentado na Teoria Crítica da Sociedade e alguns conceitos da Psicanálise freudiana acerca da questão da dominação que recai sobre os indivíduos da Sociedade Administrada. Com o objetivo de investigar o fenômeno de apropriação do inconsciente na Sociedade Administrada, o estudo se centrou em três obras principais dos autores T. W. Adorno e M. Horkheimer; “Excurso I Ulisses - ou Mito e Esclarecimento”, “Teoria Freudiana e o padrão da propaganda fascista” e “Sobre a relação entre Sociologia e Psicologia”. Além dessas obras principais, outros textos dos autores, bem como uma vasta seleção de escritos de S. Freud, e de autores contemporâneos, complementaram os materiais teóricos investigados. Cada uma dessas obras protagoniza, respectivamente, um dos três capítulos que organizam o trabalho e as articulações teóricas partiram dos elementos principais presentes nesses textos. Os resultados demonstram que parte do inconsciente se constitui a partir do processo de sedimentação de conteúdos conflituosos no decorrer do desenvolvimento contraditório da civilização; um depósito de conteúdos negados pela história. Embora a sociedade não possua um inconsciente, ela carrega consigo, em suas diversas instituições, a marca das contradições do progresso, influenciando assim, o desenvolvimento de seus integrantes de forma estrutural. A pesquisa ainda revelou que devido aos diferentes processos de enfraquecimento do indivíduo, as pessoas tornam-se mais suscetíveis a integrar movimentos de massa, nos quais conteúdos de seu inconsciente são manipulados pelos agitadores e discursos ideológicos para fins de dominação. A Sociedade Administrada demonstrou possuir uma complexa rede de controle sobre as pessoas, escamoteando as possibilidades emancipatórias de seus membros, que ficam aprisionados e incapacitados de perceber os mecanismos de controle que regem suas vidas. O nível de controle que a sociedade administrada exerce sobre seus membros, regularmente depende de níveis de influência que atingem seu psiquismo também na dimensão inconsciente para garantir o seu sucesso. Dessa forma, também foi possível investigar como existem diversos níveis de controle diferentes operando nas pessoas, podendo culminar na mais alta expressão dessa dominação, o sujeito reflexo, cujas determinações psíquicas inconscientes estariam completamente integradas às sociais.

Palavras-Chave: Teoria Crítica. Psicanálise. Inconsciente. Sociedade Administrada. Dominação.

## ABSTRACT

Victor, S. A. (2019). The appropriation of the unconscious in the Administered World: a theoretical study on the psychic dimension of domination. (Masters Dissertation). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

This dissertation is a theoretical study based on the Critical Theory of Society and some concepts of Freudian Psychoanalysis about the question of domination that falls on the individuals of the Administered World. With the objective of investigating the phenomenon of appropriation of the unconscious in the Administered World, the study focused on three main works by the authors T. W. Adorno and M. Horkheimer; " Excerpt I Ulysses - or Myth and Enlightenment ", "Freudian Theory and the Pattern of Fascist Propaganda" and "On the Relationship between Sociology and Psychology". In addition to these major works, other authors' texts, as well as a wide selection of writings by S. Freud and contemporary writers, complemented the theoretical materials investigated. Each of these works receives the central spot in one of the three chapters that organize the work and the theoretical articulations of the main elements present in these texts. The results demonstrate that part of the unconscious is constituted from the sedimentation process of conflicting contents in the course of the contradictory development of civilization; a depository of contents denied by history. Although society does not possess an unconscious, it carries with it, in its various institutions, the mark of the contradictions of progress, thus influencing the development of its members in a structural way. This research has further revealed that because of the different processes of weakening the individual, people become more susceptible to integrate mass movements, in which contents of their unconscious are manipulated by agitators and ideological discourses for the purpose of domination. The Administered World has demonstrated that it has a complex network of control over the people, by concealing the emancipatory possibilities of its members, who are imprisoned and unable to perceive the control mechanisms that govern their lives. The level of control that the administered world exerts on its members regularly depends on levels of influence that reach its psyche also in the unconscious dimension to ensure its success. In this way, it was also possible to investigate how there are different levels of control operating in people, and can culminate in the highest expression of this domination, the reflex subject, whose unconscious psychic determinations would be completely integrated with the social ones.

Keywords: Critical Theory. Psychoanalysis. Unconscious. Administered World. Domination.



## Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 O INCONSCIENTE COMO PRECIPITADO HISTÓRICO E SUBJETIVO .....	14
3 DO INDIVÍDUO FRAGILIZADO AO “NÃO-INDIVÍDUO” .....	46
4 O INCONSCIENTE DOMINADO.....	76
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS.....	104

## 1 INTRODUÇÃO

Devido a importância do tema da dominação, muitos autores dedicam estudos sobre a possibilidade do homem alcançar sua emancipação. É nesse contexto de dominação que Adorno (1955/2015), lança mão de uma complexa proposta de análise da realidade social com o intuito de abarcar de forma dialética a relação do indivíduo com a cultura da qual faz parte. Com essa perspectiva, ele supera formas de análise polarizadas provenientes de leituras da sociedade que tendem a percebê-la como um sistema de qualidades semelhantes a psicologia do indivíduo, porém aplicada a uma escala de nível social. Também evita a tendência a enxergar o ser humano como uma tábula rasa, palco das impressões diretas das influências da sociedade à qual pertence.

Quando afirma que “a psicologia não é nenhuma reserva do particular protegido do universal. Quanto mais crescem os antagonismos sociais, mais evidentemente perde sentido o conceito individualista e totalmente liberal da psicologia”, Adorno (1955/2015, p.123) reconhece a relação recíproca entre o indivíduo e a sociedade, mas também indica a primazia da última que, em uma perspectiva materialista, permite conhecer as determinações que irá delimitar as possibilidades de existência para os indivíduos e, conseqüentemente, para a coletividade. Uma vez que Adorno assinala a importância da denominada *psicologia social analiticamente orientada*, sugerida inicialmente por Fromm, ele apropria-se da Psicanálise para melhor entender esse inseparável elo, cuja proposta busca analisar disposições subjetivas que não podem ser explicadas inteiramente em suas dimensões psicológicas (Adorno, 1955/2015). As investigações acerca do ser humano precisam, necessariamente, incluir categorias de análise sociais para obterem sucesso. Mas, também, a análise da sociedade precisa comportar uma compreensão de ser humano que somente a Psicanálise pode fornecer: um ser humano cindido, detentor de um aparelho psíquico que não possui apenas o consciente, mas também um inconsciente. E, nessa condição, fornece meios para análise da irracionalidade que recaí sobre as pessoas.

Se na sociedade administrada ocorre um ajustamento das qualidades psíquicas de seus membros para melhor atender aos interesses sociais dominantes, os quais nem sempre vão em direção ao bem-estar da maioria, a dimensão do inconsciente nessa relação a torna ainda mais intensa e velada, colocando em questão o nível de alcance desses mecanismos de

dominação, de quais conteúdos estão envolvidos nesse processo, bem como as consequências sofridas pelos indivíduos.

O problema da dominação do homem, entretanto, não pode ser compreendido como sendo um problema exclusivo das investigações clínicas por dois motivos principais. O primeiro é que a possibilidade de conquista da liberdade emancipatória no sujeito se realiza, necessariamente, em uma sociedade livre. O segundo motivo é que Adorno dispense importantes críticas à prática clínica, possuidora de características adaptativas em um contexto de dominação; existe uma importante ambiguidade em relação à proposta de tratamento da Psicanálise, que, inclusive, deu brecha ao movimento revisionista (Adorno, 1952/2015).

De fato, a relação que Adorno estabelece com a teoria psicanalítica não é completamente harmoniosa. Estudos como o de Gomide (2007), e Crochík, Dias e Silva (2015), demonstram que a relação que Adorno possui com Psicanálise freudiana, na realidade, é marcada por importantes críticas. Os conceitos que o autor se vale para suas análises das relações entre sociologia e psicologia não são tomados como verdades absolutas; seus limites são explorados a fundo pelo autor. A apropriação que Adorno faz da teoria psicanalítica é um tema impossível de ignorar na medida em que, ao realizar essas críticas, avança nas construções teóricas no campo de estudo, tanto para a Psicanálise, quanto para as teorias sociais que utilizam conceitos psicanalíticos.

Ao contrário do que possa aparentar, na obra *Psicanálise revisada* (1952/2015) e *Sobre a relação entre sociologia e psicologia* (1955/2015), é possível perceber como Adorno não dedica suas críticas exclusivamente aos revisionistas pós freudianos, ele percebe que na própria Psicanálise há elementos contraditórios referentes a alguns de seus conceitos que iriam dar vazão a interpretações errôneas de alguns conceitos da teoria psicanalítica: é um problema que comporta uma dimensão imanente da própria teoria.

O levantamento bibliográfico inicial no que tange à teoria crítica revelou que um tema recorrente nos estudos desse campo é a análise das diferentes formas que a sociedade vem constituindo de forma sistemática para o estabelecimento de processos que vêm minando a categoria do indivíduo<sup>2</sup>. As categorias de análise social estabelecidas por Adorno

---

<sup>2</sup> Ver: Crochík (2010), Crochík, *et. al.* (2015), Iop (2009), Gomes (2010).

em sua época, aparentam estar se intensificando na nossa sociedade, onde mecanismos de controle mais sofisticados atacam a possibilidade de emancipação do homem.

A presente dissertação de Mestrado também se debruçou sobre a questão da dominação do homem, tendo como uma das variáveis a categoria do inconsciente. A proposta foi investigar como os mecanismos de dominação afetam o aparelho psíquico das pessoas, partindo de duas hipóteses iniciais. A primeira, é que, possivelmente, uma parcela do inconsciente seja subproduto da violência sofrida pelo homem ao longo da história, no processo que Adorno iria denominar de segunda natureza. A segunda hipótese trata-se do alcance da influência da Sociedade Administrada que recai sobre seus integrantes, que, ao atingir níveis profundos da psiquê humana, seu inconsciente, possivelmente acarreta em mudanças estruturais severas na constituição das pessoas, uma condição que coloca em dúvida as possibilidades reais das pessoas alcançarem sua emancipação no nosso contexto cultural da Sociedade Administrada.

Assim, o objetivo do presente trabalho é de realizar uma investigação na literatura de Adorno<sup>3</sup> sobre o fenômeno da apropriação do inconsciente dos indivíduos para fins de dominação.

Por tratar-se de um trabalho teórico, constantemente os materiais do estudo, trechos dos textos investigados, aparecerão em sua reprodução literal. Considerando também o nível de precisão teórica dos textos dos principais autores estudados, Freud e Adorno, tal forma de exposição permite uma análise mais cuidadosa dos seus conteúdos, facilitando assim a exposição das articulações teóricas realizada entre os autores.

O levantamento bibliográfico inicial dos autores principais que compõe o estudo foi, primeiramente, orientado por textos de Adorno que trabalham diretamente a relação entre Psicanálise e Sociologia e também sobre a temática do inconsciente. A leitura de Freud foi orientada por textos nos quais o autor aborda principalmente aspectos culturais, além do inconsciente. A partir da leitura inicial desses materiais selecionados, foram criados roteiros temáticos que permitiram sistematizar seus conteúdos para organizar a montagem do presente estudo. A dissertação está dividida em três capítulos, cada um deles possuindo um

---

<sup>3</sup> Apesar dos textos de Adorno serem o epicentro do presente estudo, é necessário mencionar que algumas de suas obras de grande relevância foram produzidas em conjunto com Marx Horkheimer. A exemplo, a obra Dialética do Esclarecimento, fundamental para compreensão da teoria crítica.

texto principal que vertebrava as discussões centrais que estão complementadas por diversos textos adicionais.

O primeiro capítulo possui dois objetivos centrais. O primeiro é realizar um breve mapeamento do conceito de inconsciente na teoria freudiana e também sua leitura a partir da teoria crítica. Dessa forma, é o capítulo onde o leitor encontrará uma maior quantidade de textos freudianos. O segundo objetivo é estabelecer a concepção de ser humano presente nessa pesquisa. Tendo como obra principal *O Excurso I da Dialética do Esclarecimento*, a *Odisseia de Ulisses* permitirá um estudo inicial do processo formativo do ser humano calcado no que é denominado por Adorno de Segunda Natureza, de um ser humano que tem seu desenvolvimento cifrado por processos que o obrigam a cometer constantes sacrifícios, acarretando em consequências sérias para o curso de seu desenvolvimento.

No segundo capítulo, é iniciada a discussão de como na sociedade administrada ocorre um sistêmico ataque à subjetividade de seus membros para fins de dominação, acarretando no possível enfraquecimento da sua capacidade de constituir a sua individualidade. Com o texto principal *Teoria freudiana e o padrão propaganda fascista*, o capítulo já aborda formas contemporâneas de controle que são calcadas no domínio de elementos que fazem parte da psicologia profunda das pessoas, colocando em xeque indagações importantes sobre essas consequências, como a facilidade na adesão das pessoas aos movimentos de massa, tornando as pessoas não apenas vítimas da dominação, mas também algozes.

Por fim, o terceiro e último capítulo é centralizado na obra *Sobre a relação entre sociologia e psicologia* de Adorno, texto extenso e repleto de considerações acerca de que forma uma sociedade calcada nas irracionais contradições de sua estrutura afeta as pessoas. A análise deste capítulo irá aproximar mais as discussões para a atualidade, investigando como os mecanismos de dominação da sociedade aparentam se intensificar com o passar do tempo na medida em que dispositivos de controle mais elaborados vão sendo edificados pela sociedade, a tal ponto que, possivelmente o nível de influência nas pessoas tenha alcançado estatuto estrutural na sua formação psíquica.

Muitas das análises críticas realizadas por Adorno em seus estudos, ainda são altamente relevantes na atualidade. Em relação à sociedade, apesar de todo o acúmulo de conhecimento e recursos conquistados, ela continua a violentar o ser humano, truncando suas possibilidades de existência os aprisionando em um estado de dominação. Com a análise dos

mecanismos inconscientes dessa dominação, o presente estudo espera contribuir para a tarefa de lançar luz a um problema que tem seu subterfúgio no próprio ser humano, sendo responsabilidade dele reconhecer em si, antes de tudo, as suas fragilidades, para que um dia, talvez, possa forjar sua emancipação.

## 2 O INCONSCIENTE COMO PRECIPITADO HISTÓRICO E SUBJETIVO

A temática do conceito de inconsciente é um campo muito amplo e com uma vastidão ainda maior dentro das muitas teorias psicanalíticas que foram sendo desenvolvidas posteriormente a Freud, sendo necessário então, realizar uma delimitação mais condizente desse tema em direção à Psicologia Social Analiticamente Orientada, abrindo mão assim de uma excessiva investigação das categorias de análise clínica que seria possível de ser realizado em relação ao tema do inconsciente, mesmo considerando a importância dos estudos clínicos de Freud para compor sua teoria do inconsciente, tal análise não faz parte da proposta do presente estudo. Ademais, tal análise implicaria em uma total aceitação do modelo proposto por Freud, e não necessariamente uma apropriação crítica tal como fez Adorno.

Freud não foi o primeiro autor a escrever sobre o inconsciente, a possibilidade da existência de elementos não conscientes na mente humana foi um tema presente em uma quantidade considerável de autores de diversos campos do conhecimento. No século XVIII, por exemplo, é possível destacar o trabalho do polímata Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) e sua teoria das mônadas que seria utilizada por Johann Friedrich Herbart (1776-1841) para desenvolver o conceito de limiar da consciência, encorpando de forma mais clara a ideia de um Inconsciente. O tema também é presente em autores como Arthur Schopenhauer (1788-1860) e Fiódor Dostoiévski (1821 – 1881), cujas obras contêm em sua temática e narrativa, elementos muito comuns ao conceito de inconsciente que a Psicanálise iria desenvolver posteriormente. Era evidente como que essa ideia de inconsciente estava pairando naquele período histórico de 1880 (Schultz & Schultz, 1996). Mas Freud seria o teórico mais importante a propor e sistematizar uma robusta teoria do Inconsciente que passaria a ocupar um fundamental estatuto conceitual em sua teoria Psicanalítica, também desenvolvida por ele a partir desse conceito tão fundamental. Laplanche e Pontalis (2014, p.235) fornecem uma sintética e precisa descrição do Inconsciente freudiano e de suas qualidades enquanto adjetivo e substantivo servindo de um interessante ponto de partida:

- A) O adjetivo inconsciente é por vezes usado para exprimir o conjunto dos conteúdos não presentes no campo efetivo da consciência. Isto num sentido “descritivo” e não “tópico”, quer dizer, sem se fazer discriminação entre os conteúdos dos sistemas pré-consciente e inconsciente.
- B) No sentido “tópico”, inconsciente designa um dos sistemas definidos por Freud no quadro da sua primeira teoria do aparelho psíquico. É constituído por conteúdos

recalçados aos quais foi recusado o acesso ao sistema pré-consciente-consciente pela ação do recalque.

Para Freud, a primeira evidência da existência do Inconsciente seria justamente a observação das lacunas da consciência humana facilmente observáveis em nosso cotidiano, que, muitas vezes, a consciência falharia em responder exatamente sobre a origem de determinados conteúdos. Na realidade, Freud observa que a qualidade de muitas ideias inconscientes seria semelhante à da consciência, sinalizando que talvez, apenas sejam ideias temporariamente latentes. Mas também observa que outros conteúdos possuem considerável contraste com os processos tradicionais do funcionamento da Consciência.

Freud, em *A Interpretação dos sonhos* (1900/2001), realizou uma vasta análise de diversas manifestações oníricas, conseguindo desvendar muitos elementos do funcionamento do sistema inconsciente. Para ele, quando no momento do sono a consciência abaixa sua guarda, abra-se alas para conteúdos que residem no inconsciente para que os mesmos se manifestem, muito comumente, de formas cifradas, fugindo das normas lógicas que regem o consciente. Os sonhos possuem muitas funções, como, por exemplo, a de proteger o sono transformando transtornos exógenos em material para o sonho. Mas para Freud sua principal função é a realização de desejos, a saber, aqueles que não poderiam ser realizados de alguma outra forma e conseguem vir à tona apenas quando as defesas do sonhador são suspensas. Dois mecanismos são importantes destacar para que isso ocorra, o primeiro é o de deslocamento, processo em que cargas de investimento libidinal e algumas das características de uma representação são transferidas para outros representantes por meio de uma cadeia associativa. Essa cadeia deixa claro que esse mecanismo não se constitui de forma aleatória, os conteúdos precisam se ligar a um representante no consciente, e como tal, essa estrutura precisa de alguma maneira ter entrado em contato com alguma forma do conteúdo em questão, na qual a plasticidade da linguagem geralmente favorece um campo fértil para essa cadeia associativa. Já na condensação, o segundo mecanismo, temos o processo no qual uma representação reúne em si diversas cadeias associativas de outras representações, enriquecendo tal representação com as qualidades das outras. Além desses dois elementos, é importante ressaltar que os processos inconscientes seguem uma lógica própria em seu funcionamento, não possui uma clara linearidade e muitas vezes suas cadeias associativas não são facilmente avistadas. A técnica psicanalítica de interpretar sonhos revela que não há uma sobreposição simbólica direta entre os conteúdos oníricos e seus significados. Mediados pelo



analista, o sonhador consegue realizar um processo de reconstrução de seu sonho, criando novas cadeias associativas na esperança de encontrar uma resposta. O inconsciente opera ainda em uma atemporalidade, desafiando o tempo lógico que tanto organiza nossa consciência. A aparente arbitrariedade do funcionamento do inconsciente, na realidade, revela o grande esforço psíquico que o inconsciente realiza por meio de seus mecanismos para mascarar seus conteúdos quando eles começam a tentar passagem no sistema da consciência.

Nessa investigação dos sonhos e do funcionamento do inconsciente, Freud desmistifica a percepção desse campo de estudo como sendo da mera inventividade humana, arbitrário, e com aspectos mitológicos. Na realidade, nos dias atuais tal campo de estudos ainda encontra grande resistência e dificuldade de apresentar sua seriedade em meio a tantos discursos não científicos que se apropriam dele. O inconsciente possui uma lógica de funcionamento que desafia o consciente, os diversos casos clínicos estudados por Freud revelam o extenso trabalho psíquico que vai compondo e depositando, tanto na consciência como no inconsciente dos indivíduos, uma complexa rede de materiais psíquicos particulares de cada um, embora operem em uma estrutura similar a todos.

Além da condensação e do deslocamento, o mecanismo de defesa denominado recalque, ou repressão,<sup>4</sup> é fundamental para Freud teorizar o inconsciente, ele escreve:

Portanto, adquirimos nosso conceito de inconsciente a partir da teoria da repressão. O reprimido é, para nós, o protótipo do que é inconsciente. Mas vemos que possuímos dois tipos de inconsciente que é latente, mas capaz de consciência, e o reprimido, que em si sem dificuldades não é capaz de consciência (Freud, 1923/2011, p.17).

O mecanismo de repressão não possui a função de anular completamente as ideias que primariamente residem no consciente, mas sim as reprime para o inconsciente e, uma vez lá, ainda conseguem manter um certo nível de influências no indivíduo, na consciência e também no inconsciente. Um ato psíquico passa por dois exames para determinar seu destino dentro do aparelho psíquico, de acordo com Freud:

---

<sup>4</sup> Verdrängung, palavra no alemão que, assim como outras, possui uma certa plasticidade quando traduzida para português, no qual o próprio Freud aparentava usá-las como sinônimos em algumas ocasiões. As diferentes traduções que ela ganhou ao longo do tempo, recalque e repressão nas traduções do português, foram compreendidas por algumas vertentes da Psicanálise pós Freudiana como dois termos distintos que se referem a mecanismo também distintos. Já para outras vertentes, são meros sinônimos. Para efeito do presente trabalho não haverá distinção nesses dois termos.

Na primeira fase ele é inconsciente e pertence ao sistema Ics; se no exame ele é rejeitado pela censura, não consegue passar para a segunda fase; então ele é “reprimido” e tem que permanecer inconsciente. Saindo-se bem no exame, porém, ele entra na segunda fase e participa do segundo sistema, a que denominamos sistema Cs. Mas essa participação não chega a determinar inequivocamente a sua relação com a consciência. Ele ainda não é consciente mas capaz de consciência (na expressão de J. Breuer), isto é, pode então, dadas certas condições, tornar-se objeto da consciência sem maior resistência. Tendo em vista essa capacidade de consciência, chamando o sistema Cs também de “pré-consciente”. (Freud, 1915/2010, p.109-110).

A repressão ocorre quando o ato psíquico em questão se configura como conflituoso para o Consciente, uma vez que essa formação causa sofrimento para o indivíduo, o mecanismo entra em ação e realiza o processo chamado de *splitting* (*Spaltung*) que irá separar a ideia (representação) da carga de afeto nela investida ao ser reprimido ao inconsciente. Quando esse mecanismo funciona “perfeitamente”, ele não deixa vestígios e opera sem formar conflitos ou sofrimento, quando o mesmo falha, mostra sua face abrindo uma janela para compreensão de seu funcionamento nas formações patológicas que dele advém. É possível notar ainda na citação anterior que Freud reconhece a existência de conteúdos que já pertencem ao sistema inconsciente e que não conseguem passar para a consciência, não se trata apenas de um sistema de via única.

O destino que essa ideia e afeto terão, mais precisamente, como serão realizadas novas ligações entre esses dois elementos quando são separados e lançados ao inconsciente, sendo então sujeitos a outros mecanismos como condensação e deslocamento, vai determinar as nuances das diferentes formações patológicas, como a histeria de conversão, a neurose de angústia, dentre outras. A repressão serve para depositar no inconsciente conteúdos não permitidos à consciência, independente dos motivos, e uma vez no inconsciente, ainda podem servir como uma força de influência altamente relevante no aparelho psíquico.

E assim se configura o sujeito do Inconsciente na Psicanálise. Tem essa denominação uma vez que não é totalmente senhor de todas as suas determinações psíquicas. É alguém dividido entre Consciência e Inconsciência. Para a Psicanálise, o ser humano não pode ser compreendido como sendo integralmente racional, mas também não é totalmente irracional e emocional; ele seria um constante embate entre essas duas grandes dimensões que batalham entre o consciente e o inconsciente, um homem que “não é senhor da sua própria

casa”. Nessa condição, porém, ele não fica isento de se responsabilizar pelo seu Inconsciente, mas é convidado a se reconhecer como detentor de motivações ocultas e de processos que podem enganar a si mesmo, e que, se por um lado, pode não desvendar de forma completa suas determinações inconscientes, por outro pode e deveria investigar a si mesmo na esperança de diminuir sua própria condição de um estranho de si mesmo.

Apesar de todo material que é reprimido ser inconsciente, para Freud a totalidade do inconsciente, por sua vez, não se constitui apenas pelo reprimido (Freud, 1923/2011). A origem do inconsciente não é necessariamente um tema abordado de forma direta e dedicada em uma obra por Freud, ele faz alusão a um suposto texto que poderia tratar disso em o Eu e o Id (1923/2011), mas tal texto metapsicológico talvez esteja perdido, ou seus elementos foram parcialmente incorporados em outros de seus escritos. De qualquer forma, ao longo de alguns textos de Freud, é possível reunir momentos em que aborda essa questão que é de grande importância na medida em que trata do que poderia ser considerado a natureza humana e sua relação com o inconsciente humano enquanto uma possível estrutura.

Nas obras de Freud, mesmo que nem sempre de forma sistemática e tematizada, encontramos as ferramentas que o ajudaram a edificar o saber psicanalítico sendo possível observar como a Psicanálise tem seu estopim nas próprias bases biológicas da natureza humana, e sua metapsicologia representa um ousado movimento necessário quando os limites das explicações científicas de um ponto de vista fisiológicos são alcançados.

Em textos de momentos iniciais do desenvolvimento da Psicanálise, como “Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada Neurose de Angústia” de 1884, Freud, ainda muito influenciado pela sua formação médica, enfatizou como muitos transtornos psíquicos possuíam sua origem diretamente ligada a distúrbios da vida sexual dos pacientes, a dimensão da sexualidade é fundamental na edificação do saber da Psicanálise, e conseqüentemente, muito defendida por Freud, nesta obra, ele é capaz, inclusive, de elencar múltiplas relações causais diretas entre a vida sexual dos pacientes e os transtornos. Nesse mesmo texto, Freud também expõe a sua primeira teoria da Angústia<sup>5</sup>, muitas vezes esquecida, que paga um enorme tributo ao estatuto biológico: ela, a Angústia, seria uma quantidade de excitação, um excesso de energia proveniente do corpo, e que não conseguiria ser descarregada por vias adequadas devido uma insuficiência psíquica, gerando

---

<sup>5</sup> Conceito que também foi traduzida por “Ansiedade” em algumas publicações, Angústia foi escolhida para lidar com esse conceito no presente estudo.

assim sofrimento no indivíduo. Na realidade, Freud vai além ao afirmar que, por conta dessa insuficiência da operação psíquica, a Angústia não é assunto da Psicanálise. Aqui, a cisão entre corpo e mente é considerável, pois, apesar desse sofrimento, ambos os campos não se misturam em sua interpretação desse problema; a Psicanálise ficaria isenta de lidar com a Angústia se essa posição fosse mantida no percurso de seu desenvolvimento.

Ao lidar com a questão das histéricas em sua prática clínica, Freud inicialmente utiliza o modelo explicativo da Teoria da Sedução para compreender a origem dos conflitos desses pacientes, nesse modelo, tais conflitos teriam origem em uma excitação proveniente de um encontro de teor sexual entre o adulto e a criança, que nesse momento, não teria recursos psíquicos suficientes para lidar com tal excesso de excitação. Trata-se de uma interessante hipótese, mas Freud aponta seus limites, principalmente por perceber que, se ela fosse absoluta e verdadeira, a quantidade de perversos sexuais em Viena seria, no mínimo, alarmante. Mas a Psicanálise clamava por mais, e logo essa teoria foi substituída. Com o abandono da teoria da sedução, a psicanálise dá um grande salto em seu desenvolvimento teórico. Com uma maior consolidação do conceito de “realidade psíquica”, adicionando mais uma camada de complexidade ao psiquismo humano, os mecanismos inconscientes se tornaram mais acessíveis e a realidade objetiva deixa de ser compreendida como uma direta impressão de determinantes sociais no psiquismo humano. A realidade psíquica chama a atenção em como que os dados empíricos da nossa vida são interpretados de forma particular dentro de suas possibilidades específicas, ingressando na dinâmica consciente/inconsciente de cada indivíduo.

Essa questão da fantasia versus realidade ainda está no cerne de uma outra disputa teórica com o Carl G. Jung e que ajuda a compreender a relação que a Psicanálise estabelece entre a natureza do indivíduo e as determinações sociais. Se as vivências concretas do trauma, o ato de sedução propriamente dito, não fossem uma necessidade para acarretar em elaborações psíquicas traumáticas para os indivíduos, como a regressão, Jung estaria justificado a ampliar a regressão para além da própria vida do indivíduo, desafiando assim a ênfase na sexualidade que Freud sempre fez, além de possuir assim os instrumentos para a criação de sua teoria do Inconsciente Coletivo (Endo, 2001). Em Totem e Tabu, de 1914, Freud iria retificar as ideias imperialistas da Psicanálise Aplicada a todos os outros campos de estudos, realizando um retorno ao método clínico, ele descreve a importância do complexo de Édipo como um processo fundante e regulador da civilização humana; tal estrutura é

transmitida ao longo das gerações na nossa espécie e revivida individualmente por cada membro dela, começando pelas relações familiares e se estendendo em outras instituições.

Mesmo já tendo escrito esta obra, Freud vê a necessidade de responder a essas críticas de Jung e de outros autores, bem como de fortalecer seus preceitos teóricos, e assim o fez no que viria a ser um de seus casos clínicos mais famosos, o Homem dos Lobos de 1918. A resposta de Freud a essas questões tem início já na estrutura do texto ao descrever eventos concretos da vida do paciente que inclui momentos em que foi seduzido pela própria irmã, para estudar as importantes implicações posteriores em sua vida para enfatizar como a neurose do adulto, tem sua origem em uma neurose infantil. Quando explicita que o paciente teria presenciado uma cena de coito de seus pais na cena primária, Freud se ocupa extensamente em justificar a real possibilidade desse evento ter realmente ocorrido e seus efeitos no aparelho psíquico do paciente, afinal, não apenas suas interpretações do caso estavam em jogo, mas sim os elementos fundamentais de sua teoria. Apesar de Freud não duvidar da capacidade perceptual das crianças mais jovens, ao presenciarem tais cenas que seriam ativadas em anos posteriores por outros eventos concretos (tal como acontece com o Homem dos Lobos), reconhece que as cenas infantis não são reproduzidas necessariamente como lembranças no adulto, mas sim como construções, e podem ser inclusive produtos de fantasias que representariam interesses e desejos específicos. Aqui, Freud se reporta constantemente à Interpretação dos Sonhos de 1900 para melhor entender esses processos, e assim temos a realização de que essas construções fantasiosas, precisam ter material obtido de algum lugar. Freud estabelece então um modelo explicativo para dar conta dessas aparentes contradições, ele escreve:

Agora cheguei ao fim do que desejo comunicar sobre esse caso clínico. Dos numerosos problemas que ele sugere, dois ainda me parecem dignos de um relevo especial. O primeiro diz respeito aos esquemas filogeneticamente herdados, que, à maneira de “categorias” filosóficas, tratam da colocação das impressões recebidas na vida. Inclino-me a sustentar a concepção de que constituem precipitados da história da cultura humana. O complexo de Édipo, que compreende a relação da criança com os pais, está incluído entre eles, é mesmo o exemplo mais conhecido dessa espécie. Quando as vivências não se encaixam no esquema, sucede uma remodelação delas na fantasia, cuja obra seria certamente útil acompanhar em detalhe. (Freud, 1918/2010, p. 157-8)

Para a Psicanálise, o ser humano estaria constantemente em um processo dialético entre esses campos: o da filogênese, a saber, a herança da espécie e estrutura biológicas da

natureza que nos impõe importantes predisposições, e da ontogênese, da particularidade da vida de cada indivíduo, e claro, das construções fantasiosas dos mecanismos subjetivos de cada um. O homem não poderia ser totalmente natureza reagindo de forma mecânica aos eventos concretos da vida, muito menos a Psicanálise entende o homem como uma absoluta fantasia arbitrária. O ser humano seria um ponto crítico de tensão entre o que é determinado da espécie, eventos concretos da vida do indivíduo e os processos mentais fantasiosos operando dentro da lógica do inconsciente, que são mediados pela sua cultura. As acusações da cisão entre mente e corpo para com a Psicanálise perdem credibilidade tanto quanto a da total abstração e aleatoriedade dos processos inconscientes; como o caso do Homem dos Lobos muito bem ilustra, as escolhas temáticas dos sintomas dos pacientes, deslocamentos e condensações, possuem sentido na conjuntura da vida do paciente, são palavras, imagens, dentre outros materiais, que marcam o aparelho psíquico do sujeito desde a tenra idade, adentrando em seu inconsciente e que encontram formas de realizarem sua ressurgência.

Ao final de *O Homem dos lobos* (1918/2010), Freud ainda menciona brevemente como a memória infantil pode ser capaz de reter e reativar cenas que ocorreriam tão primordialmente na vida da criança. Seríamos munidos de um patrimônio instintivo, identificado como “âmago do inconsciente” responsável por mecanismo de retenção e ressurgência. A neurose do homem seria o preço que ele paga por ter essa tentativa de retorno a esse processo primitivo instintual:

O conteúdo do lcs pode ser comparado a uma população aborígine da psique. Se no ser humano existem formações psíquicas herdadas, algo análogo ao instinto [Instinkt] dos animais, então isso constitui o âmago do lcs. Junta-se a isso, mais tarde, o que durante o desenvolvimento infantil é eliminado por ser inutilizável, e que não precisa ser diferente, em sua natureza, daquilo que foi herdado. Uma divisão clara e definitiva no conteúdo dos dois sistemas só se estabelece, via de regra, no momento da puberdade. (Freud, 1915/2010, p.138.)

Freud reconhece que o Inconsciente não é composto apenas de materiais provenientes da repressão na vida do indivíduo, ele chama atenção para conteúdos já pertencentes ao inconsciente provenientes daquilo que seria a natureza humana. Diferenciar aquilo que é herdado da condição natural humana e aquilo que é aprendido é um desafio.

Freud frequentemente parte do estatuto natural da espécie humana para encontrar subsídios ao se pensar suas construções teóricas. Em 1917, quando retoma a problemática da Angústia, vasculha a história da espécie e indaga-se sobre o porquê de sua persistência, uma

vez que os outros afetos possuem relevância para a sobrevivência da humanidade. Percebe que há a denominada angústia realista que diz respeito a perigos externos facilmente identificáveis, mas identifica que há também a Angústia sentida pelas crianças que surge apenas após o período da educação primária. Ademais, como a criança pouco sabe sobre o mundo que nos cerca, é bem comum ela não ter Angústia em relação aquilo que, na realidade, deveria. Devido a sua persistência, a Angústia teria de fato uma importante função, tal como os outros afetos que representam a “repetição de experiência significativa determinada” que vai para além da história do indivíduo, mas sim da nossa herança filogenética. A experiência do nascimento ganha um estatuto traumático para a vida dos indivíduos e também fundante da própria Angústia devido à enorme descarga de impulsos e sensações corporais desagradáveis. Se a Angústia automática sentida por todos nós tem sua função de avisar sobre perigos externos evidentes, a Angústia Neurótica seria também um sinal de perigo, porém pulsional, uma angústia sem objeto específico, pode então ser ligada a diferentes afetos e representações no estabelecimento de sintomas.

Ao estudar a questão dos afetos na obra de Freud, não é possível obter tanta certeza quanto a possibilidade de eles serem inconscientes, e, se sim, como isso seria possível, pois, aparentemente, tal hipótese poderia ser fundamentalmente contra as ideias de conscientes/inconsciente. Nesse sentido Loffredo (2012) tem uma interessante resolução para esse impasse, ela descreve que seria comum a todos membros da espécie humana uma estrutura de afetos herdada que será preenchida e ativada particularmente em cada um no decorrer de sua vida. No Inconsciente não há a experiência do afeto propriamente dita, mas sim essa estrutura que permite sua existência nas formações inconscientes uma vez que eles vão ganhando representantes. Nas palavras da autora:

Ao que tudo indica, Freud não trabalhou claramente com dois registros e parece referir-se ao afeto como sendo o investimento da ideia, mesmo que se leve em conta a pluralidade de sentidos que o termo afeto assume no decorrer de sua obra. A metapsicologia do isolamento fica mais compreensível se supusermos que, na repressão, há um desinvestimento da ideia e do afeto, que ficam reprimidos como uma memória e uma estrutura afetiva; nesse caso, é a forma pela qual a energia libidinal liberada é aproveitada que define que tipo de neurose vai ocorrer. No isolamento, continuam presentes no sistema Pcs (Cc) tanto a ideia quanto o afeto componente da pulsão, isto é, não são desinvestidos, mas há uma ruptura do nexos associativo entre ambos, de modo que permanecem isolados entre si (Loffredo 2012, p.11).

Na própria definição do conceito de pulsão (ou instinto), temos o testemunho dessa inseparável relação entre corpo e psique humana:

Voltando-nos agora para a consideração da vida psíquica do ângulo da biologia, o “instinto” nos aparece como um conceito-limite entre o somático e o psíquico, como o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida do trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo<sup>6</sup>. (Freud, 1915/2010, p.57).

Novamente é possível perceber as bases biológicas no pensamento freudiano que encontra na natureza humana um estopim desencadeador de seu pensamento na medida em que percebe a insuficiência dele para compreender a complexidade do aparelho psíquico, que não está separado desse corpo, mas atua inseparavelmente dele. O Inconsciente seria um precipitado histórico constituído ao longo do desenvolvimento da espécie humana, uma estrutura comum a todos, mas vivida de forma particular em cada membro da espécie, devido à sua plasticidade e fontes provenientes de materiais ontogenéticos. Como herança da espécie, o Inconsciente ainda representaria um depositário de tudo aquilo que é negado aos homens ao longo do tempo, uma rica fonte de conflitos quando pensamos a civilização humana. Nas palavras do próprio Freud:

Na psicanálise, a tarefa da explicação tem limites estreitos. Cabe explicar as formações sintomáticas notáveis, desvendando sua gênese; os mecanismos psíquicos e processos instintuais a que assim chegamos, esses não cabe explicar, mas sim descrever. Para obter novas generalizações a partir das constatações sobre os dois últimos pontos, são necessários muitos casos como este, analisando bem profundamente. Não é fácil tê-los, cada qual exige anos de trabalho. De modo que o progresso nesses domínios se efetua lentamente. Haverá, sem dúvida, a tentação de contentar-se em “arranhar” a superfície psíquica de um determinado número de pessoas e substituir o trabalho omitido por especulação, que então é colocado sob o patrocínio de alguma corrente filosófica. Pode-se também alegar necessidades práticas em favor desse comportamento, mas as necessidades da ciência não se satisfazem com sucedâneos (Freud, 1918/2010, p.140).

Com essa perspectiva mais visceral da humanidade, é possível abandonar uma visão ideológica do homem que busca justificá-lo a partir de argumentos *post hoc* fundamentados em filosofias humanistas que possuem uma clara tendência a pinçar características humanas que contribuiriam para uma visão do homem puramente bom. O Inconsciente é produto de

---

<sup>6</sup> Em uma outra definição desse conceito, a pulsão ao invés de ser esse representante, só pode ser acessada quando em conjunto com um outro representante complementar.



milhões de anos de evolução da espécie humana, gerando assim um complexo sistema neurológico que constantemente mescla racionalidade e emoções em suas operações, na qual essa relação só pode acontecer uma vez que temos uma base simbólica linguística que realiza a ponte entre esses dois fundamentos da experiência humana, racional e emocional.

A partir dessas breves considerações metodológicas/epistemológicas, é possível compreender como Freud pode elaborar que entre o normal e o patológico, temos uma distinção quantitativa e não qualitativa. A influência ambiental, que será apropriada de forma particular pelas pessoas é grande determinante das possibilidades humanas, há a existência de uma estrutura de base comum aos seres humanos que estabelece um campo de possibilidades. Curiosamente, o estatuto natural do ser humano, pouco mais carrega do que um ponto de partida, além de uma certeza da finitude. Assim, Homo Sapiens se torna uma verdade enquanto categorização taxonômica das delimitações e características biológicas da espécie, mas uma ficção na medida em que é inexistente na prática; no lugar temos o Ser Humano, produto das interações que têm com a cultura e seus pares, se afasta de seu estado que poderia ser considerado puramente natural, mas sem deixar jamais de também ser natureza embora sua primazia tenha mudado. Isolado na natureza, transforma-se ainda em uma terceira coisa, de difícil categorização, e os poucos casos que temos documentados, como de Kaspas Hauser, Oxana Malaya, Blanche Monnier, dentre outros, ilustram bem tal condição. O ser humano não poderia ser naturalmente bom, muito menos naturalmente mau. Ele possui um potencial. O que incorpora tais possibilidades, bem como a definição do que seria bom ou mau é fortemente determinado pelo ambiente cultural mediador do desenvolvimento dessas potencialidades. Ou, nas palavras de Adorno:

A natureza em si mesma não é nem boa, como queria o antigo romantismo, nem nobre, como quer o novo. Como modelo e objetivo, ela representa o antiespírito, a mentira e a bestialidade. É só quando é reconhecida tal como realmente é que ela se torna a ânsia que a vida tem pela paz, aquela consciência que desde o começo animou a resistência tenaz contra os chefes e contra a coletividade. O perigo que ameaça a prática dominante e suas alternativas inevitáveis não é a natureza – a natureza, muito ao contrário, coincide com ela -, mas sim o fato de recordar a natureza. (Adorno, 1947/2006, p. 208-9).

Nessa perspectiva, a Psicanálise Freudiana tem o potencial de questionar, embora não realize por completo, uma perspectiva estática da natureza humana. Ao invés disso, ela é um processo que sofre alterações em diferentes períodos históricos. Adotar a Psicanálise sem

essa crítica, seria admitir que a ela teria desvendado uma concretude objetiva do ser humano estabelecida a priori na natureza, algo que, na realidade, não existe e que ainda serviria apenas para normatizar o homem em processos estéreis na tentativa de encontrar o que “é” o ser humano por meio da ilusão da objetividade axiológica, ao invés do que “está” o ser humano no atual contexto cultural que vivemos, negando assim, a movimentação desse objeto de estudo, o próprio homem. O que Freud cria é um modelo conceitual que nos permite acessar um objeto de estudo formado pelos campos de tensão biológico/cultural, consciente/inconsciente, uma teoria que não deveria, idealmente falando, psicologizar o homem com uma ideologia pronta, nem limitá-lo a um organismo reflexo, e muito menos, puramente racional ou emocional. O próprio complexo de Édipo, por exemplo, não passa de uma robusta metáfora utilizada por Freud para descrever uma estrutura emocional que se repete nas relações parentais a níveis ontológicos e culturais. Mas como afirma Adorno (1955/2015, p. 103), “toda a imagem do ser humano é ideologia, exceto a negativa”. Entretanto, para Adorno, é justamente nisso que Freud teria recaído: “O conceito de eu é dialético, psíquico e não psíquico, um fragmento da libido e de representante do mundo. Freud não tratou dessa dialética” (p.107). A apropriação da Psicanálise por Adorno não é realizada sem a crítica, e como tal, faz importantes considerações críticas sobre os limites dela.

Para Adorno (1927/2010), há dificuldades nas diferentes teorias psicológicas em tratar do tema do Inconsciente uma vez que elas possuem aversão a tudo aquilo que não pode se expressar quantitativamente, ademais, desembocam em uma teoria do conhecimento que necessita coisificar o psíquico para alcançar sua legitimação científica, tendo como resultado um posicionamento epistemológico de equiparar os fenômenos psíquicos com os materiais, que também já estão reificados. Nesse sentido, Adorno reconhece que Freud ao conseguir extrapolar os limites da psiquiatria, denuncia um problema considerável da teoria do conhecimento sendo realizado em sua época, atribuiu sentido aos mecanismos inexplicados pela psiquiatria, especialmente os atos falhos, percebendo como eles possuem uma origem inconsciente agindo sobre o consciente, e que não deveriam ser ignorados ou tomados como meras invenções por parte dos pacientes. Adorno afirma que o Inconsciente se mostra para nós a partir da experiência, e escreve:

Ahora bien, nuestras vivencias nunca pueden darse inmediatamente a otro, sino sólo a nosotros mismos. Por lo tanto, el recurso a lo dado inmediatamente, condición imprescindible para el conocimiento del inconsciente, debe efectuarlo

necesariamente el yo empírico, siendo en el complejo de la consciência de este yo empírico donde han de esclarecerse los hechos inconscientes- damos por supuesta nuestra fundamentación del yo empírico, de la <persona empírica> através de las leyes del yo fenoménico -. Pero este yo empírico es, en el caso de la terapia psicoanalítica, el enfermo. Este caso no sólo pede evidenciar la rigurosa conformidad del objetivo cognoscitivo del psicoanálisis con las condiciones y exigencias del método trascendental, sino que al mismo tiempo puede servir como ejemplo de la posibilidad de una interpretación epistemológica del psicoanálisis. (p.221).

A Psicanálise teria características semelhantes à doutrina transcendental da teoria do conhecimento, como tal, abriria espaço para que ela recaia no psicologismo tanto criticado por Adorno entre as diferentes teorias psicológicas. O Inconsciente freudiano confere ao psiquismo humano características imutáveis ao longo da história, um *status quo* psicológico, que, a partir disso, daria subsídios a Freud para a criação da segunda tópica do aparelho psíquico, passando a estabelecer de forma muito criteriosa as 3 instâncias psíquicas (Eu, Supereu e Isso). Tal mudança iria garantir à Psicanálise uma alta precisão teórica, de fato, mas que para Adorno seria uma extrapolação de seus limites teóricos e práticos. Talvez seja justamente por este motivo, além de outras críticas à Psicanálise, que Adorno concebe a ideia de Inconsciente de forma mais adjetiva do que substantiva, ao contrário de Freud quando o teoriza como uma instância psíquica muito bem definida.

O sujeito do Inconsciente freudiano poderia ter algumas diferenças em relação ao sujeito cognoscente, método da teoria do conhecimento proposta por Adorno para tentar superar os limites e dicotomias entre sujeito e objeto. A saber, Adorno (1969/1991) defende a primazia do objeto na tentativa de superar a ideia de sujeito transcendental na teoria do conhecimento proposta por Kant. Suas críticas a esse modelo dizem respeito ao sujeito idealizado, dotado de característica pré-estabelecidas completamente separadas do objeto de saber. Como diz Adorno, homem é resultado, não eidos. Como efeito disto, diz Adorno (p.183):

O espírito usurpa então o lugar do absolutamente subsistente em si, que ele não é: na pretensão de sua independência anuncia-se o senhoril. Uma vez radicalmente separado do objeto, o sujeito já reduz este a si; o sujeito devora o objeto ao esquecer o quanto mesmo é objeto.

Ou seja, na tentativa de separar o sujeito do objeto como suposta única forma de gerar conhecimento, uma vez que o objeto estaria livre das determinações subjetivas, o efeito

contrário acaba ocorrendo, reificando esse sujeito que passa a ser impossibilitado de ter uma genuína relação de conhecimento. Tal efeito ocorre por negar determinações importantes da reciprocidade desses dois elementos, sujeito e o objeto de conhecimento. Por adotar a postura de primazia do objeto, para Adorno é impossível separar ambos justamente por conta da mediação e da experiência do sujeito e do objeto, ambos concebidos de forma não idealizadas. Outro ponto fundamental mencionado por Adorno identifica-se quando afirma que:

somente a tomada de consciência do social proporciona ao conhecimento a objetividade que ele perde por descuido enquanto obedece às forças sociais que o governam, sem refletir sobre elas. Crítica da sociedade é crítica do conhecimento, e vice-versa. (p.189).

O sujeito transcendental é extraído do empírico, ele pouco tem a dizer do mundo, e dessa forma acaba se tornando apêndice da maquinaria social, e por fim, em ideologia. Dessa forma, as doutrinas idealistas até possuem uma parcela de verdade na medida em que tratam dessas relações sociais abstratas e desconexas dos indivíduos, que, de fato, ocorrem na atualidade, transformando-os também em ideologia, uma vez que a fixidez e a invariabilidade do sujeito transcendental que produz os objetos de conhecimento é a forma reflexa da coisificação dos homens nas relações sociais, colaborando para o que Adorno chamou de ilusão socialmente necessária.

Da mesma forma, a Psicanálise possui essa dupla característica em relação à teoria do conhecimento. É transcendental e ideológica quando Freud hipostasia elementos psicológicos como sendo invariantes ao longo da história, recai na ideologia ao conceber o histórico como invariável, e a realidade psíquica como história. Mas, simultaneamente, seria possível levantar a hipótese de que nessa condição, o sujeito do inconsciente conseguiria manter elementos da teoria do conhecimento que resguardam essa relação entre sujeito e objeto porque o sujeito do inconsciente também se constitui a partir da marca da violência histórica no homem, produto das contradições sociais que depositam em seu inconsciente esses elementos negados, permitindo então que se possa realizar a crítica social como crítica do conhecimento em seu processo histórico, tal como orienta Adorno. Independentemente da sua natureza, ele é produto direto de suas experiências e a construção do saber no indivíduo sobre o indivíduo, inclusive do seu inconsciente, é mediado por essa relação.

É possível observar tais críticas ao modelo freudiano ao analisar a crítica de Adorno à Horda primeva e ao mito do parricídio em Totem e Tabu. Para ele, isso constituiria tal primazia exagerada do psiquismo humano, que teria concebido a priori uma essência transcendental da natureza humana. Ao fim do texto Totem e Tabu, Freud escreve:

Concluindo essa pesquisa extremamente abreviada, seu resultado seria que no complexo de Édipo reúnem-se os começos da religião, moralidade, sociedade e arte, em plena concordância com a verificação psicanalítica de que esse complexo forma o núcleo de todas as neuroses, até onde elas foram acessíveis ao nosso entendimento (Freud, 1914, p.213).

Freud tenta horizontalizar os processos sociais com os psíquicos, mais do que isso, percebe a sociedade como uma consequência dessas estruturas psicológicas já concebidas ao ser humano por ele. E sobre isso Adorno escreve:

Não se deve reprovar Freud de ter desprezado o concretamente social, mas sim por ter se contentado de forma fácil demais com a origem social daquela abstração, com a fixidez do inconsciente, apreendida por ele como o caráter incorruptível do pesquisador da natureza. O empobrecimento através da interminável tradição do negativo fora hipostasiado por ele como uma determinação antropológica. O histórico se torna invariável, e o psíquico, por sua vez, realidade histórica. Na passagem das imagens psicológicas para a realidade histórica, Freud esquece as próprias modificações, descobertas por ele, de todo o real no inconsciente, e assim conclui equivocadamente por realidades factuais, como o parricídio pela horda primitiva. (Adorno, 1955/2015, p.96).

Adorno está acentuando algo que já havia sido mencionado na Dialética do Esclarecimento (Horkheimer & Adorno, 1947/2006a) sobre o anacronismo nas pesquisas de Freud em relação ao desenvolvimento da civilização. Para os autores, Freud teria erroneamente transposto a estrutura psíquica do homem por ele estudado na Áustria Vitoriana (sujeito do inconsciente produto de uma sociedade com um nível alto de repressão sexual), para as épocas mais remotas das origens da civilização, seus modelos explicativos partiriam então da compreensão desse sujeito levado ao passado. O principal impasse dessa perspectiva se dá no fato de que essa estrutura psíquica sequer existia, e conseqüentemente, não poderia desencadear a sociedade tal como Freud analisou. Na explicação dos autores na obra Dialética do Esclarecimento, o desenvolvimento dos rituais mágicos primordiais da civilização humana não teria sua origem na onipotência do pensamento do neurótico, mas sim já representavam a busca pelo conhecimento, e esclarecimento, do mundo. Não obstante,

pensamento e realidade não estavam separados e mediados por um conjunto simbólico linguístico que pudesse permitir tal dominação onipotente. Somente uma próxima etapa do esclarecimento, a ciência, seria capaz de tal cisão e onipotência a partir desse indivíduo marcado pelo seu narcisismo. De fato, é possível observar, especialmente no contexto das pesquisas clínicas, tais elementos de onipotência denunciadas por Freud, mas a transposição histórica atemporal representa uma tentativa exagerada da Psicanálise de expandir seus limites.

Em relação a isso, Adorno escreve que:

A felicidade receitada assemelha-se mesmo a isso; para partilhar dela o feliz neurótico tem que abrir mão do último punhado de razão que a repressão e a regressão lhe deixaram e, para agradar o analista, entusiasma-se indiscriminadamente pelo péssimo filme, pela comida cara e ruim no restaurante francês, pelo drinque sério e pelo erotismo dosado como sexo. (Adorno, 1944/2008 p.58).

Nesse sentido, seria concebível pensar em uma possível crítica à Psicanálise direcionada à prática clínica. A ideia de que a Psicanálise poderia oferecer a oportunidade de banalizar o sofrimento do analisando, oferecendo-lhe medidas corretas em seu aparelho psíquico para que ele goze da vida mesmo em meio a tanto sofrimento, que seria igual a todos, abstêm-se de criticar uma sociedade adoecedora, perdendo a possibilidade de ir além das determinações científicas clássicas de oferecer pacotes prontos de “certo e errado”, “saudável e doentio”, para as pessoas em busca de sua felicidade e o que acaba medindo o sucesso alcançado por esse indivíduo seria justamente a convivência com uma sociedade que na realidade, se apresenta de forma muito irracional para com os interesses de seus membros.

O valor adaptativo da Psicanálise, que iria aproximá-la de uma perspectiva ideológica do homem, ganha mais força dentro dessas pequenas incertezas e inconsistências, bem como seu constante empuxo em direção à ideia de normatização do psiquismo humano.

O preceito de Freud: “Onde isso estava, o eu deve advir”, contém algo estoicamente vazio, inevidente. O indivíduo adaptado à realidade, “sadio”, é tão pouco resistente às crises quanto o sujeito da racionalidade econômica é de fato econômico. Lógica socialmente irracional torna-se também individualmente irracional. [...] Na medida em que o curado se assemelha à totalidade insana, torna-se ele mesmo doente, mas sem que aquele que fracassa em ser curado seja por isso mais saudável (Adorno, 1955/2015, p.90).

Apesar de todo o potencial crítico que a Psicanálise possui, em conjunto, é possível se utilizar de seu conhecimento em prol da adaptação a uma sociedade onde tal adaptação é também o adoecimento do homem, e a Psicanálise não parece deixar claro exatamente se critica ou torna-se conivente a essa situação. Não obstante, após a morte de Freud, houve um congelamento de tais estruturas: é necessário pensar nas possíveis lacunas e perdas de categorias de análise que passam despercebidas pela Psicanálise ao se utilizar de uma tópica que provavelmente o próprio Freud já poderia ter revisto caso ainda estivesse vivo. Se a ideia de homem estudada por Freud já era anacrônica na época do desenvolvimento da Psicanálise, o que diria do homem atual?

Mas essa importante diferença teórica traz à luz uma questão que não seria respondida. Se, por um lado, o anacronismo freudiano não parece ser suficiente para entender as relações de onipotência que o homem antigo tinha com a natureza, continuamos sem uma resposta sobre a origem da antropomorfização na passagem da magia para a mitologia, uma vez que na próxima etapa do desenvolvimento do esclarecimento, as religiões passaram, inegavelmente, a serem regidas por deuses criados à imagem do próprio homem como nos mostra a história, especialmente no ocidente.

Talvez a resposta para essa lacuna resida em uma das consequências que os rituais da magia primitiva tenham deixado. Sendo eles regidos pela mimeses, ao replicar a grandiosidade da natureza por meio da imitação ritualística através de seu próprio corpo, o ser humano teria incorporado nele mesmo tal poder. É como se na busca por compreender e conter todo o mistério e força do mundo, o homem acidentalmente despertou em si mesmo seu potencial que iria diferenciá-lo de uma vez por todas dos outros animais, e que, posteriormente, seria incorporado por um aparato simbólico mais robusto que colocaria as religiões como o centro de organização sócio econômico e espiritual das civilizações. Apesar de causar essa subversão, transformando os deuses nos próprios homens (e vice-versa), as contradições desse processo de esclarecimento, como tão bem Adorno e Horkheimer postulam, continuaram, evidentemente. Ademais, tal posicionamento do homem em relação à natureza serviria como matéria prima evolutiva para o que futuramente poderia se transformar no narcisismo que testemunhamos na atualidade. Evidentemente que isso se trata de uma hipótese inicial que precisa ser investigada mais detalhadamente.

A própria ideia de “eu”, na realidade, é anacrônica por ser uma invenção um tanto quanto tardia na história da humanidade, e, como também aponta Adorno, já era mal

adaptado ao seu momento histórico quando Freud começa a formular a Psicanálise em sua época, afinal, somente nas rachaduras dessa ideia de indivíduo que Freud conseguiu perceber os mecanismos de funcionamento da mente humana.

Adorno ainda critica a segunda tópica freudiana, a saber, as instâncias psíquicas do Eu, Isso e Supereu, em detrimento do modelo mais dinâmico e menos normativo disponível na primeira tópica do Consciente, Pré-Consciente e Inconsciente. Para Freud, a transição entre essas tópicas contribuiu muito para a organização das dimensões dinâmica, topológica e econômica do aparelho psíquico e suas energias libidinais. Mas como consequência teria dado vazão à Psicanálise do Ego por estabelecer a contradição de que os mecanismos de defesa ora teriam que ser aliviados na neurose, ora reforçados na psicose. Adorno, ao tratar do Inconsciente, aparenta compreender tal fenômeno prioritariamente em sua dimensão adjetiva, e nem tanto como incluso no sistema tópico de Freud, amplamente criticado por ele. Como já descrito, adotar o posicionamento estabelecido por Freud, seria hipostasiar elementos do psiquismo humano como invariáveis.

Em Freud, os instintos mais primordiais da natureza humana representam forças pulsionais que precisam ser sublimadas para adquirir vias de escoamento socialmente aceitáveis. Adorno teria avançado na discussão sobre a natureza humana, o que marcaria um ponto de tensão importante entre os dois autores. Para Adorno, essa própria ideia de natureza, na realidade, também foi alvo de manipulações ideológicas que contribuem para uma relação não autêntica com ela. Adorno chama constantemente a atenção para que o homem não perca de vista que também é natureza, e como tal, possui determinações importantes nessa condição. Tal natureza, entretanto, não deve ser vista como um ponto de chegada pré-definido e limitadora da experiência humana, tão pouco, a natureza deve ser interpretada como resquício do selvagem anti-civilizatório que precisaria ser negado a todo custo. Deve haver um processo de reconciliação com a condição humana que não deixou de ser natureza em momento algum na história, e que essa natureza se inscreve, irrevogavelmente, em processos sociais, que nos permite indagar sobre essa própria condição. A suposta neutralidade da natureza se realizada nessa condição de reconciliação com essa natureza, que deixa de servir como desculpas para a violência, ou como modelo ideológico de uma pureza espiritual fantasiosa. O ser humano ultrapassou barreiras no que tange seu desenvolvimento jamais alcançada por qualquer outra espécie. Mas isso de forma nenhuma nos deixou menos



natureza. É como se fosse da própria natureza humana desafiar sua própria condição enquanto tal, extrapolando cada vez mais os seus limites.

Se a primazia da psicologia se mostra ideológica, não negativa, seria necessário realizar uma inversão para perceber em qual ambiente esse indivíduo se constitui. A obra *Dialética do Esclarecimento* (Horkheimer & Adorno, 1947/2006a) oferece uma perspectiva dialética desse processo histórico. Os autores estudam como que na história do desenvolvimento da nossa civilização fomos cultivando uma violência estrutural que vêm se configurando de formas diferentes com o passar do tempo. Para os autores, a base da civilização está calcada no medo, mais primordialmente no medo da própria natureza que, devido a suas leis naturais e imprevisibilidade, deixam os homens a sua mercê. Para se livrar disso, por meio do esclarecimento, o homem conseguiu, gradualmente passando por diversos estágios como a magia, o mito, a filosofia e a ciência, dominar essa natureza e criar um sistema cultural permitindo o estabelecimento de repetições controladas. Porém, o esclarecimento é um movimento dialético que ao mesmo tempo que progride, também regride, e como o ser humano se recusa a abrir mão da dominação, não se reconcilia com a natureza para perceber o movimento contraditório do próprio esclarecimento, a dominação da natureza acabou revertendo-se em dominação do próprio homem, que também é natureza negada. O homem é integrado nessa natureza, mas vivemos em um sistema criado por nós, e cuja dominação passa a nos afligir por meio de repetições irracionais que perpetuam o desejo de dominação. Nesse movimento, não superamos o medo, apenas o maquiemos em um processo que converte a dominação da natureza em dominação da nossa própria cultura, que, conseqüentemente, recai em dominação da nossa natureza.

O Inconsciente seria um precipitado histórico/subjetivo do indivíduo na medida em que se desenvolve em uma sociedade repleta de elementos conflituosos que lhe causam essa divisão entre consciente e inconsciente, uma vez que essa sociedade também é historicamente dividida, marcada por contradições e proibições, a civilização humana carrega também um precipitado de conteúdos ambivalentes provenientes do Esclarecimento. E dessa forma que Adorno chega a essa formulação de que “no inconsciente sedimenta-se aquilo que no sujeito sempre fica para trás e que tem que pagar as contas do progresso e do esclarecimento” (1955/2015, p.95). Até o presente momento, foi possível perceber como em Freud, é possível notar o peso que a história da nossa civilização exercer sobre nossa estrutura psíquica, porém, não de forma muito clara e tomado como objeto de investigação direta por

ele, mas em Horkheimer e Adorno é possível detalhar esse processo de constituição do que seria a segunda natureza humana, produto dialético de diversos conflitos históricos que passam a compor o inconsciente humano, novamente, não como um inconsciente coletivo, mas como um depositário de conflitos reais que fazem constantes cicatrizes da existência humana por meio da repetição.

No Excurso 1 da *Dialética do Esclarecimento* (Horkheimer & Adorno, 1947b/2006), os autores analisam como a figura do Ulisses demonstra ser o que denominam como sendo o protótipo do indivíduo burguês; nessa condição, a sua história ilustra o processo que até então vem sendo descrito, de um inconsciente marcado pela história, mais especificamente, uma história de violência. O herói Ulisses, ao longo de toda sua viagem, vai deparando-se com inúmeros desafios e, por não ser particularmente forte, deve superá-los utilizando sua astúcia, forjada às custas do constante sacrifício próprio e também daqueles que o cercam: Ulisses, o protótipo do indivíduo burguês e do homem contemporâneo, é um herói que se constitui em um processo dialético; suas conquistas também são acompanhadas de importantes perdas, na renúncia de desejos.

A história de Ulisses é repleta de encontros que constantemente lhe exigem grandes esforços físicos e psíquicos para serem superados. Os autores encontram nessa épica de Homero a proto-história do indivíduo atual. Horkheimer e Adorno afirmam que na base da astúcia utilizada por Ulisses para conseguir vencer os desafios impostos a ele está o sacrifício, seja o seu próprio, ou dos que o cercam. Quando já no início do texto os autores escrevem que “O navegador Ulisses logra as divindades da natureza, como depois o viajante civilizado logrará os selvagens oferecendo-lhes contas de vidro coloridas em troca de marfim” (Horkheimer e Adorno, 1947b/2006, p. 50), já entonam todo o texto que demonstrará essa estreita relação entre Ulisses e o que viria a se tornar o indivíduo burguês: as conquistas desse processo, bem como o preço a ser pago por elas.

O próprio sacrifício, na realidade, já seria uma marca da subjugação sofrida pelos indivíduos que precisam repetir a injustiça que lhes incidem, a dominação da natureza, que se torna dominação da natureza do próprio homem. Por este motivo, Ulisses consegue ser simultaneamente a oferenda do sacrifício e aquele o oferece, ou, nas palavras de Horkheimer e Adorno a vítima e o sacerdote do sacrifício: como resultado, ambiguidade e contradição como efeitos dessa dominação são praticamente inevitáveis, o sacrifício como preço a se pagar pela própria vida a torna esvaziada de sentido. Essa é a trajetória de Ulisses, que iria

anunciar a nossa própria. Para os autores, a história da civilização seria justamente a história da introversão do sacrifício, fazendo com que os indivíduos sejam filhos da violência histórica que molda sua subjetividade ao longo dos anos:

A transformação do sacrifício em subjetividade tem lugar sob o signo daquela astúcia que sempre teve uma parte no sacrifício. Na inverdade da astúcia, a fraude presente no sacrifício torna-se um elemento do caráter, uma mutilação do herói astuto arrojado pelo mar e cuja fisionomia está marcada pelos golpes entre o espírito e a força física. (Horkheimer, Adorno, 1947b/2006, p.54)

Ainda sobre o sacrifício, eles denunciam o elevado preço a ser pago nele, e escrevem:

O domínio do homem sobre si mesmo em que se funda o seu ser, é sempre a destruição vital do sujeito a serviço do qual ele ocorre; pois a substância dominada, oprimida e dissolvida pela auto conservação, nada mais é senão o ser vivo, cujas funções configuram, elas tão somente, as atividades da auto conservação, por conseguinte exatamente aquilo que na verdade devia ser conservado. A antirrazão do capitalismo totalitário, cuja técnica de satisfazer necessidades, em sua forma objetualizada, determinada pela dominação, torna impossível a satisfação de necessidades e impele ao extermínio dos homens – essa antirrazão está dissolvida de maneira prototípica no herói que se furta ao sacrifício sacrificando-se. (Horkheimer & Adorno, 1947/2006b, p.54).

Assim como Ulisses, o indivíduo abre mão de si mesmo para garantir sua sobrevivência em um mundo que os domina com tamanha maestria, passando a acreditar que a mera sobrevivência já é o suficiente para garantir a satisfação. O verdadeiro potencial como indivíduos não pode ser realizado e a vida fica resumida à sobrevivência, os sacrifícios necessários para manter a vida em sociedade são levados até as últimas consequências, convertendo-se em uma dominação exacerbada, carregada de tensões e conflitos que vêm sendo arrastadas ao longo da história da civilização de forma pertinente.

Na base do ato do sacrifício está a ideia de uma troca que, por sua vez, depende da necessidade de realizar uma falsa equivalência entre as partes, configurando assim uma inerente injustiça nesse processo que acaba por anular as diferenças constituindo a perda da identificação com si mesmo. A sociedade administrada em que vivemos é regida por esses princípios que possuem tal mecanismo em sua superestrutura, especialmente ao considerarmos a Indústria Cultural que medeia nossa relação com a cultura. Como alguns exemplos, temos a explícita disparidade entre as diferentes classes de trabalhadores

acompanhados simultaneamente de um discurso global ideológico com intuito apagar esses problemas inerentes à divisão do trabalho, tentando vender a ideia de que todos contribuem de forma igual para o bem-estar social. O já mencionado repúdio às diferenças ganha corpo nos constantes ataques que grupos de minorias sofrem em nossa sociedade. A dificuldade que os indivíduos apresentam para criticar essas bases contraditórias talvez seja evidência da bem-sucedida apropriação do inconsciente, impossibilitando assim, a percepção das motivações inconscientes que reforçam o status quo, assim;

Todo sacrifício é uma restauração desmentida pela realidade histórica na qual ela é empreendida. A fé venerável no sacrifício, porém, já é provavelmente um esquema inculcado, segundo o qual os indivíduos subjugados infligem mais uma vez a si próprios a injustiça que lhes foi infligida, a fim de poder suportá-la. O sacrifício não salva, por uma restituição substitutiva, a comunicação imediata apenas interrompida que os mitólogos de hoje lhe atribuem, mas, ao contrário, a instituição do sacrifício é ela própria a marca de uma catástrofe histórica, um ato de violência que atinge os homens e a natureza igualmente. (Horkheimer & Adorno, 1947/2006b, p.52).

Ocorre uma extensa racionalização em relação ao controle da própria vida, apagando qualquer possibilidade de existência diferente daquela que se reduz à mera sobrevivência regida pela ratio. A percepção desse fechamento da vida é percebida pelos indivíduos que precisam arranjar algum mecanismo de escoamento para lidar com tais frustrações que os afetam ao nível inconsciente.

Para os autores, apesar da ratio recalcar a mimese, ela, na realidade, transforma-se também em instrumento da própria dominação. O controle da natureza se concretiza na medida em que a ratio se torna a repetição do que já está morto, completando a qualidade cíclica desse mecanismo que tem como sua maior violência, a morte das outras possibilidades que não seja a já estipulada, transformando o homem em uma espécie de "homunculu"; assim como a figura descrita pelos alquimistas, os homunculi são criações do próprio homem, mas não passam de imitações esvaziadas, tentativas incompletas de obter a essência humana e que não se realiza por completo, uma repetição empobrecida daquilo que já está derrotado, uma vez que a motivação de sua criação seria a própria insatisfação dos homens consigo mesmo.

A avaliação das relações de força, que de antemão coloca a sobrevivência na dependência por assim dizer da confissão da própria derrota e virtualmente da

morte, já contém in nuce o princípio da desilusão burguesa, o esquema exterior para a interiorização do sacrifício, a renúncia. (Horkheimer & Adorno, 1969/1991, p. 55).

Assim como Ulisses precisa fazer constantes renúncias para garantir sua sobrevivência, tal como é na nossa atualidade aonde a sobrevivência em uma sociedade hostil implica também em semelhantes renúncias. O incômodo não advém apenas no desconforto imediato nas consequências de uma vida limitada à sobrevivência, mas principalmente da consciência desse mecanismo enlouquecedor do qual não há aparente saída. Essa condição, no entanto, não pode nem sequer ser nomeada, sendo então escamoteada para os confins do inconsciente.

As figuras mitológicas da épica de Homero fornecem pistas das diferentes ressurgências de conteúdos históricos que outrora foram negados ao longo do tempo em sua dimensão social: "Os monstros míticos em cujo o poder ele cai representam, sempre, por assim dizer, contratos petrificados, reivindicações pré-históricas". (Horkheimer, Adorno, 1947b/2006, p.56). Homero provavelmente já era produto desses conflitos, sua obra apesar de possuir elementos proféticos, Ulisses, como protótipo do indivíduo burguês, é, antes disso, um produto dos incômodos concretos dos homens de sua época. De qualquer forma, para os autores, quando tais figuras míticas demonstram ser obrigadas a cumprir de forma compulsória a mesma tarefa, os autores já percebem as origens do que seriam as relações jurídicas aprisionadas em um ciclo de equivalência entre a maldição, o crime, e a culpa, que é capaz de reincidir o ciclo. Tal ciclo fica impossibilitado de refletir sobre si mesmo, na sua ineficiência e responsabilidade como sendo também origem daquilo que tanto briga contra. Entretanto, este ciclo é justamente um dos alvos da astúcia de Ulisses, que arranja maneiras de desafiar tais estruturas.

A passagem da épica em que Ulisses precisa atravessar o território das sereias detentoras de um canto extremamente sedutor, responsável pelo naufrágio das embarcações, apresenta uma forma ardilosa que Ulisses se vale para sobreviver ao encontro. Ele ordena que seus homens tapem seus ouvidos com cera, os impedindo de experimentar o canto tão perigoso que poderia divergi-los de sua rota enquanto remam, Ulisses, por sua vez, ordena que seus homens o amarrassem no mastro da embarcação. Com essa configuração inusitada, Ulisses se entrega, mas não completamente, ao canto das sereias descobrindo uma forma de entregar-se ao mesmo tempo em que se preserva, sua experiência é controlada, limitada e

amordaçada, chega a experimentar do proibido na medida em que faz uma censura de si mesmo. Em contrapartida, o resto da sua tripulação, com os ouvidos cerrados, sequer possui tal chance, são proibidos de tal prazer. Ademais, esta passagem ainda possui, de certa forma, uma cômica relação com um ditado popular comumente utilizado na atualidade: “Estamos todos no mesmo barco”. De fato, até certo ponto isso é verídico, mas como o cenário vivido por Ulisses ilustra, ocupa-se lugares diferente nessa embarcação, e conseqüentemente, possuem também diferentes privilégios, tal proposta de horizontalidade não passa de uma ilusão que tenta camuflar a disparidade nas relações: o sofrimento até pode ser para todos, mas não da mesma forma.

A passagem da Odisseia que descreve os lotófagos ajuda a compreender melhor essa ideia de como o prazer não pode ser experienciado plenamente. Como descrito na obra, as conseqüências de ingerir as flores de lótus é um estado pleno de satisfação e felicidade, e o proibição a ser evitada seria de que nesse estado entorpecido os homens ficariam aprisionados em um ciclo hedonista. Na realidade é o próprio prazer que é proibido, a ideia de uma existência marcada pela simples satisfação e felicidade, é vista com asco e precisa ser repudiada, o discurso da racionalidade burguesa seria então capaz de oferecer uma explicação suficiente para demonizar tal existência: é a preguiça, retorno a um estágio regredido da condição humana como animais que se contentam com pouco, onde este pouco, na realidade, é o próprio prazer pleno da natureza. O esquecimento é um outro elemento que reaparece em diversos momentos para Ulisses. Como se houvesse um esforço para que ele se desconecte de outros eventos da sua vida e fique aprisionado em um “aqui e agora” e possivelmente o isola de refletir sobre sua própria história. E assim é o indivíduo contemporâneo, que a cada dia que passa, está mais atarefado, torna-se um fragmento isolado da sua própria história, incapaz de refletir sobre sua condição enquanto sujeito histórico. Ele esquece de si mesmo, da sua história e está constantemente entorpecido pelo aqui e agora que lhe consome todas as energias, deprimindo as possibilidades de alcançar qualquer transcendência de seu ser.

O sistema jurídico contemporâneo ainda continua a ser um bom exemplo de como em meio a tanta burocracia, insuficiências, valor interpretativo e contradições, se sai melhor aquele que, assim como Ulisses, de forma mais astuciosa consegue se aproveitar dessas falhas.

Com a dissolução do contrato através de sua observância literal, altera-se a posição histórica da linguagem: ela começa a transformar-se em designação. O destino mítico, *fatum*, e a palavra falada eram uma só coisa. A esfera das representações a que pertencem as sentenças do destino executadas invariavelmente pelas figuras míticas ainda não conhece a distinção entre palavra e objeto. A palavra deve ter um poderio imediato sobre a coisa, expressão e intenção confluem. A astúcia, contudo, consiste em explorar a distinção, agarrando-se à palavra, para modificar a coisa. (Horkheimer, Adorno, 1947b/2006, p.57).

Talvez esse elemento da astúcia seja uma das suas maiores conquistas, dando a linguagem um poder de plasticidade inimaginável e que iria dar origem ao pensamento burguês por meio do nominalismo e formalismo. Porém, esse giro linguístico adquirido pela astúcia o fez reincidir na repetição mágica da palavra: novamente a dialética mostra-se inerente nesse processo. A super-relativização conceitual a serviço da *ratio* demonstra que essa transformação na linguagem ainda não livrou o homem de uma relação fetichiosa com a linguagem, sendo, ainda, dominado por ela. Como resultado, as relações entre conceito e experiência, particular e universal, ficam cindidas enquanto mediadas por um sistema simbólico que domina o homem, ao invés de ser o campo de seu domínio, a linguagem enquanto instrumento para alcançar o esclarecimento da civilização acaba tornando-se um traçoeiro labirinto. Aquele que tem o dom da palavra, possui o poder de gerar conhecimento e até mesmo de dominar o outro, entretanto isso só ocorre a favor de um sistema que irá validar ou não o dito, recaindo, mais uma vez, na repetição do que já está morto. É justamente por este motivo que Ulisses só escapa do ciclope na medida que o convence que seu nome é “Oudeis” (ninguém), ele paga o maior de todos os tributos para garantir a sobrevivência: sua individualidade. Existe uma imensa dificuldade em nomear aquilo que se precisa, que deseja. Simultaneamente, uma facilidade gigantesca em destituir palavras de seus significados, atribuindo a elas novos, cujo o encaixe semântico existe apenas para construir uma falácia. A palavra é poder, mas simultaneamente, é total submissão. A racionalidade tornou-se um grande aliado da linguagem para as construções ideológicas contemporâneas, que, em muitos casos, dependem de um encobrimento racional para esconder a irracionalidade presente no discurso. Já o ciclope Polífemo representa a pré-história, sua aparência e estilo de vida remetem a épocas mais primitivas, e conseqüentemente, percebidas como inferiores e que precisam ser vencidas em nome do progresso civilizado.

Horkheimer e Adorno percebem os esboços do *homo oeconomicus* na passagem dos dois naufragos que a partir do saque, utilizam o que salvaguardam para um novo

empreendimento: tal como o empresário moderno, ele não conquista seu sucesso unicamente pelo seu trabalho honesto. Quando os autores complementam essa passagem escrevendo que “sua impotência em face da natureza já funcionava como justificação ideológica de sua supremacia social (Horkheimer, Adorno, 1947b/2006,p. 59)”, novamente chamam a atenção dos efeitos da quase realização da verdadeira impotência que o homem sofre, conseqüentemente, para apaziguar o incômodo, se utilizará de qualquer artifício para justificar o ciclo de dominação, dando surgimento, então, para diferentes ideologias que cumpram essa função mascarando as verdadeiras mecanismo e intenções que o dominam. As transformações socio econômicas continuam ocorrendo ao longo dos anos, de fato, mas estruturalmente, a semelhança é muito maior do que se gostaria de admitir. A perspectiva teleológica do empreendedorismo também encontra sua justificativa nesse modelo, onde a “possibilidade da ruína é a justificação moral do lucro” (idem).

A passagem de Ulisses pela ilha de Circe revela a ambigüidade do papel que a mulher carregaria por toda a história. Novamente, sendo orientado pela sua astúcia conseguindo fugir da punição na medida em que a cumpre, Ulisses convence Circe a se deitar com ele, mas em troca ela oferece o desdém para o prazer nesta relação, selando com sua friidez uma separação histórica entre o prazer e o amor. A dominação se expressa aqui na dominação da mulher, de seu corpo e afetividade. Ela é um semelhante, mas cujas diferenças conseguem oferecer um prazer sexual específico que passa a ser adquirido através dessa relação. Dessa forma que a prostituição conseguiu ter uma presença tão marcante ao longo de toda a história, possuindo seus elementos advindos por esta passagem de Ulisses pela ilha de Eeia. Existe o desejo pela mulher, mas é um desejo superficial e primariamente vivido apenas por uma das partes que domina a outra, para esta, resta a subjugação, cumprir a tarefa se privando do prazer: ela pertence ao outro, e a satisfação desse encontro não pode ser vivido de forma mútua. A demanda pela prostituição é tão forte quanto a repudia a ela, realizada justamente por aqueles que a consomem. A prostituição não deve ser criticada por representar uma liberdade sexual diferente (e considerada imoral) da conservadora tradicional, porque não é isso que ela realiza. Nessa condição, a mulher (e claro, não apenas ela) tem sua existência transformada em objeto de dominação, e como tal, precisa manter essa posição de suposta inferioridade, a principal função da prostituição talvez não seja de realizar o prazer carnal, mas sim o da própria dominação. Ironicamente, a prostituição ainda é exemplo esdrúxulo de um dos preceitos capitalistas mais banais: a lei da demanda e da oferta. Por que será que uma



sociedade que tanto se gaba por ser avançada, moralizada e de bons costumes cristãos tão tradicionais seria capaz de gerar um mercado tão prolífero como este? O óbvio é velado, pois a mentira que dele advém representa um conflito que a cultura ainda não está preparada para superar.

Já em Viena, no período Vitoriano que Freud viveu, ele pode caracterizar um sintoma em seus pacientes que seria a versão moderna de conflitos advindos dessa passagem da Odisseia: a cisão entre a corrente afetiva e a sexual das relações amorosas, ou seja, a incapacidade dos indivíduos de sentirem o desejo sexual e o afetivo pela mesma pessoa. A atualização do sintoma ainda revela sua origem estrutural, pois o processo de sedimentação no inconsciente encontra nas relações contemporâneas sua ressurgência.

O inconsciente, parte constituinte do ser humano dividido, seria uma consequência lógica desses processos regidos por contradições, dominações e privações que Ulisses, protótipo do homem burguês, anuncia em sua história. Uma cisão praticamente inevitável da psiquê humana e que ao longo do tempo foi modificando-se a depender das especificidades de cada contexto.

O desenvolvimento do homem teria sido pelas vias do que Adorno denomina uma segunda natureza. Aquilo que Freud teria identificado como atemporal e transcendental ao homem, na realidade seria uma violência histórica sendo cometida a ele e, ao mesmo tempo, por ele, a sua própria natureza negada, tal como demonstra Ulisses. Apesar do processo de esclarecimento estar intimamente ligado a essa ideia, Adorno trabalha essa questão diretamente em seu texto *La ideia de história natural* (1991), elaborando o conceito de História Natural que dá título ao texto a partir do conceito de Segunda Natureza, um tema que continua a estudar junto com Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento*, sobre a dominação da natureza. Adorno rejeita a compreensão da história como uma linha ascendente que implica em uma ideia de constante “evolução” que necessariamente ultrapassaria etapas lógicas e pré-definidas: ele busca uma compreensão dialética que consiga suprir a antítese estabelecida entre natural e história. Adorno define o conceito de natureza como sendo próximo ao de mítico na filosofia: aquilo que estaria dado desde sempre e o que há de substancial, enquanto que a história seria a produção do qualitativamente “novo” e conduta a ser transmitida. O autor busca superar a noção de uma história natural que não apenas tenta transformar o que é determinado historicamente como natural, mas que

também teria substituído a própria natureza humana pela denominada segunda natureza, marcada pela violência desde os tempos mais primordiais.

A ideia de segunda natureza abriria espaço para se pensar dois pontos importantes sobre a Psicanálise. Primeiramente, e como já mencionado, de que Freud teria hipostaziado algumas características humanas, tomando-as como naturais e pré-existentes da própria condição natural humana (transcendental). Além dos exemplos já citados, pode-se incluir também o conceito de pulsão de morte, Thanatos, e quiçá a própria ideia de inconsciente que na realidade, seriam marcas dessa segunda natureza. Em segundo lugar, quando se pensa o papel do mito e como a Psicanálise se relaciona com ele, percebemos elementos dialéticos no qual ele, o mito, não se apresenta apenas como elemento proto-histórico determinista, mas também em sua forma dialética com a atualidade histórica possibilitando ressignificação subjetiva em cada um dos indivíduos, concomitantemente, desvelando os rastros das relações sociais contemporâneas, cenário onde tais repetições ocorrem.

Há uma ruptura na percepção histórica imutável da natureza que, de acordo com Adorno, deve ser percebida em seu momento histórico e, evidentemente, de forma dialética. Ademais, os mitos da modernidade também são verdadeiros na medida em que o próprio mundo passa a ser mito, contribuindo mais para um contexto de ofuscamento do arcaico. Dessa forma, assegura-se o que Adorno considera como o caminho adequado para se realizar essa análise, a saber de que “[...] de lo que se trata no es de lograr contrucciones de modelos historicos por épocas, sino de alcanzar a ver la facticidad histórica en su misma historicidad como algo histórico-natural.” (Adorno, 1932/1991, p127-8).

Quando Freud diz, em *Mal-estar da Civilização* (1930/2010), que é necessário que o homem renuncie a diversos instintos para conviver em sociedade, a veracidade de tal afirmação se dá justamente ao considerarmos os constantes conflitos sociais que vivenciamos, que evidenciam de forma constante essa necessidade de renúncia. Entretanto, quando consideramos a análise histórica de tendências sociais apontadas por Adorno revelando essa violência responsável por instituir a denominada segunda natureza, podemos abandonar a postura de que é impossível qualquer chance de mudança, e que tais conflitos não residiriam na natureza do próprio homem, sendo possível sim buscar modificações históricas e subjetivas significativas se não perder de vista a crítica histórica e social que o próprio homem carrega em suas relações:

Enquanto a ratio econômica for parcial e a razão do todo, questionável, serão empregadas forças irracionais para sua perpetuação. A irracionalidade do sistema irracional transparece na psicologia do sujeito sujeito. A doutrina do comportamento racional leva a contradições. (Adorno, 1955/2015, p.79)

A Psicanálise chega a denunciar a humilhação e a falta de liberdade humana, mas deixa escapar de seu alcance sua crítica ao perceber tal condição como invariável antropológica e não como possibilidade histórica. Assim, como hipótese, seria possível considerar um processo de subversão que parte da denúncia de Adorno em relação a psicologização do social realizada por Freud: a civilização humana não seria um reflexo e produto dos conflitos psicológicos da natureza humana, daquele que sempre foi dividido entre consciente e inconsciente, mas sim o contrário: o ser “está” inconsciente, e essa estrutura talvez se configure como uma consequência lógica da história irracional da nossa civilização que também passa a depositar no homem esses mesmos elementos, imbuindo-o dessas contradições dialéticas em seu precipitado psíquico. O ser humano, como produto histórico dessa civilização, teria desenvolvido o inconsciente como um extremo mecanismo de defesa do seu psiquismo para conseguir lidar com tais conflitos sociais que constantemente negaram sua natureza primeira, substituindo-a por uma segunda constituída por meio da violência. Marcado por esse processo, sem escolha, acabou por representar em seu próprio corpo essa divisão entre o dito e o não dito, o desejado e o imposto, o permitido e o negado, dando luz ao inconsciente.

Esse Inconsciente que Freud teoriza, e até certa medida, que Adorno toma como um de seus elementos de análise e crítica social, carrega em si a ambiguidade. O inconsciente é um impasse na medida em que é a marca da dominação histórica, subproduto do processo de esclarecimento, e constantemente representa os limites impostos na experiência humana que sempre vislumbra seu potencial não realizado. É ainda instrumento de dominação justamente por conta desse processo que lhe possibilitou existir: a violência que nele está presente, não é dormente, e precisa encontrar vias de satisfação na tentativa de ser elaborado pelos indivíduos. Mas também é possibilidade de emancipação por representar, no indivíduo, essa dialética contraditória, que também é a contradição da nossa história e cultura. Incorporado nesse indivíduo, carrega o potencial para denunciar tal violência, ele é produto de uma constante inquietude. Representa um não dito sussurrante e que precisa ser escutado e explorado, e em suas características, constantemente permite brechas para essa análise: o

potencial de denunciar a violência e possivelmente indicar, também, possibilidades de superação. A marca da segunda natureza que constantemente provoca a possibilidade de uma existência não repressiva, mas sempre negativa e talvez livre da violência histórica.

Se esse modelo de sujeito do Inconsciente denunciado por Freud já estava em crise quando ele o criou, devido a dificuldades em sua adaptação à sociedade vitoriana quando começou a olhar para as históricas, é necessário indagar as modificações geradas pela atual conjuntura social em que vivemos, a saber, a Sociedade Administrada que aparenta capturar esse inconsciente para sustentar seu dispositivo ideológico. E talvez nesse âmbito não seja incorreto levantar a hipótese de uma reclamação de posse, quando a sociedade toma para si, aquilo que sempre lhe pertenceu: o inconsciente do homem, para melhor servir a organização ideológica da nossa sociedade. Não se pode perder de vista, porém, que uma vez produto dessas contradições, carrega em si a potencialidade para a mudança, pois a sua cisão não serve apenas como uma denúncia, mas também como ponto de tensão crítica.

Assim, os momentos da realidade social mais importantes, isto é, mais ameaçadores e por isso recalcados, penetram na psicologia, no inconsciente subjetivo, mas transformados em imagens coletivas, tal como Freud demonstrou // nas conferências no Zepelin. Ele o coloca naquela série de imagens arcaicas, cuja descoberta Jung tomou-lhe de empréstimo, a fim de destacá-las totalmente da dinâmica psicológica e pregá-las normativamente. (Adorno, 1955/2015, p.134).

Esses conteúdos são depositados na psiquê humana e possuem sua ressurgência naquilo que formaria o mito, que carrega em seu traço elementos da realidade objetiva negada e silenciada, possuindo um impulso ao reaparecimento; seu completo esquecimento não é possível, e a irracionalidade presente nesses conteúdos talvez seja um elemento que contribua para essa impossibilidade. Ademais, nessa passagem, novamente, Adorno ainda faz uma crítica direta à ideia de inconsciente coletivo de Jung por retirar a primazia social desses conteúdos para conferir-lhes um valor psicológico e transcendental. Não apenas uma visão um tanto quanto romantizada do ser humano, mas também utilizada de forma normativa.

Esse é o indivíduo, mal adaptado e adoecido pelas pressões sociais que Freud utilizara para perceber o Inconsciente e criar a Psicanálise. Quando perde de vista essa descoberta, a Psicanálise também perde sua potencialidade crítica e passa a favorecer a adaptação do homem. Adorno reconhece a crítica que os revisionistas teriam feito a Freud quando dizem que ele teria negado o peso que a determinação objetiva do sentimento de impotência que,

de fato, é verdadeiro e com fontes no âmbito da própria sociedade. Entretanto, tal experiência de impotência é recalcada e utilizada para que o homem possa fugir de enfrentar essa sua impotência; psicologia do Isso mobilizada pela psicologia do Eu como instrumento de demagogia das massas.

Finalizando essa primeira etapa do presente estudo, é possível considerar que Freud pode demonstrar ao estudar o inconsciente o preço que o psiquismo paga ao ser o palco de um conflito, percebido por ele como irreconciliável, das pulsões individuais e das determinações sociais, marcadas por contradições, restrições e ambivalências. Freud já havia notado o papel que uma sociedade repressora possui nesse processo de insatisfação, mas o teor de sua crítica social não se realizou com tanta robustez como a sua crítica psicológica. A primazia social de Adorno, por sua vez, questiona justamente a estrutura social, mais especificamente, como alcançou esse estatuto através do processo histórico do movimento realizado pelo esclarecimento, sedimentando assim, o preço que a sociedade paga pelos conflitos do progresso. Se em *Mal-estar da Civilização*, Freud se contenta em apenas descrever as implicações psicológicas nos indivíduos que vivem em de uma sociedade danificada em troca de segurança, Adorno em seus estudos não se contenta em atribuir qualidade imutável para os processos sociais, investigando então as origens mitológicas dos conflitos que hoje se fazem presentes.

Em relação ao inconsciente, Adorno concorda com Freud ao afirmar que a ideia de um inconsciente coletivo, que extrapola os limites materiais e ontológico de forma transcendental, não poderia existir. O Inconsciente possui, no entanto, duas dimensões. A primeira, a histórica/cultural, das contradições do progresso que negam a dominação resultante do processo do esclarecimento, ela sedimenta na história as irracionalidades do progresso, o não dito, o que não pode ser reconhecido, e como tal, se mantém em um estatuto estrutural influenciando as transformações sociais que, como a *épica* de Homero já demonstrava, recaem em repetições veladas.

A segunda, nos indivíduos e regida pelo recalque, é resultado direto das interações que este terá ao longo de toda a sua vida com essa cultura que carrega em sua estrutura a marca dos diversos conflitos instaurados ao longo do tempo. A sua psiquê se torna resultado direto da contradição, processo dialético entre as diferentes forças endógenas e exógenas, e seu inconsciente, subproduto do esclarecimento: é a marca da ambivalência histórica que se converte em ambivalência individual. Por esse motivo a noção de segunda natureza é de suma

importância para compreender essa relação entre indivíduo e a cultura da qual advém. Sua fragilidade, provavelmente não é inerente a sua condição natural humana, essa há muito se perdeu, restando apenas os mitos que são capazes de fornecer vultos da nossa história mais antiga. A relação material, diretamente proveniente da natureza é atravessada por fortes determinações culturais que, de forma recíproca, também sofre alterações ao longo do tempo.

Essa breve investigação fornece vias para análise de alguns desses conteúdos que foram sedimentados na história da civilização e que passariam a fazer parte também do inconsciente individual. Entretanto, as transformações sociais são muito significativas para serem ignoradas, sendo necessário investigar também algumas dessas mudanças contemporâneas nessa estrutura de dominação.

### 3 DO INDIVÍDUO FRAGILIZADO AO “NÃO-INDIVÍDUO”

Até o momento, foi estabelecida, uma breve investigação de elementos fundamentais que ajudam a pensar o conceito de inconsciente e alguns dos mecanismos nos quais ele está envolvido. Sua estrutura é constituída ao longo do tempo na espécie humana, a partir do processo que pode ser considerado a segunda natureza, marcada pela violência da dominação. Um depósito de elementos contraditórios da história do progresso e que ainda possui forte influência no psiquismo humano. Tendo como apoio as discussões do capítulo anterior, é possível explorar mais detalhadamente os mecanismos envolvidos na apropriação do inconsciente em sua dimensão mais subjetiva, por quais vias o mecanismo de dominação se expressa na vida psíquica das pessoas, diminuindo suas potencialidades críticas e conseqüentemente, suas possibilidades de resistências.

Nessa condição de dominação, as pessoas sofreriam uma depreciação da sua capacidade de construir a sua própria individualidade; dotadas de consciência crítica sobre sua própria condição enquanto membros únicos de uma sociedade em constante transformação. Em uma sociedade palco de inúmeros conflitos e contradições sociais, ao invés de promover a emancipação de seus membros, anestesiam as possibilidades dos indivíduos de sequer reconhecerem a necessidade de criticar as estruturas contraditórias que os atacam regem suas vidas. Entretanto, o aparato de domínio dos homens só poderia ter sucesso se ele também fizer parte da psicologia do próprio indivíduo, se a sociedade utilizasse apenas da coerção externa, não seria capaz de obter o mesmo sucesso. Fazendo parte de sua própria estrutura psíquica, as pessoas passam a ser cúmplices antes mesmo de sequer notarem que há um perigo a ser combatido. Mais especificamente, o foco do presente capítulo será investigar justamente como ocorre a fragilização dos indivíduos pela própria sociedade para que o seu inconsciente seja mais facilmente manipulado para fins de dominação.

O conceito de indivíduo aqui utilizado parte de um sujeito compreendido em suas dimensões filogenéticas, ontogenéticas e culturais. Ele é simultaneamente uma unidade, mas que faz parte de um todo de forma relacional recíproca. Como unidade, se formou por meio da relação com seus pares e com as instituições sociais às quais pertence. Assim, não se torna uma unidade monadológica, pois o indivíduo só alcança esse estatuto inerente a sua

capacidade de se perceber como tal em um contexto social mais íntegro, no qual ele não apenas faz parte, mas também possui recursos para se identificar enquanto sujeito histórico: “Quanto mais o indivíduo é reforçado, mais cresce a força da sociedade, graças à relação de troca em que o indivíduo se forma. Ambos os conceitos são recíprocos” (Horkheimer & Adorno, 1956a). As pessoas constroem sua individualidade por meio de suas relações com o outro em toda sua multiplicidade, aberto a possibilidades sem o medo paralisante do que é diferente. A individualidade seria uma conquista subjetiva, forjada ao longo do tempo e abarca todas essas relações.

Para a Psicanálise, a família é a primeira instituição que a criança entra em contato logo ao nascer e as relações que nela estabelece são fundamentais para o seu desenvolvimento emocional, intelectual, moral, social etc. Por esse motivo, Horkheimer e Adorno também dedicam reflexões importantes sobre essa instituição e sobre sua relação com o social. Por ter influências tão cedo no aparelho psíquico das crianças, essa etapa do desenvolvimento que ocorre na família tem estatuto estrutural e possivelmente irreversível na constituição psíquica. A relevância desses já conhecidos dados para o presente estudo se dá no fato de que, como analisam Horkheimer e Adorno (1956b), na sociedade administrada, as transformações sofridas nela nos últimos anos já seria o ponto de partida para o processo de fragilização das possibilidades de construção de individualidade nas pessoas.

Ao invés de dedicar extensa análise histórica ao desenvolvimento da família ao longo do tempo, o foco será na família nuclear burguesa, por ser tanto objeto de análise de Adorno, como também da Psicanálise. Uma vez que a família é mediatizada pela realidade social, ela está passível de ser influenciada pelos problemas sociais e nossa cultura, justamente por esse motivo que, para Adorno, a crise da família é uma crise de origem social (Horkheimer & Adorno, 1956b).

No modelo de família nuclear, a relação que a criança mantém com as figuras materna e paterna garante um desenvolvimento emocional de estatuto estruturante que ela carregará para sua vida. Embora as crianças não sejam organismos puramente reflexos das impressões a que são expostas, a importância dos primeiros anos de vida no desenvolvimento infantil é inegável. De acordo com a Psicanálise, a relação com a figura paterna é fundamental, no contexto familiar, por permitir à criança a construção do seu Supereu. A autoridade do pai, apesar de percebida de forma conflituosa (de início) no complexo de Édipo, fomenta a introjeção da lei paterna, de uma autoridade que de forma subsequente permitirá a introjeção



também da lei social, uma vez que a passagem pelo complexo de Édipo garante à criança um lugar na sociedade. No Édipo masculino, o pai que antes era percebido como uma figura amedrontadora, castradora do desejo, torna-se objeto de amor e admiração por parte da criança, que começa a construir seu Ideal de Eu a partir dessa relação com as figuras paterna e materna (Freud, 1905/2016).

O modelo burguês de família é passível de algumas críticas: possui características repressivas, paternalistas e tradicionalistas. Mas, para Adorno, a eventual dissolução da educação repressiva da família burguesa, mais especificamente o enfraquecimento da autoridade paterna e seu papel formativo, não necessariamente significou sua substituição por um modelo menos autoritário: o paradigma da educação opressora encontra-se agora nas determinações sociais que adentraram os limites da família, ocupando agora suas funções educacionais no lugar das figuras parentais (Horkheimer & Adorno, 1956b).

A educação das crianças dentro do seio familiar não é mais tão comum, tornando-se agora “terceirizada”, passa a ser realizada pelas diversas instituições sociais dispostas a oferecer esses serviços, e a relação da criança com a figura paterna é substituída pela relação com os outros elementos culturais: escolas de período integral, cursos de línguas, esportes, música, televisão, internet. O acesso a esses meios culturais se realiza sem mediação do grupo familiar, ocorrendo de forma imediata já na tenra idade. Possuindo uma estrutura psíquica despreparada, as impressões sociais adentram na psique humana de forma altamente invasiva. A ausência da introjeção da autoridade paterna acarreta a diminuição da possibilidade de a criança construir sua diferenciação a partir do confronto com essa autoridade. Carentes dessas conquistas psíquicas, as pessoas tendem a buscar na sociedade elementos que preencham essa lacuna deixada por esses processos. Objetos substitutivos irão se ligar à economia libidinal dessas pessoas com mais facilidade, sendo regularmente ocupadas por figuras autoritárias. De fato, a gravidade desse mecanismo pode ser tão elevada que, para Adorno, este seria justamente um dos elementos que compuseram o surgimento do movimento nazista na Alemanha.

Os filhos já não são educados, como sucedia frequentemente na alta burguesia do século XIX, para que neles atinja a perfeição a vida dos pais; e já não gozam do calor afetivo desse segundo seio materno, como a família se vangloriava de ser, pelo menos em certas épocas e em certas camadas da sociedade. É difícil duvidar de que o inconsciente infantil reaja a tais modificações e de que a vida emocional dos filhos não sofra um congelamento, na atmosfera fria da família. O fenômeno generalizado

da delinquência infantil é indicativo do estado atual da família como tal (Horkheimer & Adorno, 1956b, 142-3).

Adorno menciona questões objetivas nesse tipo de relação familiar calcada em um conservadorismo, a frieza como resultado de uma perspectiva de afetividade altamente controlada, resultando de um possível relacionamento emocional distanciado, formal até. Adorno também comenta do inconsciente infantil, chamando a atenção para uma alteração psicológica nas crianças, que opera com mecanismos velados. Ora, é claro que as pessoas continuam desenvolvendo-se, a sociedade continua funcionando a todo vapor. Mas as transformações que são alvos de crítica de Adorno questionam o preço a se pagar por tal transição no processo de desenvolvimento das crianças, que vai acarretar consequências severas na vida adulta. É uma intrusão prematura das determinações sociais na estrutura psíquica das crianças, imaturas para lidar com esses fenômenos, seu desenvolvimento não cessa, mas deixa marcas.

Os limites da sociedade penetram na dinâmica familiar: e se a primeira não consegue ser emancipatória, a família também se encontrará na mesma condição. As relações econômicas da sociedade são grandes responsáveis por essa mudança. Não apenas as obrigações financeiras são fatores decisivos na determinação da quantidade de tempo que os pais podem passar próximos a seus filhos, mas também o fato de que, para o mercado, as crianças são grandes consumidoras e movimentam muitos setores econômicos diferentes tornando essa condição amplamente estimulada pela sociedade.

Se logo na primeira instituição, a família, o indivíduo já se depara com dificuldades estruturais para a edificação de uma condição emancipatória, nas relações sociais com as outras instituições poderia haver possibilidade de reverter esse processo. Infelizmente, ao se lançar na sociedade, os desafios para essa conquista se intensificam. Nas palavras de Horkheimer e Adorno:

A sociedade que estimulou o desenvolvimento do indivíduo, desenvolve-se agora, ela própria, afastando de si o indivíduo, a quem destronou. Contudo, o indivíduo desconhece esse mundo, de que intimamente depende, até o julgar coisa sua. (p. 55, 1956a)

A primazia do social sobre o indivíduo na perspectiva de Adorno, implica que para haver um indivíduo, primeiramente, é necessário haver uma sociedade que terá a função de formá-lo como tal, idealmente falando, por meio do contato e experiência com todos seus

elementos infra e superestruturais. No entanto com as transformações sociais provenientes do capitalismo tardio, na Sociedade Administrada, na qual todas as suas dimensões estão à mercê da indústria em uma lógica de produção, a questão da formação cultural dos indivíduos é alvo de uma extensa e importante análise de Adorno: o importante processo de formação cultural teria então se tornado o que ele denomina de semiformação (Adorno, 1959/2005). Quando Adorno realiza uma análise crítica das transformações do processo formativo dos indivíduos ao longo dos anos, percebe que a maior acessibilidade aos elementos culturais, outrora restritos a uma camada social mais elevada, também foi acompanhada de um sério declínio na qualidade desses mesmos bens culturais. Em períodos nos quais a formação clássica estava em voga, ela acontecia em detrimento da formação dos outros membros da sociedade que não possuíam acesso a esses recursos formativos, a relação dialética entre aqueles que possuem esses recursos e aqueles carentes deles faz com que o alcance da emancipação seja incompleto, uma vez que ela precisa ser compreendida em sua dimensão social. Porém, Adorno reconhece alguns elementos emancipatórias na formação burguesa, e complementa:

Sua formação haveria de corresponder a uma sociedade burguesa de seres livres e iguais. Esta, porém, ao mesmo tempo se desentendeu dos fins e de sua função real, como, de certo modo, ocorre radicalmente, por exemplo, com a estética kantiana que defende uma finalidade sem fim. A formação devia ser aquela que dissesse respeito [...] ao indivíduo livre e radicado em sua própria consciência, ainda que não tivesse deixado de atuar na sociedade e sublimasse seus impulsos. A formação era tida como condição implícita a uma sociedade autônoma: quanto mais lúcido o singular, mais lúcido o todo (Adorno, 1959/2005, p. 04)

Por notar tal transição, a crítica de Adorno é comumente mal interpretada como saudosismo ou elitismo em relação a educação clássica/burguesa, que não ocorre mais na atualidade. Entretanto, a análise dialética sobre a questão da formação, realizada por Adorno segue metodologia semelhante à de sua obra (em conjunto com Horkheimer), da Dialética do Esclarecimento: de perceber a contradição nessa transformação ao longo da história em relação ao processo de formação cultural. A formação tradicional burguesa, de fato, garantia melhores condições para a apropriação cultural, mas à custa de ser altamente exclusiva para uma pequena parcela da população. Se existe algo de valoroso nessa forma de educar, ela não pode ocorrer em detrimento da maioria, tal como acontecia. Já a dissolução desses elementos culturais teve a vantagem de socializar de forma mais ampla o conhecimento, mas à custa da

redução da qualidade do que é oferecido. Esse é o ponto principal da crítica de Adorno, mais do que simplesmente retroceder para um modelo que, indubitavelmente, já está ultrapassado para nossas necessidades atuais, reconhecer que, nesse modelo há algo que se perdeu, e que o atual deixa muito a desejar, e sua acessibilidade não pode ser utilizada como desculpa para não criticá-lo. Para o presente estudo, o foco será analisar como esta formação, ou melhor, semiformação, à qual os membros da nossa sociedade estão expostos contribui para o enfraquecimento da possibilidade de individuação das pessoas

O avanço da Indústria Cultural é um dos grandes responsáveis pela decadência do processo de formação, nela, a lógica de produção que recai sobre os bens culturais os transforma em mercadorias atrelados a uma lógica de troca equivalente, reduzindo assim as qualidades emancipatórias que Adorno menciona sobre a relação entre os indivíduos e os elementos culturais: as categorias de análise fornecidas por Adorno demonstram como que, na realidade, na semiformação existente na atualidade, o processo de emancipação é revertido em seu contrário, na massificação das pessoas:

Os dominantes monopolizaram a formação cultural numa sociedade formalmente vazia. A desumanização implantada pelo processo capitalista de produção negou aos trabalhadores todos os pressupostos para a formação e, acima de tudo, o ócio. As tentativas pedagógicas de remediar a situação se transformaram em caricaturas. (Adorno, 1959/2005, p. 05)

Novamente, fica claro, na crítica de Adorno, que o problema está justamente na forma com que o acesso aos bens culturais, mediados por meios de produção reificados, que a problemática se encontra, e não no fato de que tais bens não deveriam ser distribuídos para todas as classes. O controle do ócio é um elemento fundamental, pois na sociedade administrada o mesmo é sufocado e cerceado também pela lógica dos meios de produção. A semiformação não é um evento pontual, mas uma condição permanente que afeta a todos e de forma constante por todas as instâncias sociais, pois todas elas estão aprisionadas no mesmo sistema sócio econômico. É por esses motivos que realizar tais críticas a este processo é um desafio, uma vez que, na realidade, todos estão inclusos nele.

A disseminação dos processos de formação cultural ocorre também interligada aos meios de comunicação em massa que foram desenvolvidos nas últimas décadas, a combinação desses fatores e o que garante o que Adorno chamou de “petrificação” e “neutralização” dos bens culturais, despindo-os de suas qualidades principais e,

consequentemente, solapando as possibilidades deles de fornecerem a formação cultural propriamente dita.

Bem, o uso da tecnologia não pode ser nem subestimado, nem superestimado. Adorno (1941/1997; 1947/2006c), utiliza como exemplo a música em algumas de suas análises, ele reconhecia o valor da experiência imediata das apresentações musicais como fundamentais para se estabelecer uma relação autêntica como a música propriamente dita, ao passo que na transmissão pelo rádio das composições, os ouvintes estariam privados dessa experiência mais completa e tão fundamental que é insubstituível. A análise de Adorno ainda é atual, e a relação fragilizada com os meios culturais talvez tenha se intensificado mais por conta das formas mais modernas de reprodução de diferentes mídias em diferentes canais, não se limitando apenas à música e pelo rádio.

Mas um exemplo mais atual relacionado à academia é a pauta Ensino a Distância (EAD). Evidentemente que a implementação de EAD garantiu acesso à educação a muitas regiões isoladas, bem como aumentaram o acesso a diferentes cursos devido à redução de custo nesse modelo de ensino. Mas uma análise mais crítica dessa dimensão do ensino não pode deixar de questionar os limites que a EAD possui enquanto ferramenta de ensino, bem como quais os principais interesses por trás do crescimento do EAD, seria mesmo por conta da acessibilidade, ou por ser a forma que mais oferece retorno financeiro para os investidores? Quando se trata de educação, a própria qualidade da educação deveria ser o principal critério para nortear as decisões sobre ela.

A semiformação tem o seu triunfo justamente no nivelamento por baixo daquilo que ela oferece, de fazer as pessoas acostumarem-se com pouco, sem nem sequer ter ciência que poderia ser diferente. As produções culturais das diferentes civilizações são oferecidas despidas de seus valores históricos como meras mercadorias, replicadas de forma industrializadas, a reprodução em série repete o que há muito tempo já morreu. Com essa banalização que os descontextualiza, os bens culturais são acessados por meio de uma relação fetichizada, versões fantasmagóricas de sua forma original e suas próprias qualidades originais são alteradas nesse processo. Em relação a esses bens culturais, não se sabe mais todo o seu contexto histórico, sua importância torna-se irrelevante, mas o seu consumo continua a toda voga, e geralmente agrado pela população, principalmente por ser, em muitas ocasiões, a única forma de ter acesso a esses bens: meras sombras deturpadas e esvaziadas, e aos sujeitos

que deveriam encontrar na cultura sua possibilidade de formação, encontram também o vazio dentro de si mesmos, como se não houvesse escapatória.

Em um contexto social mais amplo, as pessoas são cerceadas pelos processos de semiformação que acarretam o nivelamento e controle social tendo como base a lógica mercadológica. O aprisionamento das pessoas na mediocridade tem qualidades praticamente hipnóticas: o novo *meme*, a nova série, a música *pop* que não para de repetir na televisão, internet e rádio. O consumo desses bens ocorre de forma quase que involuntária em muitas ocasiões. Não se sabe o porquê, mas é necessário consumi-los uma vez que sua incansável repetição os torna necessários no dia-a-dia.

Para Adorno, “Os ideais são um conglomerado de noções ideológicas que se interpõem entre os sujeitos e a realidade, e a filtram. Estão de tal modo carregadas afetivamente, que a razão não pode desalojá-los aleatoriamente. E a semicultura as une.” (2005/1959, p. 09). Adorno fala de um sentimento de pertencimento, de um “poder” consumir determinado bem cultural e, dessa forma, fazer parte de um extrato especial da sociedade. Esses bens culturais possuem certa quantia de carga afetiva que estimula o comportamento de massa nas pessoas. Esse fenômeno aparece em ambos espectros do acesso aos bens culturais. Para aqueles que possuem o privilégio de gozar de uma formação mais próxima da considerada clássica, não conseguem escapar da relação reificada com os esses bens, muitas vezes tomam a cultura como algo completamente espiritualizado, aquém da própria experiência mundana. Seu consumo, pois passa a ser uma relação também de consumo e não de experiência voluntária, muitas vezes é regido pela simples necessidade de manutenção de status social; recaem na semiformação.

Em uma sociedade repleta desses bens culturais esvaziados, a semicultura fomenta a massificação dos indivíduos, tendo a ideologia como um fio condutor. Essa ideologia precisa comportar uma ideia fundamental para conseguir se sustentar: a de que as pessoas semiformadas são especiais.

Nesse processo, para que os mecanismos de controles continuem a funcionar, cria-se uma pessoa que é ao mesmo tempo enfraquecida pela sociedade e também enaltecida por ela. Essas duas características, à primeira vista, parecem contraditórias, mas são fundamentais para o controle e se complementam. A primeira dessas qualidades é resultante da semiformação, cumpre a função de escamotear a individualidade das pessoas, expõe sua psique para as determinações sociais que frequentemente vão contra seus próprios interesses.

A segunda, de enaltecimento, serve para sustentar essa mentira, de fazer com que as pessoas acreditem ser especiais mesmo que estejam completamente diluídas na massa de forma amorfa, fazendo parte de um processo altamente grandioso e elaborado de controle social, e embora sua presença seja condição para existência desse controle, podem ser facilmente substituíveis. E geralmente o são. O narcisismo é elevado na semiformação: as pessoas pressentem em seu cotidiano sua própria mediocridade, como um vulto sobre seus ombros. Mas não a podem demonstrar, e logo se lançam novamente aos bens culturais da semiformação em busca da sua individualidade em massa: e a Indústria Cultural tornou-se obcecada em oferecer “serviços personalizados” para apagar qualquer vestígio da verdade massificada da qual todos estão a mercê. A ignorância é de fato uma égide, mas uma égide de vidro.

O semiculto se dedica à conservação de si mesmo sem si mesmo. Não pode permitir, então, aquilo que, segundo toda teoria burguesa, se constituía a subjetividade: a experiência e o conceito. Assim procura subjetivamente a possibilidade da formação cultural, ao mesmo tempo, em que, objetivamente, se coloca todo contra ela. (Adorno, 1959/2005, p.15).

As pessoas semiformadas possuem uma relação com a realidade mediada pelos produtos da semicultura, empobrecidos de experiências racionais, muito comumente recaem em preconceitos, se relacionam com outros a partir de um “semiconceito” ideológico do que esse outro é. Sua fonte de conhecimento é imediata, dispensando qualquer necessidade de análise crítica, que seria impossível de ser realizado uma vez que seu conteúdo também é empobrecido de elementos relevantes, racionais e passíveis de uma crítica coesa sem recair em delírio. A possibilidade de se questionar, se reconhecer como alguém dotado de alguma fragilidade precisa ser também repudiada pela própria cultura que necessita comercializar a própria felicidade. O sujeito se fecha em si mesmo, e os outros com quais mantém relações não podem abalar seu sistema interno de verdades. Embora a dúvida seja constantemente produzida, ela não pode aparecer na semicultura e as críticas são deprimidas em decorrência disso.

Neste contexto, o trabalho, a arte, educação, e todas as dimensões da vida são afetadas pela semicultura; para Adorno (1953/2004), não há possibilidade de emancipação se os indivíduos estiverem sem condições de perceber sua condição fragilizada. Seria muito mais coerente, primeiramente, reconhecer esse estado de dominação e depreciação da experiência

humana para não correr o risco de recair em ideologia da própria psique humana, que no final, acaba por servir mais ainda o *status quo*. Em outras palavras: “A semiformação não se confina meramente ao espírito, adultera também a vida sensorial. E coloca a questão psicodinâmica de como pode o sujeito resistir a uma racionalidade que, na verdade, é em si mesma irracional. (Adorno, 1959/2005, p.11).

Os elementos ideológicos se alimentam da semiformação. As ideologias não apenas se proliferam por entre esses bens culturais medíocres, mas precisam de pessoas semiformadas para sustentar sua verdade irracional. O sujeito esvaziado por este processo de formação torna-se mais facilmente receptáculo das determinações sociais, uma vez que suas capacidades de defesa estão deprimidas, e sua possibilidade de constituir sua individualidade, cada vez mais distante.

Elementos que penetram na consciência sem fundir-se em sua continuidade, se transformam em substâncias tóxicas e , tendencialmente, em superstições, até mesmo quando as criticam, da mesma maneira como aquele mestre toneleiro, em seu desejo por algo mais elevado, se dedicou à crítica da razão pura e acabou na astrologia, evidentemente porque apenas nela seria possível unificar a lei moral que existe em nós com o céu estrelado que está sobre nós (Adorno, 1959/2005, p. 13).

As tendências anticientíficas da atualidade têm sua representação máxima pelos, mas não apenas, movimentos anti-vacinação e terraplanistas, conseguem arrebatam seguidores por estarem inseridos em uma sociedade que cria condições subjetivas nos indivíduos, suficientes para que eles se liguem a ideias tão absurdas. A ignorância generalizada das pessoas semiformadas as deixa com pouco conhecimento sobre a própria história, esta é vista como um desperdício. A arte percebida apenas como objeto de consumo momentâneo, dela ele foge de qualquer possibilidade de reflexão. O aqui e agora, pensamento absolutamente imediatista é o que rege seu egoísmo, custe o que custar, de modo que geralmente quem paga o preço são os outros. Por este motivo, as pessoas semiformadas, além de tudo, ainda se joga contra a própria cultura pois ela denuncia a sua condição fragilizada. A análise de Adorno data do final da década de 50, mas na atualidade temos bens culturais ainda mais intensificados com o advento da internet repleta de conteúdos geridos pelos próprios usuários; não é necessária a presença de uma mão governante que gerencie todo esse sistema de disseminação de ignorância, as próprias pessoas semiformadas cumprem essa função. Foi



o que Horkheimer e Adorno (1947/2006d) denominaram transformação da inteligência em estupidez, mais uma das consequências do progresso facilmente observáveis na atualidade:

A inteligência é superada tão logo o poder deixa de obedecer à regra do jogo e passa à apropriação imediata. O meio da inteligência tradicional burguesa, a discussão, se desfaz. Os indivíduos já não podem mais conversar e sabem disso: por isso fizeram do jogo uma instituição séria, responsável e exigindo a utilização de todas as formas, de tal sorte que, por um lado, o diálogo não é mais possível e, por outro, nem por isso é preciso se calar (p. 174).

Muitas pessoas sem qualificação alguma tornam-se especialistas em assuntos diversos, expressando seu vasto “pseudoconhecimento” pelos veículos de mídia, principalmente a internet, com toda certeza e orgulho. Já os supostos intelectuais formais da nossa sociedade, também afetados pela semiformação, não se distanciam muito desse comportamento, tendem a defender ideias absurdas baseadas em análises superficiais de fenômenos sociais que muitas vezes destoam de seu campo de conhecimento. Dessa forma, há uma obsessão por desqualificar a fala do outro e as possibilidades de se engajar em discussões tornam-se inexistentes, ou são completamente repudiadas, pois confrontar ideias alcançou um estatuto de proibição para as pessoas, ou é reduzida em sessões de ataques pessoais com objetivo de desqualificar a fala do outro, onde sempre terá que sair alguém vitorioso, custe o que custar.

Apesar disso, em muitos casos a presença de um líder que tem o poder de fornecer algum nível de organização dessas ideias, arrebatando as massas de pessoas semiformadas é fundamental para que eles se engajem em seus comportamentos irracionais. Lançados a uma cultura que os aprisiona ao invés de emancipar, a pessoa semiformada está mais sucessível a participar de movimentos de massa. Tais movimentos são objetos de estudo há algum tempo, e sua análise se torna fundamental uma vez que, neles, o inconsciente das pessoas é elemento central que habilita os comportamentos característicos da massa, intensificados na nossa contemporaneidade em razão dos elementos discutidos até então.

Como nota Adorno (1951/2015), bem como outros autores, a primeira contribuição da obra *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (Freud, 1921/2011) foi a de desmitificar a ideia de que as massas seriam consideradas aglomerados de pessoas inferiores e “burras”. A análise de Freud recusa em contentar que a descrição do comportamento das massas serviria também de modelo explicativo para a origem desses comportamentos; uma falácia lógica.

Diferente da perspectiva de Adorno, a análise de Freud, evidentemente, teve uma metodologia de análise que buscou identificar elementos psicológicos característicos de todos os indivíduos que, dadas as condições apropriadas, são manifestados na massa para constituir esses comportamentos característicos. Dessa forma a compreensão das massas abandona a perspectiva de serem um aglomerado de pessoas naturalmente regredidas, para uma em que nas massas, na realidade, há elementos regredidos na psiquê humana que são manifestadas para fomentar a adesão a esses movimentos.

Tal obra de Freud é muito elogiada por Adorno justamente por estabelecer uma análise psicológica desses elementos nas pessoas que são mobilizados pelos agitadores em prol de seus discursos. Mesmo enfatizando exclusivamente a dimensão psicológica desses fenômenos, para Adorno, Freud acaba contemplando a dimensão sociológica dessa relação entre os agitadores e as massas:

De acordo com Freud, o problema da psicologia de massas está intimamente relacionado ao novo tipo de sofrimento psicológico, bastante característico da que era que, por razões socioeconômicas, testemunha o declínio do indivíduo e seu consequente enfraquecimento. Enquanto o próprio Freud não se preocupou com as mudanças sociais, pode-se dizer que ele desenvolveu, no interior do confinamento monadológico do indivíduo, os traços de sua crise profunda e sua disposição para ceder inquestionavelmente às poderosas instâncias coletivas externas. (Adorno, 1951/2015 p.157)

Esse declínio do indivíduo é elemento chave para a compreensão de como se consolida tal nível de sugestão nas pessoas fomentando assim o comportamento de massa. A crítica social de Adorno a respeito da semiformação, em conjunto com a investigação dos mecanismos psicológicos envolvidos nos comportamentos das massas realizada por Freud, fornece subsídios para compor esse cenário do esvaziamento da subjetividade nas pessoas, o declínio do que pode ainda ser considerado indivíduos propriamente ditos, e que expõe sua psique para a dominação generalizada e normalizada que se inscreve na atualidade.

Apesar de para Adorno o termo massa ser utilizado primariamente para descrever a massa fascista, os mecanismos dos movimentos de massa encontram-se mais diluídos na nossa cultura em outros grupos que não se identificam com ideário nazista, pelo menos não diretamente. Não obstante, as próprias ideias nazistas também não estão mais concentradas em um único movimento político; as tendências de cunho fascistas estão presentes de forma

estrutural na nossa sociedade, herança do precipitado resultante das contradições sociais arrastadas pelo progresso:

Como uma rebelião contra a civilização, o fascismo não é simplesmente a recorrência do arcaico, mas sua reprodução na e pela própria civilização. É pouco adequado definir as forças da rebelião fascista simplesmente como poderosas energias do tipo que escapam da pressão da ordem social existente. Em vez disso, essa rebelião toma de empréstimo suas energias parcialmente de outras instâncias psicológicas que são pressionadas a serviço do inconsciente. (Adorno, 1951/2015 p.162).

O pessimismo de Freud em *Mal-Estar na Civilização* (1930/2010), que encontra seu ápice na crítica de que a insatisfação do ser humano na sociedade é inerente à sua condição, uma vez que o controle de pulsões anti civilizatórias é indispensável para manter a ordem social, pode ofuscar a possibilidade de uma análise mais cuidadosa. A armadilha encontra-se na já mencionada problemática da ideia de natureza primeira do ser humano como originalmente má, de que esse cenário descrito por Freud seria irrevogável, cabendo à sociedade a responsabilidade de corrigir tal “pecado original”. Evidentemente que se forem consideradas as discussões do presente estudo, tal perspectiva pode ser considerada ingênua por uma série de razões: primeiramente, por hipostasiar o que poderia ser a natureza primeira do homem, e concebê-la de tal maneira, puramente má. Também a concepção de que no inconsciente apenas restariam conteúdos proibidos e que representam uma afronta à convivência em sociedade, e, por fim, de que a explicação desses conflitos reside apenas no campo psicológico, insinuando que na sociedade não existiriam elementos conflituosos que sejam, ou ao menos contribuam, com a origem dessa problemática. Na citação anterior, o exemplo de Adorno é preciso: movimentos fascistas não podem ser explicados desconectando-os de seu momento histórico e das fortes determinações sociais que influenciam diretamente e indiretamente seu estabelecimento. Concebê-los apenas como uma total depreciação das formas de controle subjetivo pela sociedade, dando luz à violência pura que existe na alma humana, é psicologizar uma problemática que depende de uma análise social mais aprofundada.

Essa percepção simplória da questão da violência exercida pelos e nos movimentos de massa, e também por eles, é muito sedutora para determinada parcela da população por dar vazão a uma leitura moralizada do problema da violência na sociedade: aqueles que a

cometem são moralmente inferiores aos olhos daqueles que julgam, que por sua vez se consideram moralmente superiores. Quando considerada a problemática da semiformação, não se pode deixar de considerar que, a capacidade de realizar uma leitura dos problemas que assolam nossa sociedade depende de alguns recursos básicos que muitas vezes essas pessoas não tiveram acesso, aumentando a probabilidade deles se engajarem orgulhosamente em estereótipos muito empobrecidas de crítica, mas muito ricas em certezas e preconceitos.

Não obstante, não apenas em relação a este trecho, mas sim em toda a análise realizada por Adorno, chama atenção a forma com que ele se utiliza das instâncias psíquicas da segunda tópica do aparelho psíquico de Freud. De fato, Adorno (1955/2015) criticou esse modelo de forma muito clara, mas, ao mesmo tempo, elogia veemente essa obra de Freud que tanto depende dessa segunda tópica para funcionar, também se utilizando dela em seu próprio texto para expandir a compreensão da análise da Psicologia das Massas. Considerando isso, a relação de Adorno com a segunda tópica de Freud não aparenta ser tão simples, tal como é, na realidade, com toda a teoria freudiana, os limites de crítica e elogios são mais difíceis de delimitar.

Enquanto a rigidez do padrão é óbvia e é ela mesma a expressão de certos aspectos psicológicos da mentalidade fascista, não se pode evitar o sentimento de que o material da propaganda do tipo fascista forma **uma unidade estrutural** com uma concepção comum total, **seja ela inconsciente ou consciente**, que determina cada palavra dita. Esta unidade estrutural parece se referir à concepção política implícita, // bem como à essência psicológica. (Adorno, 1951/2015, p.155, grifo meu).

Quando Adorno utilizava o termo “mentalidade fascista”, estabelece uma amplitude maior ao problema. Não se trata mais apenas de investigar um determinado movimento político legitimado, tal como ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial com o partido nazista. A análise precisa ser estendida para a identificação de qualidades de cunho fascistas que permeiam uma diversidade de discursos ideológicos presentes na atualidade. Esse ponto não pode ser subestimado uma vez que o mal-uso da análise de discursos fascistas pode recair em comparações ingênuas com o movimento histórico fascista que foi, de fato, marcado pela industrialização da morte de suas vítimas. É inegável que discursos fascistas estimulam e concretizam violências para com suas vítimas, mas essa diferença não pode ser ignorada. Comparações premeditadas podem sabotar a possibilidade de qualquer análise, a investigação de questões sociais tão complexas não pode deixar de ser rigorosa e criteriosa,

caso contrário corre-se o risco de banalizar e desqualificar qualquer discurso de crítica que possa se considerar minimamente racional. É preciso distinguir um regime fascista de tendências fascistas. O regime é uma ordem social oficialmente estabelecida com mecanismos socialmente legitimados em diferentes instâncias. As tendências fascistas, por sua vez, são elementos sociais e psicológicos nos indivíduos, nas instituições, na sociedade como um todo, dos quais o regime se alimenta para estabelecer-se enquanto forma legítima de poder, e também que perduram após a dissolução do regime.

A estrutura desses discursos é constituída por elementos tanto conscientes quanto inconscientes, justamente por ser uma estrutura semelhante entre as diferentes propagandas, essas características sugerem que na própria sociedade que ocorre o surgimento e disseminação desses discursos, há conteúdos explícitos (conscientes) e implícitos (inconscientes) que irão contribuir para edificação desses discursos, explicando assim sua constante reprodução. Já sua insistência, denota que esses conflitos que outrora foram superados superficialmente durante a Segunda Guerra Mundial, continuam tendo forte influências que estimulam sua ressurgência. Tal como um sintoma psíquico na Psicanálise, que do inconsciente preme a consciência causando sofrimento na pessoa, a sociedade ainda sofre com as contradições que originaram o movimento nazista.

Na obra *O que significa elaborar o passado* (1971/2012), Adorno faz importantes considerações sobre a memória e o esquecimento e suas relações com a elaboração do passado. O esquecimento, definido pelo autor como um movimento da própria consciência na tentativa de apagar aquilo que precisa ser esquecido, não se realiza por completo e continua a ter influências sobre os indivíduos. A cultura é mobilizada para investir em processos que contribuem para o apagamento do que precisa ser esquecido. Tal processo é semelhante ao mecanismo de repressão, apesar de Adorno não se utilizar deste termo no texto em questão, a semelhança não pode ser ignorada. O esquecimento de que trata Adorno, o esquecimento da própria história da nossa cultura, tem sua origem na experiência da vida mediada pelo princípio da troca equivalente que não deixa "restos", nas palavras do autor:

o tempo e a lembrança são liquidados pela sociedade burguesa em seu desenvolvimento, como se fossem uma espécie de resto irracional, do mesmo modo como a racionalização progressiva dos procedimentos da produção industrial elimina junto aos outros restos da atividade artesanal também categorias como a da aprendizagem, ou seja, do tempo de aquisição da experiência no ofício. (p.33).

O processo histórico de tentativa de apagamento daquilo que é negado deposita no indivíduo as próprias contradições sociais que necessariamente fazem parte dele. Quando fala da adesão ao movimento nazista, por exemplo, percebe que a queda desse movimento não representou a perda da identificação com essas tendências. Como descrito por Freud, não houve o pânico característico da perda da identificação, sendo possível concluir "que, no fundo, avolumando-se inconscientemente e por isto particularmente poderosas, aquelas identificações e o narcisismo coletivo não chegaram a ser destruídos, mas permanecem existindo." (p.40). Esses conteúdos então ficam à espreita, esperando sua ressurgência e continuam influenciando os indivíduos em satisfações de natureza narcísicas e sadomasoquistas de diversas formas ao longo do tempo. Por meio da consciência, esses conteúdos passam a modificar a realidade na tentativa de alcançar alguma elaboração, e a derrota histórica do movimento nazista deixa sua marca nas pessoas que passam a buscar outras ideologias mais atuais para satisfação dessas tendências. Esse esquecimento da própria história tem consequências graves para a possibilidade de constituição da individualidade, pois sem conhecimento do processo histórico, as pessoas ficam completamente dissociadas da sua própria realidade, o passado perde a importância e o imediatismo torna-se a única verdade.

É possível notar como o esquecimento é um recurso importante para que as diferentes massas sustentem seu discurso. A memória das pessoas passa a comportar apenas conteúdos que determinam ser relevantes, uma escolha seleta da própria realidade, onde fatos importantes são sistematicamente ignorados ou até mesmo completamente negados. Justamente por esse motivo que, no caso do movimento nazista, houve a destruição sistemática de monumentos, prédios históricos, cemitérios etc. Essas ações representam a tentativa de apagar a própria história, de esquecer a verdade que já não cabe mais na proposta social nazista, uma tentativa bruta que tenta eliminar qualquer possibilidade de resistência. Nas palavras de Horkheimer e Adorno (1947/2006d, p. 178): "As pessoas recalcam a história dentro de si mesmas e dentro das outras, por medo de que ela possa recordar a ruína de sua própria vida, ruína essa que consiste em larga medida no recalçamento da história".

A figura de um líder da massa, o agitador, é fundamental nessa relação. Novamente, devido o estatuto estrutural percebido por Adorno nesse tipo de comportamento, ele afirma que basta analisar um exemplo de propaganda ou do agitador da massa, que será possível obter elementos que caracterizam todos nessa mesma categoria. É preciso mencionar ainda

que, apesar da presença de um líder propriamente dito, ser muito comum, ele é dispensável, sendo necessário apenas a presença de uma ideia condutora que cumprirá função semelhante.

Na teoria freudiana do comportamento das massas (Freud, 1921/2011), a presença de um vínculo libidinal entre o líder agitador e os membros do grupo é fundamental para o seu funcionamento, e que concede ao líder um certo nível de controle sobre as massas. Esse controle consegue ainda ser percebido pela massa como uma fonte de satisfação egóica para seus membros devido o lugar que o papel de um líder ocupa na dinâmica pulsional dessas pessoas, semelhante ao lugar da figura paterna, agora ausente. A relação com os pares, por sua vez, preenche uma necessidade fraterna que fornece a sensação de pertencimento, algo também fundamental em uma sociedade tão fragmentada como a nossa.

Freud lida com o problema analisando os fenômenos cobertos pelos termos “sugestão” e “sugestionabilidade”. Ele reconhece a sugestão como o “abrigo” ou “véu” que oculta “relações amorosas”. É essencial que a “relação amorosa” por trás da sugestão permaneça inconsciente. (Adorno, 1951/2015, p.162).

E ainda:

Um dos princípios básicos da liderança fascista é manter a energia libidinal primária em um nível inconsciente, de modo a desviar suas manifestações de uma forma adequada a fins políticos. (ibid, p.163)

Esse mecanismo de sugestão explicita os perigos que a fragilização dos indivíduos e o engajamento em comportamento de massa pode acarretar. A ideia de uma sugestionabilidade direta, explícita e sem elementos ideológicos já seria perigosa o bastante por colocar em xeque a própria capacidade de pensamento crítico das pessoas. Mas o problema é ainda maior quando o nível de sugestão percorre as vias do inconsciente. Tais ideias transmitidas, que usam o vínculo libidinal como meio de transporte, esconde toda sua caracterização: suas origens, quando e como são transmitidas e captadas, e suas verdadeiras intenções. Os membros das massas tornam-se receptáculos esvaziados e agentes de ideias das quais acham que concordam.

A questão do amor mencionada por Adorno não possui relevância apenas para caracterizar essa relação com conotações homossexuais veladas, como o autor exemplifica no próprio movimento nazista, mas também evidencia a importância da imagem do hipnotizador que cativa seu público e o manipula a toda sua sorte: as cenas das aulas ministradas por Charcot em Salpêtière, que transformavam as patologias dos enfermos em verdadeiras

demonstrações de circos ao transferir e alterar sintomas dos pacientes, servem como uma boa metáfora para a relação entre os líderes agitadores e suas massas na atualidade. A diferença é que os agitadores não transferem momentaneamente os sintomas entre os pacientes; eles identificam sintomas sociais e responsabilizam diferentes minorias por eles, incentivando assim a sua perseguição, encobrendo, no processo, as verdadeiras origens das dificuldades sociais que são de fato concretas:

O pai primitivo é o ideal do grupo, que domina o eu em lugar do ideal do eu. A hipnose pode ser descrita, com razão, como um grupo a dois; para a sugestão, resta a definição de um convencimento que não se fundamenta em percepção e trabalho intelectual, mas sim em um vínculo erótico. (Adorno, 1951/2015, p.164)

A mediação direta da sociedade mencionada anteriormente, que deixa os indivíduos sem um representante de autoridade mais adequado, mostra sua consequência mais severa aqui, uma vez que essa abertura é a condição necessária para fazer com que as pessoas mergulhem nesses movimentos de forma tão sedutora. A figura de uma autoridade externa torna-se uma necessidade psíquica nas pessoas cujo o desenvolvimento de uma maturidade maior do supereu internalizado não conseguiu ser realizada. Acontece a substituição da figura paterna, que na estrutura psíquica ocupa um lugar fragilizado, por outra autoridade externa encontrada na sociedade. As funções do supereu são projetadas para fora ligando-se à figura do líder. O mecanismo de identificação é seminal para compreensão desse processo uma vez que a projeção libidinal narcísica é transposta da figura de autoridade, alvo de admiração, simultaneamente contendo elementos já existentes da psique daquele que projeta, como também sendo um ideal para ser alcançado, o sonho de ser tão bom quanto o líder, que também lhe é tão familiar.

Nesse contexto Adorno se utiliza da imagem que denominou “pequeno grande homem”, uma vez que os líderes são enxergados como pessoas mundanas, que conhecem os desafios de seus companheiros com toda sua simplicidade, um verdadeiro irmão. Mas ao mesmo tempo se destacaram, ascenderam para um nível quase inalcançável, em muitos casos, em especial líderes religiosos, isso é uma distinção concreta quando considerada a quantidade obscena de riquezas acumuladas à custa dessa relação. Soberano, porém simplório. A relação entre o líder e a massa possui qualidades sadomasoquistas; o outro é adorado e visto como superior, um objetivo almejado e os seus admiradores devem seguir todas as suas



determinações por mais humilhantes que sejam, e no caso dos movimentos políticos, mesmos que os resultados vão de encontro direto com seus interesses sociais. A ambivalência dessas relações colocam as pessoas na posição de oprimido, mas também de opressor, especialmente quando o alvo não faz parte do mesmo grupo; na medida em que introjetam a soberba do líder, as pessoas se permitem enxergar a si mesmas da mesma maneira, como um membro superior da sociedade que precisa corrigir os erros sociais que os outros expressam. Tal condição remete Ulisses, que ao lograr o sacrifício, torna-se simultaneamente o sacerdote e a oferenda. Com advento dos meios de comunicação em massa, na atualidade essa comunicação com a massa e seus líderes é muito mais eficaz e intensificada, permitindo interações quase que diretas no dia-a-dia: ferramentas como Twitter permitem ao líder um constante fluxo de proximidade com seus seguidores, que por sua vez se sentem cada vez mais próximos e camaradas de seu mestre. Mesmo fora de um contexto religioso, muitos líderes são tratados como figura quase mágicas, onipotentes, literalmente “mitológicas”, ou seja, não humanas, e seus súditos que o tratem como tal, por mais humilhante que seja, ainda o fazem por pura volição:

Quanto menos se legitima a hierarquia na constituição de uma sociedade industrial altamente racionalizada e quantificada, tanto mais hierarquias artificiais sem nenhuma *raison d'être* [razão de ser] objetiva são construídas e impostas rigidamente pelos fascistas por razões puramente psicotécnicas. Pode-se acrescentar, entretanto, que esta não é uma única fonte libidinal envolvida. Assim, estruturas hierárquicas se coadunam com desejos de caráter sadomasoquistas. (Adorno, 1951/2015, p. 173.)

À primeira análise, tal trecho poderia ser uma crítica mais voltada ao autoritarismo, ainda mais ao considerar que o movimento nazista é um objeto de análise direto de Adorno nesta obra. Porém, não se deve subestimar o quão disseminado essa relação hierárquica se encontra na atualidade nos diferentes setores da sociedade. Em diferentes grupos há uma fixação em categorizar as relações entre as pessoas a partir de seu suposto valor ou poder. Tais categorizações já seriam problemáticas o bastante por si só, mas tornam-se ainda mais nocivas quando o que é considerado “poder” ou “valor”, possui definições altamente plásticas e com implicações diferentes a depender da massa da qual se faz parte. Obediência cega para as determinações sociais são comuns justamente por serem aceitas e bem vista pelas suas próprias vítimas.

Aqui, como em vários outros casos, a produtividade da perspectiva de Freud reside em questionar o que é geralmente aceito. Le Bon havia notado que a multidão irracional “vai diretamente aos extremos”. Freud expande essa observação e salienta que a dicotomia entre *in-group* e *out-group* é de natureza tão profundamente enraizada que afeta até mesmo aqueles grupos cujas “ideias” aparentemente excluem tais reações. Já em 1921 ele foi, portanto, capaz de dispensar a ilusão liberal de que o progresso da civilização iria produzir automaticamente // um aumento de tolerância e uma diminuição de violência contra os *out-groups*. (Adorno, 1951/2015, p.174)

A crítica a ser realizada para o comportamento de massas não pode ser aplicada exclusivamente a uma única tipologia de grupo, a saber os mais reacionários. A sensação de pertencimento de um determinado grupo, provido de toda satisfação, exclusividade e verdades absolutas, é a carta branca que os membros desses grupos possuem para atacar os outros. Apesar da crítica de Adorno ser direcionada principalmente aos movimentos nazistas, ele lembra que: “Todavia, não há dúvida de que o mesmo movimento político mais progressista pode deteriorar ao nível da “psicologia da multidão” e sua manipulação, se seu próprio conteúdo racional é despedaçado pela reversão ao poder cego”. (Adorno, 1951/2015, p.185). Em ambos os espectros, encontramos a manifestação e conteúdos latentes do inconsciente para fins de manipulação, e este é o verdadeiro objeto de crítica, o mecanismo, não simplesmente suas formas de manifestação, embora esta também não possa ser ignorada. Nesse contexto, Adorno diz que Freud acertou a crítica, mas errou o alvo ao mencionar os grupos socialistas da segunda guerra mundial.

Se configura, então, uma sociedade marcada pela presença de diversos grupos distintos que se consideram inimigos uns dos outros, uma sociedade completamente cindida. A relação eu esses grupos possuem com os outros, denominados *out-groups*, é mediada por ideias fantasmagóricas produtos de sua própria ideologia do que o outro é. O *in-group* age como uma fábrica de estereótipos, se recusa a lidar com a verdade por meio da experiência sincera com os objetos, optando, ao invés, por mediar sua experiência estereótipos de seus inimigos forasteiros com apelidos que tentam reduzir ao outro a uma série de comportamentos, ideias, opiniões e valores morais a partir um ponto que julga ser nodal: identificado esse primeiro elemento, é disparada uma cadeia associativa feita para encaixar o outro, que passa a ser uma ideia de si mesmo criada pelo grupo que aprisiona o *out-group* em uma série de certezas que nem sequer fazem parte de sua vida. Já o *in-group* também se aprisiona, agora em sua própria ignorância.

Nenhum movimento de massa que inclua as pessoas nesses mecanismos descritos até o momento está justificável, possuindo as mesmas qualidades, estão passíveis das mesmas críticas independentemente da cor da bandeira que é balançada com tanto fervor irracional. Essa forma de funcionamento é o denominado como mentalidade de *ticket*, que é o verdadeiro elemento fascista desses diferentes grupos (Horkheimer, Adorno, 1947/2006e).

O ganho narcísico fornecido pela propaganda fascista é óbvio. Ela sugere continuamente, e algumas vezes de forma maliciosa, que o seguidor, simplesmente por pertencer ao *in-group*, é melhor, superior e mais puro que aqueles que são excluídos. Ao mesmo tempo, qualquer tipo de crítica ou de autoconsciência é ressentida como uma perda narcísica e incita fúria. Isso explica a violenta reação de todos os fascistas contra o que eles julgam *zersetzend* [destrutivo], aquilo que desmascara seus valores mantidos obstinadamente, e // também explica a hostilidade de pessoas preconceituosas contra qualquer tipo de introspecção. Concomitantemente, a concentração de hostilidade sobre o *out-group* elimina a intolerância do próprio grupo, ao qual a relação de uma pessoa seria, de outra forma, altamente ambivalente. (Adorno, 1951/2015, p.177)

Existe a criação de uma certa horda (primitiva) fraterna no *in-group*, seu objetivo é se fortalecer enquanto fomenta uma linha de defesa contra os inimigos. Mas como mencionado por Adorno, a própria possibilidade de introspecção é considerada um ataque. A massa opera no campo da verdade, da verdade que o outro é inferior. É uma tendência de homogeneizar, e a estereotipia vale tanto para o *in-group*, na medida em que todos precisam estar de acordo com as verdades já estabelecidas do grupo, quanto para o *out-group* já devidamente categorizados na mentalidade de *ticket*. A homeostase é o sonho almejado pelas massas cujo objetivo é apagar da existência seus opositores, pois a cultura precisa ser eliminada de qualquer conflito, qualquer denúncia, qualquer possibilidade que o que se sabe, pode ser uma mentira. Os membros dessas massas estabelecem uma relação com a realidade de características delirantes. Aprisionados por uma ideologia que lhes explica tudo, um ecossistema moral, ideológico, político e até estético, reduzem as pessoas a uma repetição sem fim, uma câmara de eco cujo o grito é de violência e ignorância, mas também de socorro, embora esse esteja sempre velado. Os ataques às minorias se configuram nesse contexto: historicamente, um determinado grupo é “escolhido” de forma inconsciente para ser perseguido; os ditos loucos, homossexuais, judeus, pessoas trans, etc. A análise dos elementos que constituem essa relação de perseguição, tal como fizeram Horkheimer e Adorno em *Elementos do Anti semitismo*, revelam aspectos sociais que descrevem uma estrutura

conflituosa que encontram nessa perseguição uma tentativa de eliminar as contradições sociais ao eliminar os indivíduos que a representam. O que é negado no progresso da civilização não desaparece, e o seu incômodo é a constante lembrança de que a discórdia está logo à esquina. Justamente por isso há o desejo de autoritarismo nesse contexto, perdidos ao relento, clamam por uma ordem que reestabeleça o controle e que não permita que seu mundo estruturado em delírio caia em ruína. O sofrimento psíquico é alto demais com essa possibilidade, então, o autoritarismo com seu controle estrito entra em ação, suprimindo essa necessidade em uma pessoa cuja a possibilidade de individualidade já regrediu, ou, pior, talvez nunca tenha se estabelecido.

Para Adorno, a propaganda fascista é

[...] psicológica por causa de seus objetivos irracionais e autoritários, que não podem ser alcançados por meio de convicções racionais, mas somente através do despertar habilidoso de “uma parte da herança arcaica do sujeito. (Adorno, 1951/2015, p.165)

Assim como em um sintoma descrito pela clínica psicanalítica, o controle das massas pelo líder opera em dois níveis. O primeiro, é o manifesto, da mensagem que é dita e que para tal precisa ter um certo nível de racionalidade para sustentar um absurdo que, na realidade, é completamente irracional. O segundo é do verdadeiro conteúdo das ideias, o latente, que geralmente opera na instância inconsciente, daquilo que não é dito, mas lá se encontra<sup>7</sup>. Se a sociedade arrasta em seu progresso contradições que serão precipitadas na história de uma determinada civilização, ainda marcando presença de forma sorrateira, nesses movimentos de massa obtemos por vezes uma janela para explorar esses problemas sociais. Afinal, como que uma sociedade Capitalista, estruturada no dinheiro, teria qualquer justificativa racional para perseguir os Judeus à custa das acusações de ganância (dentre muitas outras) desse povo (Horkheimer & Adorno, 1947/2006e)?<sup>8</sup> Apenas uma sociedade fragilizada ao longo da história de seu desenvolvimento, aonde seus elementos contraditórios colocam a vida de todos em xeque poderia ter o nazismo como espécie de “sintoma histórico” que revela um problema

---

<sup>7</sup> Como será possível explorar no próximo capítulo, nem sempre há uma distinção tão clara entre conteúdos latentes e manifestos, e algumas formas de ideologia são calcados em uma relação mais exposta dos conteúdos irracionais.

<sup>8</sup> Evidentemente que uma análise minuciosa das características das minorias perseguidas poderia revelar com grande detalhe quais elementos precipitados na história, bem como sua evocação em determinado contexto histórico pelos movimentos de massas. Porém, para o determinado estudo, apenas a identificação dos elementos desse mecanismo está sendo destacado para compreensão de sua estrutura que é semelhante por entre as diferentes massas.

muito mais profundo. O conteúdo arcaico do indivíduo que reside em seu inconsciente é produto de seu desenvolvimento em uma cultura que depositou ao longo da história de seu desenvolvimento esses conflitos. A estrutura psíquica dos membros da sociedade, então, não possui outra alternativa a não ser se constituir, da forma que for possível, dentro deste tecido social problemático.

Não é à toa que Adorno encontra, na Psicanálise, subsídios para complementar sua teoria crítica da sociedade no que tange às questões da dominação. A Psicanálise possui uma teoria extensa capaz de elucidar os mecanismos que sustentam a irracionalidade nas pessoas. Ela ainda fornece a análise do não dito do que está velado. Caso a crítica desses movimentos de massa seja apenas superficial, de seu conteúdo manifesto, ela atinge uma parede intransponível logo de início. As psiquês dos membros das massas prontamente levantam defesas para sustentar a sua própria mentira, racionalizações que cindem a mente da pessoa que passa a enxergar apenas o que precisa para sustentar seu delírio. Desprezo, arrogância e a pura agressão geralmente configuram os últimos estágios dessas defesas, quando a própria realidade não provê mais elementos que consigam ser deturpados adequadamente para continuar na montagem de seu teatro ideológico.

Já a forma com que os líderes desses grupos conseguem manipular com tanta maestria as pessoas é de suma importância e, evidentemente, é bem tratada pelos autores, segue:

O líder pode adivinhar as demandas e necessidades psicológicas daqueles suscetíveis à sua propaganda, porque os reflete psicologicamente e deles se distingue por uma capacidade de exprimir, sem inibições, o que é latente neles, e não por qualquer superioridade intrínseca. Os líderes são geralmente tipos de caráter oral, com uma compulsão para falar incessantemente e enganar os outros. O famoso encantamento que eles exercem sobre seus seguidores parece depender, em larga medida, de sua oralidade> a própria linguagem, desprovida de seus significados racionais, funciona de uma forma mágica e favorece aquelas regressões arcaicas que reduzem os indivíduos a membros de multidões. (Adorno, 1951/2015, p.181)

Se no comportamento das massas, o grupo de pessoas que dela fazem parte não é inferior, os seus líderes também não são intelectualmente superiores, eruditos que dedicariam horas de estudo sobre essas técnicas<sup>9</sup>. O que os líderes realizam é a exposição de

---

<sup>9</sup> Apesar disso, não se pode deixar de observar que a manipulação de diferentes grupos se tornou mais uma mercadoria a ser oferecida no mercado. Aulas de *coaching*, gestão, oratória, publicidade e propaganda, muitas

seu próprio inconsciente para fora com um certo nível de lucidez e organização em nome da manipulação, utilizando de sua psicologia, o seu sucesso atesta a veracidade desses mecanismos de controle. Um recurso muito valioso e fundamental para o sucesso do líder agitador da massa é saber dosar o que fala, um equilíbrio entre o absurdo e o legalizado, que somente pode existir em uma sociedade irracional. A expressão “Gosto porque fala o que pensa, sem medir palavras” é uma meia verdade apenas. Uma análise do discurso muitas vezes demonstra que o que se fala é cuidadosamente calculado, moldado para quem vai escutar, bem como o local e veículo de transmissão. Deslizes podem ocorrer, mas eles mais ajudam do que atrapalham pois corroboram para essa ideia de alguém que já não está mais preso ao “politicamente correto”. Termo curioso, inclusive, pois revela que a sociedade é cindida, que permite a existência de mais de um correto, um político, falso, e um não-político que deve ser o verdadeiro. A realização do desejo de agredir o outro é consumada pelo mecanismo de identificação com o líder que realiza ataques organizados pela sua oratória, cuidadosamente forjada utilizando da racionalidade para fins irracionais. É o dizer sem nem precisar sequer abrir a boca, pois assim o líder faz, e para a massa, nem a culpa resta. Psicologicamente, esse é um mecanismo altamente empobrecido, pois o sujeito sequer tem a oportunidade de se responsabilizar pelo o que supostamente acredita. Novamente, a possibilidade de resistência é sabotada e a pessoa semiformada goza de sua realização suma.

A característica da oralidade muitas vezes é o único elo que divide o líder de seus liderados. Tal elemento há muito tempo deixou de ser sequer escondido nas relações políticas: o “carisma” já é uma característica buscada e admirada nos líderes políticos, como se esse fosse o único critério relevante para alguém que precisa ocupar um cargo de liderança tão importante. A própria massa retira a máscara que em outros momentos até servia para esconder esse absurdo declínio das exigências das qualidades que os líderes precisariam possuir para cumprir seus deveres com o mínimo de competência. Sua qualidade mais importante, então, passa ser única e exclusivamente a capacidade de arrebatá-la maior quantidade de pessoas. Um processo democrático caracterizado pelo encantamento das pessoas pelas massas, é um processo democrático falho, pois para que haja um processo democrático de fato, não apenas o direito de escolha precisa ser garantido, mas também condições educacionais para munir os indivíduos de senso crítico para realizar escolhas com o

---

vezes organizam e se utilizam de alguns desses mecanismos. Entretanto, mesmo dentro desse cenário, a lucidez em relação a esses mecanismos ainda não é completa.

mínimo de discernimento. Garantindo a manutenção desse processo, o desejo de dominação do homem se realiza legitimado pela estrutura social que se recusa a resolver problemas estruturantes em nossa sociedade.

A tarefa é facilitada pelo quadro mental de todos aqueles extratos da população que sofrem de frustrações sem sentido e, portanto, desenvolvem uma mentalidade mesquinha e irracional. Pode muito bem ser o segredo da propaganda fascista que ela simplesmente tome os homens pelo que eles são: verdadeiros filhos da cultura de massa padronizada de hoje, em grande parte subtraídos de sua autonomia e espontaneidade, em vez de se colocar metas cuja realização transcenderia o status quo psicológico, não menos que social. (Adorno, 1951/2015, p.184.)

O sofrimento na nossa sociedade é simultaneamente fonte e consequência para essa relação de depreciação da individualidade e dominação das pessoas. Frustradas com uma sociedade que falha em lhe satisfazer, a sedução dos movimentos de massa é intensificada, entretanto, uma sociedade enraizada por essas estruturas de controle tem sua possibilidade de ordem e bem-estar solapadas. Embora o incômodo social possa ser percebido pelas massas, raramente conseguem sequer identificar as reais fontes desses problemas uma vez que a ideologia vigente de seu grupo tem como uma de suas principais funções alterar essa percepção da realidade<sup>10</sup>. As pessoas ficam então aprisionadas na repetição de seu próprio delírio, repetição em uma sociedade esclerosada e mediadas pelas relações dos movimentos de massas, a repetição do que já está sem vida. O conservadorismo encontra sua justificativa nesse contexto, de negar o movimento da sociedade que supostamente deveria se modificar ao longo do tempo para melhor atender seus próprios membros. O fato de que as “coisas não eram assim no meu tempo” serve como argumento suficiente. Medo da mudança e falsa atribuição de qualidades ao que já se foi e o que pode vir a ser caso a mudança seja aceita é a sentença final de um organismo completamente fechado, acuado, pois ele não possui estrutura psíquica para lidar com o novo. Por mais irracional que a sustentação de algumas ideias possam ser, na economia pulsional das pessoas, ela se torna racional. As pessoas não acreditam naquilo que querem acreditar: acreditam naquilo que sua estrutura psíquica consegue sustentar.

Associa-se a paranoia ao delírio de perseguição. A chocante afinidade de um estado de consciência como o da semicultura com os processos psicóticos, Inconscientes,

---

<sup>10</sup> A temática da ideologia será explorada com mais detalhes no capítulo seguinte do presente estudo, sendo possível tratar com mais cuidados os mecanismos envolvidos nesse tipo de controle.

seria uma enigmática harmonia pré-estabelecida se os sistemas delirantes não tivessem também, ao lado de seu valor e lugar na economia psicológica da pessoa individual, uma função social objetiva. [...] Os consumidores de pré-fabricados psicóticos se sentem resguardados, assim, por todos aqueles igualmente isolados, que, em seu isolamento numa alienação social radical, acabam unidos por uma insânia comum. A satisfação narcisista de ser em segredo um dos escolhidos entre os demais escolhidos dispensa – enquanto sobrepassa e transcende os interesses mais próximos – o confronto com a realidade, em que o antigo Ego, segundo Freud, tinha sua tarefa mais nobre. (Adorno, 2005/1959, p. 16.)

O pensamento paranoico é característico de ideologias fascistas. Ele precisa criar os seus inimigos bem como os mecanismos para se defender deles. A fragilização do indivíduo abre as portas para que ele se ligue a ideias conspiratórias que lhe dão a ilusão de ser alguém especial, detentor de um conhecimento quase que secreto da sociedade, munido da chave para o sucesso da humanidade que o livrará da “nova ordem mundial”.

Técnicas racionalmente calculadas produzem o que é ingenuamente considerado como irracionalidade “natural” das “massas”. Essa perspectiva pode auxiliar a resolver o problema de se o fascismo como um fenômeno de massa pode ser explicado completamente em termos psicológicos. Enquanto certamente existe suscetibilidade potencial para o fascismo entre as massas, é igualmente certo que a manipulação do inconsciente, o tipo de sugestão explicado em termos genéticos por Freud, é indispensável para a atualização de seu potencial. (Adorno, 1951/2015, p. 185).

O papel psicológico nesse mecanismo de controle é fundamental para seu funcionamento, dessa forma, Adorno escreve:

Embora o agitador fascista indubitavelmente assuma certas tendências internas daqueles a quem se dirige, ele o faz como mandatário de poderosos interesses econômicos e políticos. Disposições psicológicas, na verdade, não causam o fascismo; em vez disso, o fascismo define uma área psicológica que pode ser explorada de forma bem-sucedida pelas forças que o promovem por razões de interesse próprio completamente não psicológicas. O que acontece quando as massas são subjugadas pela propaganda fascista não é uma expressão primária e espontânea de pulsões e demandas, mas uma revitalização quase-científica de sua psicologia – a regressão artificial descrita por Freud em sua discussão de grupos organizados. A psicologia das massas foi apropriada por seus líderes e transformada em um meio para dominação (Adorno, 1951/2015, p. 185-6).

É dessa maneira que se configura a Psicanálise ao revés, suas técnicas e mecanismos são utilizados para fins de dominação. A estrutura psíquica das pessoas deixa de ser um instrumento de emancipação e passa a ser um veículo por meio do qual a dominação do



homem não apenas é permitida, mas acontece em instâncias inconscientes da sua própria mente. O comportamento manifesto da massa é resultante de uma manipulação mais profunda de seu inconsciente: conteúdos negados, mas que ainda marcam sua presença, residem em um sono leve na psiquê, aguardando condições adequadas para acordarem. Manipulados pelas massas e seus agitadores, esses conteúdos percebem sua possibilidade de realização ao se ligarem às formas racionalizadas dos discursos irracionais da massa; um fino condutor é o que basta para que a violência para com minorias seja sanada à custa das ideias de políticas imigratórias mais severas para a suposta geração de emprego. Por sua vez, o interesse em segredar e violentar um grupo de pessoas vulneráveis obtém o apoio do público, confuso e ignorante, sejam quais forem seus verdadeiros interesses políticos.

Ao líder agitador basta ficar atento a quais elementos psicológicos estão depositados nas pessoas para que estes sejam manipulados a seu favor. Como os conteúdos negados pelo progresso fazem parte da cultura e também do inconsciente dos indivíduos, o líder e sua massa estão em sintonia pelos seus inconscientes, violentados e marcados pela cultura cujo o enfraquecimento da subjetividade torna-se condição para sobrevivência. O movimento nazista compreendido apenas em sua dimensão psicológica, negando as determinações culturais, interesses políticos e econômicos, seria uma ingênua análise de um fenômeno mais amplo que requer uma investigação mais completa. Mas o inverso também é verdade, e a descrição dos processos sociais que levaram ao nazismo não basta para compreender sua idealização, execução e consequências.

Esses elementos aparecem com mais clareza em movimentos de cunho fascista devido à quantidade de irracionalidade presente em sua estrutura, demandando ainda mais de um discurso supostamente racional para sustentar sua ideologia, que, para qualquer um com o mínimo de discernimento, consegue perceber a completa insanidade dessas ideias que defendem. Originalmente a análise de Freud foi realizada tomando o exército e a igreja como exemplos de grupos organizados. Ambas instituições, especialmente a igreja, possuem presença muito marcante em nossa sociedade. Em alguns lugares, incluindo o Brasil, a igreja cumpre funções educacionais/morais que se tornam referências para a nação, tornando esse problema ainda maior: o seu condicionamento para ser incluído nesses movimentos de massas é instituído desde cedo nas pessoas, passando a ocupar um estatuto moral em sua psique por conta da introjeção das pressões sociais que enxergam a igreja como autoridade elevada.

Considerando as discussões da primeira parte do presente estudo, esse controle que recai sobre as pessoas não apenas sedimenta, na história, o que não pode vir à tona no que tange às contradições do progresso, como também se alimenta do que é negado para controlar as massas que se tornam palco dessas contradições. Dessa forma, a análise desses conteúdos culturais, o nazismo é apenas um exemplo, deve seguir um modelo de análise histórico em suas diferentes dimensões.

Quando os líderes se tornam conscientes da psicologia de massas e a tomam em suas próprias mãos, ela deixa de existir em certo sentido. Essa potencialidade está contida no construto básico da psicanálise, na medida em que, para Freud, o conceito de psicologia é essencialmente negativo. Ele definiu o âmbito da psicologia pela supremacia do inconsciente e postula que o isso deve se tornar o eu. A emancipação do homem em relação às leis heterônomas do seu inconsciente seria equivalente à abolição de sua “psicologia”. O fascismo impele a essa abolição no sentido oposto, por meio da perpetuação da dependência em vez da realização da potencial liberdade, através da expropriação do inconsciente pelo controle social, em vez de tornar os sujeitos conscientes de seu inconsciente. (Adorno, 1951/2015, p.186-7).

Se um possível conceito de “saúde”, dentro da Psicanálise, fosse concebido, tratar-se-ia de tornar o indivíduo ciente de seus processos inconscientes para se responsabilizar pelos mesmos, porém, dentro desse mecanismo de controle o que ocorre é justamente o oposto. É a negação da possibilidade de existência do inconsciente, por mais escancarado que ele esteja. É o adormecimento da possibilidade de se tornar responsável sobre suas determinações psíquicas, colonizadas e pronta para a exploração dos líderes agitadores que as utilizam como combustível para ideias cujos interesses políticos e econômicos necessitam para obter apoio. É o suposto “não-indivíduo”, massificado, suas determinações são um aglomerado de impressões sociais adquiridas de forma imediata, sem um processo de incorporação crítico, uma vez que sua estrutura psíquica já não comporta mais esse movimento. A racionalização empobrecida de conteúdos recebe carta branca em uma sociedade ideológica onde argumentos puramente insanos são destilados por sistemas linguístico, jurídico, econômicos e pseudocientíficos que os tornam suficientemente racionais para veiculação. Desfila-se de branco, disseminam-se mentiras, amarram-se a corda do pescoço do negro e elimina-se a vida desde que orgulhosamente, a bandeira da “liberdade de expressão” esteja chacoalhando ao fundo.

Evidentemente que termo “não-indivíduo” carrega em si uma contradição intencional, uma vez que, ao mesmo tempo em que esclarece que supostamente trata-se de uma pessoa que não conseguiu alcançar condições plenas para constituir a sua individualidade, não se propõe a afirmar positivamente e de forma fechada, o que de fato seria esse não-indivíduo.

É preciso esclarecer ainda que tal controle, raramente, se alguma vez, como totalitário. O inconsciente, por estar sempre à espreita, também gera incômodos quanto ao ajustamento das pessoas, dessa maneira, algumas formas de sofrimento humano percebidas na atualidade, na realidade podem ser considerados até mesmo como forma de resistência a toda violência sofrida, um sinal de saúde. Não importa o quão massificados estão as pessoas sempre há uma “a mais” que resta para gerar um incômodo, por mais ínfimo que seja. Como consequência, observa-se uma série de inconsistências, tanto no nível individual como no social, nos diferentes discursos e práticas observáveis. Como alguns exemplos, a vida inteira é consumida por árduas rotinas de trabalhos, muitas vezes desagradáveis, mas seu objetivo é sempre poder se livrar do mesmo, experimentar o verdadeiro ócio. Ao realizar tal crítica, a resposta de que se é um “vagabundo” não demora muito a chegar, mas os feriados prolongados são uma benção divina, e o sonho da loteria, a própria ascensão à divindade. No fundo, o desejo por mudança ainda provoca as pessoas por mais fragilizados que estejam, tal como Ulisses, o pecado de consumir a flor de lótus é então revelado: um estado de satisfação tão além do que se está acostumado, e que por isso é proibido, completamente inconcebível em uma sociedade marcada pelo controle e violência. Essas ambiguidades devem servir como pistas para encontrar as verdadeiras causas de muitos sofrimentos subjetivos, que em muitas ocasiões, parecem ser mescladas com o sofrimento social.

Todas as discussões realizadas até o momento levantam uma questão fundamental no que tange o problema principal da pesquisa. Considerando as complexas relações sociais que medeiam todos os aspectos da vida humana, no processo de controle social exacerbado instaurado para manter uma suposta ordem, ocorreria então apenas uma apropriação e ajustamento da complexidade do aparelho psíquico das pessoas, agora enfraquecidas, tendo esse domínio como objetivo? Ou algo mais severo: uma mudança estrutural no próprio aparelho psíquico do ser humano para algo que, na realidade, nem teria chances de escapar desse domínio em razão de perdas de qualidades psíquicas que poderiam impor resistência a esse controle estabelecido. Apesar de nenhuma dessas duas possibilidades representar

situações ideais para o desenvolvimento humano, a segunda é uma afronta significativamente maior uma vez que ela representaria uma mudança na estrutura psíquica desenvolvida por Freud, a saber, o sistema da segunda tópica, para algo que aparenta ir contra os interesses de bem-estar humano. Essa mudança seria então potencialmente nociva, pois diz agora de um ser humano com pouquíssimas capacidades reais de resistência uma vez que a violência imposta sobre sua psiquê deixa de ser uma anormalidade e passa a ser sua condição de desenvolvimento.

Tal possibilidade necessita ser explorada com mais atenção.

#### 4 O INCONSCIENTE DOMINADO

No decorrer do presente trabalho, foi possível perceber como o inconsciente humano torna-se um âmbito do psiquismo individual suscetível aos processos de dominação da sociedade administrada, levanta a problemática previamente mencionada, dos limites na relação entre o indivíduo e a sociedade, ou melhor, até que ponto é possível estabelecer essa relação recíproca entre os dois campos, e até que ponto ainda é possível falar de dois sistemas. Como analisa Adorno (1955/2015), não é possível igualar os campos da sociologia e da psicologia meramente tomando conceitos idênticos e variando apenas o seu nível de abstração (psicológico e social). A verdadeira relação entre o indivíduo e a sociedade apenas pode ser alcançada ao se reconhecer os limites teóricos e metodológicos de ambos os campos, evitando assim perceber a sociedade como resultado direto da psicologia dos indivíduos, ou os indivíduos como expressões diretas da sociedade. Da mesma forma que as determinações sociais podem ter implicações diversificadas na psicologia dos indivíduos, as categorias psicológicas são emancipadas quando alcançam estatuto social, em ambos os casos a complexidade das categorias de análise muda consideravelmente. Nas palavras de Adorno (1955/2015, p.83): “O conhecimento não pode assenhorear-se de nenhuma outra totalidade que não a antagonica, e somente em virtude da contradição pode alcançar a totalidade”.

Dessa forma, novamente, na perspectiva de Adorno, o problema da relação entre sociedade e indivíduo, universal/particular, é compreendida de forma dialética; a cisão entre indivíduo e sociedade é verdadeira, mas também é verdadeira a relação recíproca de ambos, mesmo que haja a primazia do social, como já estabelecido. A separação da sociedade e da psicologia torna-se então falsa consciência: porém, também compreende uma situação que é verdadeira na medida em que assim se estabelece a alienação dos indivíduos perante a sociedade, que por sua vez encontra-se alienada de si mesma:

A separação entre sociologia e psicologia é incorreta e correta ao mesmo tempo. Incorreta, ao endossar a renúncia ao conhecimento da totalidade, que também impõe a separação; correta, na medida em que registra de forma não reconciliada a ruptura realmente consumada, em vez da unificação apressada no conceito. (Adorno, 1955/2015, p.90-1)

Para Adorno, essa divergência entre indivíduo e sociedade tem origem essencialmente no social, uma sociedade repressiva seria um dos principais fatores que contribuem para essa divisão entre Sociologia e Psicologia, ele escreve:

Se a sociedade porventura não fosse mais repressiva, então desapareceria a diferença entre a sociologia e o especificamente psicológico, embora a superestrutura - a qual se deve subordinar todo o âmbito psicológico enquanto vigorar a prevalência da economia - altera-se mais lentamente; demoraria muito até que o universal social fosse de fato a substância [inbegriff] das necessidades individuais e até que o indivíduo perdesse os traços que são as cicatrizes de sua repressão existente desde tempos ancestrais (Adorno, 1955/2015, p.129)

Quando Adorno fala dessas cicatrizes, chama a atenção para um processo que vai além da psicodinâmica individual. A repressão seria um mecanismo que vai além da ontogênese individual, que também vem se constituindo primariamente em um âmbito social e que por sua vez determinará as possibilidades dos membros dessa determinada cultura. A relação entre sociologia e psicologia se constitui de forma dialética, e a coexistência entre as duas dimensões é condição irrevogável. Para Adorno, essa cisão é responsável por gerar o que ela chama de uma falsa consciência nas pessoas, a clivagem entre esses dois campos pela impossibilidade deles se reconhecerem na sociedade, suas relações são reificadas e passam a se apresentar a eles como uma coisa em si mesma, abstraídos dos processos que os prediz. Entretanto, a falsa consciência é também verdadeira na medida em que a vida interna (experiência subjetiva) e externa (da sociedade propriamente dita) estão de fato cindidas. Nas palavras de Adorno: “Na sociedade antagônica, os seres humanos, cada indivíduo, são não idênticos a si mesmo, são caráter social e psicológico ao mesmo tempo, e, em virtude de tal cisão, danificados a priori” (1955/2015, p. 105-6).

Devido à falsa consciência, o ser humano fica incapaz de perceber o poder das determinações sociais em suas próprias vidas, como efeito dessa cisão entre a experiência social e a subjetiva, as pessoas passam a compreender as determinações sociais como sendo resultantes de sua vontade: “As intransparências da objetividade alienada empurra os sujeitos de volta a seu eu restrito e os ilude ao lhes colocar seu ser-em-si separado, o sujeito monadológico e sua psicologia, como o essencial”. (Adorno, 1955/2015, p.86). A harmonia entre essas determinações sociais incorporadas veementemente pelas pessoas torna qualquer indivíduo que apresente alguma dissonância com o social como anomalias, um perigo para si mesmo, e também para o sistema. Aprisionados pela rotina da própria vida, é

relativamente fácil observar, no cotidiano, como as pessoas demonstram com muita facilidade o estranhamento a qualquer elemento social que aparenta destoar da totalidade. Essa aparente destonalidade, na realidade, faz parte do ser humano em toda sua multiplicidade, mas ele se encontra alienado de perceber suas próprias potencialidades. Apesar de voltar-se a si mesmo, como Adorno descreve, esse movimento não gera autoconhecimento, mas sim um fechar-se em si mesmo.

É claro que o ponto principal desse problema, dessa suposta integração das determinações sociais na psicologia do indivíduo, se dá no fato de, na sociedade administrada, os interesses sociais serem contra o bem-estar da própria população e, talvez, até mesmo do próprio desenvolvimento minimamente sadio do tecido social: a cada dia que passa a estrutura econômica demonstra ser mais insustentável, mesmo que ela continue a se arrastar pelo tempo, leva consigo o sofrimento de inúmeros povos, calcula-se, com razão, a quantidade de mortos provenientes de regimes ditatoriais ditos comunistas, mas curiosamente ninguém se atreve a contabilizar as inúmeras vidas humanas perdidas dentro do capitalismo devido às suas contradições estruturantes e que não dão sinais de melhoras. As pessoas encontram-se incapazes de realizar críticas ao modelo sócio econômico vigente; ele passa a ser percebido como consequência natural e incontestável do progresso, e não como uma possibilidade histórica que foi forjada pelas relações sociais ao longo do tempo. A possibilidade de a sociedade reconhecer o momento de construir um novo modelo sócio econômico que atenda de forma mais adequada suas necessidades é impedida, pois já foi decidido que apenas duas alternativas são possíveis. Tanto o saudosismo para com o comunismo, quando o do capitalismo, tornam-se retrocesso dos povos que estão imobilizados pelas instituições aprisionantes da sociedade.

As contradições estruturantes da sociedade vão passar a fazer parte também da psicologia das pessoas; para Adorno:

“Psicodinâmica”, é a reprodução de conflitos sociais no indivíduo, mas não de tal forma que ele apenas retrate as tensões sociais atuais, pois ele, na medida em que existe como algo isolado e separado da sociedade, também desenvolve a partir de si, mais uma vez, a patogenia de uma totalidade social, sobre a qual impera a própria maldição da fragmentação (1955/2015, p. 88-9).

Com a incorporação da irracionalidade da sociedade ao organismo em questão, restam duas possibilidades: Primeiramente, devido à sua adaptabilidade, ele irá se

desenvolver em meio a uma sociedade irracional, em meio desses conflitos. A categoria de estudo da psicologia do “desenvolvimento humano”, na realidade, torna-se o relato de diversos processos de violência que passaram a ser percebidos de formas normais, justamente por não haver outro modelo para comparação. Novamente é uma condição que remete ao Ulisses; a vida das pessoas, em uma sociedade tão insuficiente para garantia do bem-estar de seus membros, torna-se um constante testemunho do sacrifício humano, que sempre tem suas potencialidades truncadas por determinações sociais irracionais que já foram dadas como naturais. A dificuldade que as pessoas possuem para conseguir construir uma carreira na nossa sociedade pode servir de ilustração para esse problema. É um desperdício extremamente alto de tempo e recursos para que algumas pessoas possam, se tiverem sorte, sequer conseguir ingressar no seu campo de atuação. Para aqueles que alcançam seus objetivos, falam com orgulho dos sacrifícios constantes que precisaram superar para chegar onde estão. Somente onde a dor virou a norma, o sacrifício se converte em motivo de comemoração. A vida já está danificada e as pessoas sequer têm coragem de questionar se as estruturas sociais que habilitam esses absurdos podem mudar.

Em segundo lugar, temos o adoecimento psíquico, que necessariamente deve ser compreendido em sua dimensão social. O sofrimento psíquico acompanha o desenvolvimento da sociedade, tal fato deveria necessariamente desembocar em uma crítica das origens de tal sofrimento e não apenas descrição e alívio do sofrimento. Infelizmente, não é o que se observa devido justamente aos mecanismos de controle investigados até o momento; a adaptação à irracionalidade torna-se condição *sine qua non* para a sobrevivência das pessoas, fragilizadas, estão enfraquecidas demais para poder fazer resistência, e o nível de controle sobre suas determinações psíquicas já foi realizado da forma mais profunda possível, ao nível inconsciente. Com isso o sofrimento humano é normalizado, deixa de ser uma anomalia a ser superada, é condição para o desenvolvimento, e suas origens, veladas.

Adorno, em seu aforisma denominado A Saúde para a Morte (1944/2008), consegue condensar essas ideias de uma forma muito precisa, ele escreve:

Os desempenhos libidinais que são exigidos do indivíduo de conduta sadia em corpo e alma são de tal ordem que só podem ser realizadas à custa das mais profundas mutilações, uma internalização da castração nos extrovertidos em comparação com a qual a antiga tarefa da identificação com o pai é aquela brincadeira de criança que foi ensaiada (p. 54).



E logo adiante:

Nenhuma pesquisa até hoje **penetra nas profundezas do inferno em que são impressas as deformações** que depois vêm à luz como alegria, abertura de vistas, sociabilidade, como adaptação bem-sucedida ao inevitável e como senso prático bem resolvido. Há fundamento na conjectura de que elas se dão em fases do desenvolvimento infantil ainda mais precoces do que a origem das neuroses: se estas resultam de um conflito em que o impulso se viu batido, então a condição, que é tão normal como a sociedade lesada à qual se assemelha, resulta de **uma intervenção como que pré-histórica, que destrói as formas antes mesmo de chegar-se ao conflito**, e a posterior ausência de conflito reflete a decisão prévia, o triunfo antecipado da instância coletiva, não a cura pelo conhecimento (p. 55, *grifo meu*).

As provocações de Adorno levantam algumas questões fundamentais, que evocam a necessidade de uma relação mais visceral com a condição humana, uma verdadeira investigação profunda desse estado de violência que acomete às pessoas. Até que ponto as pessoas não estão reduzindo a sua existência à mera sobrevivência árdua; até que ponto tal condição, tida como natural, continuará sendo suportada? E até que ponto as teorias psicológicas, para além da Psicanálise, ainda vão se manter tímidas de sua responsabilidade de reconhecer e denunciar essas violências estruturais que causam o total silêncio da possibilidade de sequer fazer denúncia?

Neste contexto, o psicologismo tenta qualificar as qualidades psíquicas provenientes desse processo de violência, como sendo naturais ao aparelho psíquico, isentando a sociedade de sua responsabilidade. Esse discurso é conivente com o *status quo* justamente por defletir para o individual/subjetivo o que precisa ser compreendido em sua dimensão social. O comportamento econômico do homem a partir do senso comum é a sua maior prisão, impossibilitando qualquer chance de mudança social, uma vez que o homem, cego desses processos sociais que o violentam, passa a enxergar a si mesmo como naturalmente ganancioso, mesquinho, oportunista etc. A subjetividade passa a existir como serva das determinações sociais e a lógica econômica alcança uma prioridade maior do que as necessidades dos homens. Embora a totalidade da *ratio* organize nossa vida, o discurso dominante também tende a criar uma ideia de subjetividade que é evocada apenas quando for necessário esconder a primazia do social perante o subjetivo, dando a ilusão de que cabe aos indivíduos, e só a eles, carregar o peso das contradições sociais. As possibilidades das pessoas conquistarem sua individualidade, torna-se escassa, dominado pela sociedade

através de sua própria psique, sua subjetividade fica mediada novamente pelo nivelamento por baixo, sua liberdade é transformada em mera escolha entre as opções consideradas “menos pior”. De fato, é função do Eu realizar o “teste de realidade” e mediar o contato do aparelho psíquico com a sociedade, e, ao adulto, espera-se que tenha expectativas realistas frente a vida. Toda essa suposta “sensatez”, entretanto, ofusca a cruel realidade que as possibilidades do mundo estão empobrecidas, mortas, e todos os milhares de anos de evolução da espécie e das culturas desembocaram em uma experiência de vida que se resume à sobrevivência.

As possibilidades de escolha do inconsciente também são tão reduzidas, **quando não já originalmente tão pobres**, que grupos que representam os interesses dominantes podem **dirigi-las em poucos canais**, por meio de métodos testados há muito tempo pela técnica psicológica nos países totalitários e não totalitários. Cuidadosamente protegido através da manipulação da mirada do eu, o inconsciente, em sua pobreza e indiferenciação, coexiste de modo feliz com a padronização e o mundo administrado. (Adorno, 1955/2015, p. 93, *grifo meu*)

Os trechos acima destacados elucidam como o nível de controle sobre o inconsciente acontece de forma estruturante e também de uma maneira mais agressiva pelas instituições sociais. No primeiro caso, temos o próprio desenvolvimento humano, que, ao passo que é mediado por uma sociedade empobrecedora de sua estrutura psíquica, o torna irrevogavelmente fragilizado e exposto a esse nível de controle. Já no segundo momento, temos as ações diretas que perpassam diversos mecanismos de controle intencionais que penetram no inconsciente. O enfraquecimento estrutural e os ataques sofridos pela instância psíquica do inconsciente ao longo da vida se configuram dessa maneira, tal como explorado no capítulo anterior do presente estudo. Como resultado, ocorre o empobrecimento dos conteúdos e também de seus mecanismos, que constantemente são manipulados pela sociedade.

Para Adorno, esse seria justamente o motivo para que a ideia de um sujeito supostamente sadio, ajustado à totalidade social, constitui, na realidade, uma pessoa que, por incorporar as irracionalidades sociais, também se torna irracional, adoecido, pouco resistente às crises sociais que agora passam a ocupar a sua psicologia:

Esse é o fundamento da inverdade objetiva de toda psicoterapia, que incita os terapeutas à fraude. Na medida em que o curado se assemelha à totalidade insana,

torna-se ele mesmo doente, mas sem que aquele que fracassa em ser curado seja por isso mais saudável (1955/2015, p. 90).

Novamente, esbarra-se na crítica da função da Psicologia enquanto ciência e a serviço adaptacionista da sociedade adoecedora. Afinal, qual seria o seu papel? Conformar-se com o atual estado de dominação generalizada do ser humano pela sociedade irracional, tornando-se assim mais um instrumento de ajustamento, ou finalmente ocupar o lugar anunciado por Nietzsche (1886/2017), de ser a ciência que verdadeiramente poderia livrar o homem de sua mediocridade?

O mecanismo mestre da relação de controle que recai sobre as pessoas é mobilizar em seu âmago elementos psicológicos suficientes para estabelecer convivência com as determinações sociais que se mostram mais imponentes do que as subjetivas. O medo primordial da própria aniquilação do corpo é evocado para tal tarefa:

Mais essencial como // motivo subjetivo da racionalidade objetiva é o medo [Angst]. Ele é mediado. Quem não se comporta segundo as regras econômicas, hoje em dia raramente naufraga imediatamente, mas no horizonte delineia-se o rebaixamento socioeconômico. Torna-se visível o caminho para o associal, para o criminoso: a recusa de colaborar torna suspeito e expõe à vingança social quem não precisa ainda passar fome e dormir sob as pontes. O medo [Angst] de ser excluído, a sanção social do comportamento econômico, internalizou-se há muito através de outros tabus, sedimentando-se no indivíduo. Tal medo transformou-se historicamente e, segunda natureza – não por acaso “existência” significa, no uso linguístico filosoficamente não deteriorado, tanto existência natural quanto a possibilidade da autopreservação no processo econômico (Adorno, 1955/2015, p. 77)

A manipulação da sociedade para que seus membros sejam coniventes com sua estrutura hostil ocorre de uma forma que pode ser considerada violenta e os indivíduos pagam um preço caríssimo caso ousem desafiar o status quo. O medo da exclusão social é real, pois as consequências se configuram de forma material, quando as condições de vida são limitadas, como a escassez, fome, humilhação. A violência não é exercida apenas pelas instituições sociais, mas também pelas próprias pessoas, que não hesitam em realizar exclusão social, perseguição e humilhação como consequência dessa ousadia. Adorno nota como esse medo é intensificado pelo próprio instinto humano, o medo arcaico da própria aniquilação do corpo, uma experiência que prontamente levanta as defesas do Eu contra sua própria destruição que é intensificado pelo medo da exclusão social. Esse medo torna-se a moeda de troca da sociedade que busca integrar suas determinações sociais às determinações psicológicas de

seus membros. Convencer diariamente que cada membro da sociedade seja conivente com as irracionalidades da sociedade seria literalmente impossível, mas, com o cerceamento da existência humana pela Sociedade Administrada, a instância psíquica mais profunda, a saber, o inconsciente, vê-se dominado. A segunda natureza se instaura, e os discursos ideológicos justificam seus efeitos; o comportamento econômico humano e suas expressões na psiquê humana, tal como ganância, avareza etc., são transformados em características naturais da espécie humana e utilizadas como justificativa para a impossibilidade de qualquer mudança. O processo de sedimentação de conteúdos denota novamente a profundidade da influência, ao nível Inconsciente, desse controle que recai nos indivíduos, *homo economicus* não se torna apenas uma possibilidade, mas a única disponível e sua constituição é realizada à força. A sociedade e os seus membros tornam-se obcecados pela economia, passando ela a ser o único critério que importa. Frases como “O pior que pode acontecer se determinado candidato for eleito é um retrocesso social” torna-se justificada em uma sociedade em que o bem-estar de seus membros se tornou descaradamente secundário à economia. Ela não precisa mais mentir, pois essa verdade já penetrou a psicologia dos sujeitos que replicam as ideias absurdas com orgulho. Nesse quesito, Adorno escreveu:

Apesar do primado inquestionável da economia sobre a psicologia no comportamento do indivíduo, permanece sempre incerto se sua racionalidade é de fato racional e se não poderia ser sempre desmascarada como racionalização excessiva. (Adorno, 1955/2015, p.79).

Não é possível determinar com certeza se Adorno, neste trecho específico do texto, está se referindo diretamente ao mecanismo de defesa da racionalização utilizado na Psicanálise, porém, o mecanismo que ele descreve possui semelhanças significativas, provavelmente está interpretando de forma particular esse conceito. Tal racionalização, refere-se a um organismo adoecido e que precisa despender uma grande quantia de energia psíquica para se defender do sofrimento por meio da racionalização, que, por sua vez, tenta sustentar a mentira que lhe causa sofrimento. Para Adorno, a racionalização possui certa dualidade uma vez que simultaneamente diz algo de verdadeiro da sociedade e do indivíduo, mas não sua totalidade; aquilo que é objetivamente verdadeiro também pode ser subjetivamente falso nesse processo de incorporação da *ratio*.

Embora o controle coercitivo seja uma realidade social dessa cultura, expressado por meio das diferentes instituições nela existentes, o sucesso do controle imposto na atualidade

se dá porque grande parcela dele não é meramente exógeno ao indivíduo, mas ocorre a partir de sua própria estrutura psíquica. Ele não precisa fugir da dominação, pois agora ela é também o seu desejo masoquista. A possível alteração estrutural no seu desenvolvimento psíquico estabelece uma abertura emocional, ou melhor, uma necessidade, em ser dominado por instâncias controladoras/autoritárias.

O controle mobiliza na economia libidinal das pessoas qualidades sadomasoquistas na medida em que sua convivência social é constantemente permeada por relações de poder entre pessoas que ocupam cargos hierárquicos diferentes. Maltratar o outro torna-se uma forma de elaborar a violência que, outrora, incide sobre aquele que agora tem a oportunidade de realizar sua vingança. Sua relação com as instâncias de controle lhe fornece ganhos secundários. Esse processo de naturalizar aquilo que é estabelecido historicamente, por sua vez, seria o último passo da morte da crítica: o apagamento da própria história em sua dimensão educacional, é apagamento da possibilidade de se desvencilhar da dominação, exercida sobre ele, e também por ele próprio. A conquista de sua racionalidade, tão prezada pelo indivíduo e pela sociedade, torna-se produto de seu próprio sacrifício, mediado por uma sociedade irracional marcada pela contradição (Adorno, 1955/2015).

A racionalidade no comportamento do ser humano individual, na realidade não é de forma alguma transparente a si mesma, mas sim bastante heterônoma e coagida, e precisa, por isso, **se mesclar ao inconsciente** a fim de se tornar capaz de agir de alguma maneira. Dificilmente alguém calcula sua vida como um todo, nem mesmo as consequências de suas próprias ações de forma completa, embora nos países mais desenvolvidos cada um certamente calcule mais do que a sabedoria acadêmica psicológica pode sonhar (Adorno, 1955/2015, p. 92-3, grifo meu).

O controle dos sujeitos precisa passar despercebido por ele, ser compreendido como suas próprias determinações, o controle de coação, torna-se volição da própria vítima. Apenas considerando o inconsciente e seus mecanismos seria possível alcançar tal nível de relação entre as determinações exógenas, sociais, e a própria psicologia das pessoas. Ao incorporar o enrijecimento das relações empobrecidas da sociedade, as mesmas qualidades passam a fazer parte da psicologia dos sujeitos; em uma sociedade reificada, para os seus membros, restam o mesmo destino, a coisificação de si mesmo e de suas relações com pares torna-se inevitável. Formas contemporâneas de adoecimento são calcadas nessas consequências e o seu estudo consegue servir de janela para as determinações sociais que estão por trás dessas formas novas de sofrimento psíquico:

O sujeito se desmembra entre a interiorização da maquinaria da produção social e um resto insolúvel, que degenera em curiosidade enquanto esfera reservada impotente perante o componente racional que se hipertrofia. Por fim, não apenas a pulsão recalcada, reprimida, mas sim precisamente a originária, que almeja a própria satisfação, manifesta-se como “doente”, o amor como neurose (Adorno, 1955/2015, p. 94).

Apesar de toda dominação que recaí sobre os homens, Adorno menciona um resto, de algo que sempre sobra e que não pode ser completamente usurpado pela sociedade, a totalidade por maior que seja, aparenta nunca ser por completo. As pulsões sofrem o efeito dessa dominação sendo moldadas por ela, não apenas os conteúdos que vão sendo depositados pela história de vida dos sujeitos, mas pelos conteúdos originários. A realização dessas pulsões pode alcançar então estatuto adocedor na sociedade justamente por falta de escolha. A experiência humana é atravessada, violentada em todas suas determinações psíquicas, até mesmo em suas pulsões mais originárias, passam a ser constituídas pelas contradições sociais; possivelmente, o próprio desejo humano seria alterado por esse nível de influência. Ademais, as pessoas ficam isentas de conseguir sequer enxergar sua própria impotência diante de tamanho controle, a sua impotência precisa ser sedimentada em sua psicologia apenas como mero sentimento, velado de suas origens sociais; por mais que Freud (1917/1976), tenha estabelecido a existência de um desamparo estrutural (angústia) na espécie humana, que tem seu primeiro indício na experiência traumática do nascimento, tal desamparo continua em estatuto social ao longo da vida das pessoas, reeditado agora em ameaças materiais de exclusão social, e diante dessa verdade “ao eu resta apenas ou transformar a realidade ou retroceder novamente ao isso” (Adorno, 1955/2015, p. 112). O laço mortal entre uma tendência estrutural e o controle intencional da população é o cruel destino que recai em todos os membros dessa cultura calcada na dominação.

Mas a incorporação dos subsídios irracionais da sociedade pela psicologia dos sujeitos demanda a análise de um elemento que complementaria a compreensão de como esse fenômeno é possível, de como a mente humana consegue sustentar essas absurdas contradições que o impelem a agir contra seus próprios interesses. Embora as discussões realizadas até então, em especial no capítulo anterior no que remete à manipulação da massa pelo líder, tenham fornecido dados relevantes de como se dá essa relação, o elemento chave da ideologia precisa ser investigado de forma mais dedicada.

A ideologia tornou-se ao longo dos anos um conceito muito familiar ao senso comum, talvez jamais na história do Brasil tenha se falado em ideologia tanto quanto na atualidade. Para a pessoa semiformada, lidar com um conceito tão delicado geralmente resulta em um desastre. Em uma sociedade completamente cindida, marcada pela presença de diversos grupos que tomam o ataque a seus inimigos como, muitas vezes, sua única razão de existência, a noção de ideologia se converteu em uma arma para acusar o que o outro diz como mentira, desqualificar o seu discurso sem sequer investir em uma análise crítica minimamente racional. Em razão de sua complexidade, Adorno analisa a ideologia em sua transformação ao longo da história e como essas mudanças alteraram seu mecanismo de funcionamento e também a forma com que os membros da sociedade percebem esse conceito.

Apesar de Horkheimer e Adorno (1956c), em seu texto, descreverem diversas formas assumidas pela ideologia ao longo do tempo, para os autores não é possível perceber a ideologia de uma forma evolutiva linear. Uma das concepções mais primordiais do conceito de ideologia e também, provavelmente, a forma mais conhecida dela, a descreveria como um conjunto de conceitos e ideias que se organizam em nome de um discurso maior que organiza o pensamento a fim de justificar a realidade objetiva. Os autores ainda falam da concepção iluminista da ideologia como espiritualização de conceitos. Da ideologia concebida a partir da crítica marxista, com sua proposta de desvelar a realidade manipulada pela classe dominante. E da ideologia fascista como mentira manifesta, de um discurso puramente irracional, mas que depende da manipulação de elementos da subjetividade dos indivíduos para se sustentar.

De uma forma geral, na concepção da Teoria Crítica, a ideologia cumpriria a função de servir como justificção para a dominação, mascarando, de formas distintas, os mecanismos de discursos por trás do aprisionamento dos indivíduos. Todas essas formas de ideologia ainda existem na atualidade em sua pluralidade, entretanto, a transformação histórica da ideologia culminou em uma configuração que é particularmente relevante.

O discurso ideológico da atualidade possui uma relação íntima com a ciência, no sentido de que o discurso sempre partirá de elementos de verdade para a construção de sua mentira, que ocorre em um contexto mais amplo. Essa é a denominada ideologia da racionalidade tecnológica, a forma mais predominante de dominação que ocorre na atualidade da Sociedade Administrada. Na obra *Indústria Cultural* de Horkheimer e Adorno (1947/2006c), os autores observam uma densa homogeneização da vida proveniente da lógica de produção industrial que passa a ser utilizada na produção cultural da sociedade. Esse

momento atual da sociedade é proveniente do percurso do esclarecimento, estabelecendo assim um relacionamento íntimo com o desenvolvimento de uma proposta de ciência e produção cultural que ao longo dos anos conseguiu abarcar em sua lógica de instrumentalização racional todas as dimensões da vida humana, acarretando em um total estado de dominação e cerceamento da existência humana calcada na repetição. As categorias culturais aprisionam o ser humano em um ciclo de mesmices pré-estabelecidas, calculadas e com finalidades meramente utilitárias e imediatas. Como resultado, ou melhor, como “produto” final dessa dialética, a Indústria Cultural consegue mobilizar as energias libidinais inconscientes do homem para manter a relação de dominação já estabelecida. O controle que incide sobre o homem o atinge em seu âmago uma vez que a Indústria Cultural cerceia a vida em todas suas dimensões: trabalho, lazer, sexualidade, educação, o constante assédio consumista que atinge o homem o faz ser igual a todos os outros, ao se massificar dessa forma na sociedade administrada, se torna substituível, quantificável, passa a ser dado estatístico e como tal, possui sua utilidade na reprodução do sistema, passando a reagir de forma reflexa aos estímulos irracionais da cultura. (Adorno & Horkheimer, 1947/2006c).

O homem não desenvolve sua potencialidade crítica e possibilidades de emancipação em uma espécie de esvaziamento da subjetividade, as pessoas tornam-se regredidas em seus mecanismos psicológicos devido ao alto nível de ajustamento social; ele transformando-se então em um mero consumidor da Indústria Cultural. De acordo com Adorno (1953/2004), a irracionalidade da nossa sociedade chega a tal ponto que os processos sociais passam a ter fins em si mesmos e as categorias universais que se apresentam para o particular possuem aspectos alienantes.

A percepção do mundo é reduzida às formas existentes, tarefa cumprida com êxito pela indústria cultural, que molda o mundo a ser apresentado segundo as conveniências de seus patrocinadores; o pensamento é reduzido à matemática, a fórmulas, a estereótipos, mas isso, obviamente, não é percebido: a acusação àqueles que contrapõem o socialismo ao capitalismo, ou aos que descrevem a atual sociedade como totalitária, de que veem o mundo em preto e branco é própria daqueles que defendem, sem perceber e sem entender, o horror. (Crochik, 2010, p.34).

O indivíduo passa a representar, em sua forma, um âmbito de possibilidades relativamente amplo, considerando a magnitude da nossa sociedade, porém, simultaneamente, também representa o fracasso da realização dessas possibilidades devido



a essas repetições esvaziadas de sentido. Sua existência passa a ser a da própria contradição na medida em que carrega a marca de uma sociedade com recursos para a emancipação do homem, mas que constantemente não se realiza, evidência percebida em cada um dos membros dessa sociedade. É quase enlouquecedor considerar, no atual momento de desenvolvimento cultural, a gigantesca gama de possibilidades disponíveis, e mais enlouquecedor ainda, a quantidade de desperdício que também se apresenta uma vez que Sociedade Administrada cerrou-se na repetição sem fim de uma mediocridade existencial. Tal como a sociedade, o ser humano passa a ser um eterno “quase”, flerta constantemente com diversas possibilidades de existências, mas elas sempre recaem na repetição, é a mentira da liberdade econômica tão defendida pelos liberais, cuja única verdade, na realidade, tornou as cidades e seus produtos que sempre se tornam idênticos, incluindo o *homo economicus*.

A mentira da liberdade na nossa sociedade possui repercussões sérias na psicologia dos indivíduos, uma vez que para Horkheimer e Adorno:

A indústria cultural não sublima, mas reprime. Expondo repetidamente o objeto do desejo, o busto no suéter e o torso nu do herói desportivo, ela apenas excita o prazer preliminar não sublimado que o hábito da renúncia há muito mutilou e reduziu ao masoquismo. (1947/2006c, p.115)

A sublimação, considerado um mecanismo de defesa de alta elaboração psíquica, é substituída pela sua forma mais rudimentar da mera repressão para o controle. Os objetos de desejo, como descrevem os autores, reduzidos à mera condição de mercadoria realizam o empobrecimento da experiência humana. É inegável a quantidade de recursos materiais acumulados pela nossa cultura, vestuário, as diferentes *gadgets*, que são atualizadas pelo mercado a cada ano, pacotes de viagens, festivais musicais, a lista é quase infindável. Mas, simultaneamente, o acesso a todos esses recursos é mediado pelo mercado, e a obtenção desses bens aparenta estar sempre acompanhada de uma silenciosa insatisfação, uma inquietude que é a acusação de que aquilo que se oferece, não passa de uma mentira. Algumas pessoas demonstram uma necessidade de viver no limite, exacerbar sua existência ao máximo. À primeira vista, poderia parecer um indivíduo que alcançou uma sensibilidade suficiente para perceber a existência de seus grilhões, e grita pela sua liberdade. Mas na realidade não passa de um organismo sufocado, e o extremo só existe como formação reativa ao controle máximo exercido sobre ele. Também é marca da violência, e se expressa no

masoquismo, na necessidade de sentir dor, pois a vida já está por demais anestesiada. Um grito dentro da camisa de força.

A exemplo da sexualidade, embora na atualidade não seja possível observar o controle excessivo da vida sexual, tal como Freud pôde perceber no período vitoriano de Viena, suas qualidades agora foram substituídas por uma forma também mercadológica e reducionista em seu acesso, a busca pelo prazer alcança estatuto imediatista e previamente calculado e classificado, perde-se a espontaneidade das relações amorosas livres, mediados pela indústria cultural reificante, o outro não passa de um objeto de consumo. Dessa forma, Adorno descreve que o sexo foi, na realidade, dessexualizado (Adorno, 1964/2015). Houve a substituição de uma forma de controle por outro, e as transformações sociais, não apenas no que tange à sexualidade, não podem ser analisadas de forma ingênua; nos últimos anos, de fato muitas conquistas foram realizadas no que tange aos direitos das pessoas de sexualidade e gênero diferenciadas, mas tal avanço, ainda incompleto, também é acompanhado de outros desafios a serem superados, bem como o aparecimento de novos. Por mais diferente que a sociedade esteja da era vitoriana, por exemplo, mais próximo ainda está no sentido de que a repressão da sociedade agora se configura de novas maneiras, pois elementos estruturais que edificam os sintomas sociais ainda permanecem, troca-se apenas a suas aparências, os tabus ainda continuam.

O controle passa despercebido uma vez que felicidade se tornou sinônimo de bem-estar econômico, apesar dos meios de comunicação mundiais demonstrarem corriqueiramente o sofrimento de milhares de povos de forma persistente, a estrutura socioeconômica alcançou seu objetivo máximo de instaurar o individualismo nas pessoas, uma vez que esse próprio sistema precisa da relação dialética entre pobreza e riqueza para se sustentar. Para os autores, a corrupção da indústria cultural não se dá no pecado ou da falta de moral, mas sim no excesso de divertimento que é utilizado para anestesiá-la a população, depreciando sua possibilidade de perceber que o controle que recai sobre eles na realidade é nocivo; subjetivamente, o não-indivíduo enfraquecido, não consegue lidar com suas fragilidades, socialmente, ele precisa sustentar o seu *status quo* para sobrevivência, o dispositivo social sabe que precisa realizar o controle por meio de mecanismos mais elaborados para além da mera força física, embora essa também ainda exista, principalmente no que tange ao campo jurídico. A sociedade continua avançando, independente da disparidade entre o particular e o universal, ela se constitui de forma opressora, recalcante,

sempre moldando as instâncias psíquicas dos homens para manter o seu próprio controle: o Eu, Supereu e o Isso. (Horkheimer & Adorno, 1947/2006c).

A ideologia deixa de ser meramente uma forma de montar um discurso organizado e se transforma, também, no próprio *ethos* das pessoas. Ela não se resume apenas um conjunto de ideias, e torna-se a própria vida, ideologia como falsa consciência em uma sociedade que é uma mera máscara de si mesma, morta de possibilidades, cujo falecimento se deu no momento em que passou a idolatrar aquilo que já está morto. Como descrevem Horkheimer e Adorno, a “A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o carácter compulsivo da sociedade alienada de si mesma.” (1947/2006c, p.100), estabelecendo assim, de forma legitimada, a falsa consciência que compõe a ideologia na atualidade. A Indústria Cultural é um sistema generalizado, e cada um de seus elementos constituintes está em confluência com uma mesma lógica padronizadora, mas, simultaneamente, em conjunto, conseguem sustentar a ilusão de que são independentes, e até mesmo, livres. Resistir à Indústria Cultural torna-se um trabalho titânico, semelhante à batalha de Hércules contra a gigante Hidra; cada vez que se alcança a vitória cortando uma de suas cabeças, uma nova surge imediatamente no lugar:

A rigidez inexperiente do mecanismo de pensamento que domina a sociedade de massa torna-se ainda mais inflexível, se isso é possível, e a própria ideologia impede que se desmascare o produto oferecido, em sua qualidade de objeto premeditado para fins de controle social, em virtude de um certo pseudo-realismo que, sob o aspecto da exterioridade, proporciona uma imagem permanentemente exata e fiel da realidade empírica. Quanto mais os bens culturais assim elaborados forem proporcionalmente ajustados aos homens, tanto mais estes se convencem de ter encontrado neles o mundo que lhes é próprio. (Horkheimer & Adorno, 1956c, p.200-1)

A vida é resumida ao que já está posto, o hiper-realismo escleroso o pensamento fechando-o para as determinações que já estão estabelecidas, a possibilidade de transcender o próprio pensamento é escamoteada, não apenas porque se torna um movimento extremamente difícil de ser feito, mas também por ser rechaçado quando dá indícios de seu aparecimento. É a eliminação sistemática da negatividade da humanidade, pois todas as suas possibilidades já estão postas à mesa e com as devidas etiquetas de preço acopladas. Um totalitarismo não fascista (pelo menos não em sua totalidade), local onde a dominação, a

mesmice, tornou-se a morada do dominado, que passa a ser, além de vítima, também instrumento de controle.

A falsa consciência de hoje, socialmente condicionada, já não é espírito objetivo, nem mesmo no sentido de uma cega e anônima cristalização, com base no processo social; pelo contrário, trata-se de algo cientificamente adaptado à sociedade. Essa adaptação realiza-se mediante os produtos da indústria cultura, como o cinema, as revistas, os jornais ilustrados, rádio, televisão, literatura de best-seller dos mais variados tipos, dentro da qual desempenham um papel especial as biografias romanceadas. (Horkheimer & Adorno, 1956c, p.200-1)

Uma sociedade altamente integrada, mas que simultaneamente isola seus membros. O avanço tecnológico nada adianta se a frieza da sociedade não for superada. Os limites das técnicas e tecnologias são os mesmos impostos pela sociedade: se ela não for emancipatória, também não serão seus produtos culturais. Ademais, na análise dos autores está faltando ainda a internet, ausente em seu tempo, que não apenas tem as mesmas qualidades dos outros meios de comunicação analisados por eles, que são intensificadas por avanços tecnológicos, mas também qualidades completamente novas que intensificam ainda mais esse estado de controle. As redes sociais da atualidade, por exemplo, compõem uma complexa rede de assédio ideológico através da tela do celular e do computador. Sua vida fica constantemente exposta a todos, e caso não seja, fica isolado das oportunidades sociais. As pessoas passam a depender dessa relação, consomem a vida alheia com todo voyeurismo, olhar o outro, não apenas em seu sucesso, mas em sua ruína.

Tal como a experiência social fica cindida por conta dos mecanismos ideológicos, essa mesma cisão é percebida na estrutura psíquicas das pessoas, e sua experiência também fica cindida. Por essa razão, a ideologia se configura como o principal fio condutor, mais ainda do que a figura de um líder agitador da massa, e agente de dominação que integra as determinações sociais e subjetivas na apropriação do inconsciente na Sociedade Administrada. Ela faz parte, e é a própria sociedade, que ao ser ideologia de si mesma, torna os homens simulacros de seu próprio potencial, o aprisionam na repetição da irracionalidade. Por mais que, por um breve instante, as pessoas percebam a loucura que está integrada na ideologia da qual fazem parte, essa ideia é prontamente negada, não apenas por ser de difícil sustentação para alguém que não consegue lidar com a própria fragilidade, mas porque o mecanismo ideológico da sociedade não pode lidar com pessoas em dúvida.

Em uma sociedade marcada pela presença de muitos grupos defensores de ideias tão distintas, o uso da racionalidade técnica é evocado para realizar uma negação seleta de dados objetivos em prol de outros elementos que se pretende defender; verdades são colocadas à frente das inverdades, concretizando a ideologia que constrói um discurso que pretende compreender toda a realidade a partir de seu filtro tendencioso e, cegamente, limitado. A disputa desses grupos opostos não tem fim, e o conteúdo de verdade que cada um resguarda é constantemente ofuscado pelo discurso ideológico que é percebido e acusado pelo outro grupo oposto, impedindo assim um avanço na discussão; ambos estão ao mesmo tempo, até certo ponto, corretos, mas também sustentam mentiras ao lado dessas verdades, compondo assim seu elemento de ideologia. Fazer crítica social, afiliando-se ou não a algum grupo que represente ideais subversivos, não significa automaticamente conseguir se livrar da ideologia da Indústria Cultural, uma vez que esta é multifacetária e seus tendões de influência têm uma amplitude maior do que aparentam, uma verdadeira *chimera*.

O *status quo* social determinado historicamente de forma persistente se justifica em uma base estrutural socioeconômica que organiza toda a vida, infra e super-estruturalmente, por escamotear nos indivíduos até mesmo os processos históricos de sua constituição, bem como sufocar aqueles que denunciam sua inverdade, ocorre a naturalização desses processos dominadores. Como resultante, os discursos que criticam, expõem e denunciam as insuficiências do sistema para garantir o bem-estar dos indivíduos são tachados de ideologia, o não natural em contraste com o *status quo*. Eventos considerados absurdos para qualquer pessoa são passados batidos e são prontamente chamados de ideologia, e aqueles que mais acusam os outros de ideologia, acabam sendo os que mais a produzem. É somente neste contexto que o discurso de “*as pessoas deveriam ser livres para ser e vestir o que quiserem*” torna-se ideologia em contraste com o que de “*meninos vestem rosa e meninas vestem azul*”. Na primeira frase, é possível observar um sinal de resistência ao controle exercido e naturalizado ao longo da história, já no segundo, a própria ideologia da racionalidade tecnológica mostra sua cara e a mentira fica exposta em plena luz do dia. A verdade já foi acusada há muito tempo, de que o poder na realidade é o que determina o curso da sociedade, e não qualquer possibilidade de racionalidade.

É preciso pontuar novamente que a ideologia da racionalidade tecnológica não é a única existente na atualidade; pela sociedade é possível observar expressões das diferentes formas que a ideologia foi constituída ao longo dos anos. Em algumas dessas configurações,

como a ideologia fascista, o discurso ideológico pouco consegue comportar elemento que se vale da racionalidade na sua construção, sendo então calcadas de forma mais intensa na necessidade de manipulação de conteúdos latentes da psicologia do indivíduo para conseguir sustentação. Mas mesmo quando a ideologia consegue erguer discursos racionais tecnológicos para se edificar, muitas vezes essas construções não passam de racionalizações para encobrir motivações inconsciente mais profundas. Tal fenômeno pode ser observado nos inúmeros debates religiosos contemporâneos, observa-se que o interlocutor defensor de sua religião fará inúmeras elaborações pseudocientífica em defesa de seus argumentos. Mas no momento em que essas máscaras irracionais forem finalmente retiradas, nada muda. A convicção no discurso se mantém, justamente porque é calcado em necessidades emocionais na sua estrutura psíquica, e não nos racionais. E para a pessoa cindida, ambas realidades podem coexistir em sua mente.

A maior astúcia da sociedade administrada não é forçar seus membros a nada, mas, sim, criar um estado de homeostase social onde o incômodo é velado e proibido. Produtos diretos dessa cultura, os indivíduos se tornam incapazes de sequer perceber que há problemas a serem resolvidos. Em uma cultura tão apegada à ilusão da total racionalidade humana, quando adicionado o fator das influências inconscientes na equação de controle, o ajustamento dos indivíduos encontra seu subterfúgio nas fragilidades deles mesmos, produtos de uma sociedade que precisa enfraquecê-los para obter seu sucesso.

É justamente neste contexto que se edifica uma forma de subjetividade completamente assujeitada às determinações sociais, cujo aparelho psíquico está cada vez mais integrado as determinações sociais: não apenas seu aparelho psíquico foi moldado por uma sociedade dominadora, mas também mergulha cada vez mais nos mecanismos de integração e apropriação de suas determinações conscientes e inconscientes da cultura:

Conforme a época atual, são aqueles tipos que nem possuem um eu nem agem propriamente de forma inconsciente, mas espelham o movimento objetivo de forma reflexa. Realizam em conjunto um ritual sem sentido, seguem o ritmo compulsivo da repetição, empobrecem afetivamente: com a destruição do eu cresce o narcisismo ou seus derivados coletivos. A brutalidade do exterior, a sociedade total que age uniformemente, bloqueia a diferenciação e se serve do núcleo primitivo do inconsciente. Ambos conspiram para a aniquilação da instância mediadora; as moções arcaicas triunfais, a vitória do isso sobre o seu, harmonizam-se com o triunfo da sociedade sobre o indivíduo. (Adorno, 1955/2015, p.124.)

A possibilidade da existência deste “não-indivíduo” se dá no enfraquecimento da própria possibilidade das pessoas de conseguirem construir sua individualidade dentro da sociedade administrada. Representa a vitória da sociedade sobre o indivíduo; a categoria “indivíduo” torna-se ideologia, necessária ainda para a manutenção da sociedade, ela fica a seu serviço com o objetivo de sustentar a mentira da individualidade onde ela já não existe plenamente. Como descrito por Adorno (1955/2015), afirmar o indivíduo é recair na ideologia, mas abandoná-lo como meta também é. Nesse contexto, talvez o Isso já tenha se tornado o Eu, mas o Isso não pertence mais ao indivíduo, pois este, completamente esvaziado de sua subjetividade já tenha, sem sequer perceber, abrido mão de seu próprio inconsciente.

O Eu fragilizado das pessoas sucumbe à inflação do inconsciente que passa a se assemelhar à sociedade, uma relação quase que direta entre a psique e a sociedade. E assim a dominação ocorre não de forma coercitiva, mas sim por meio dos próprios indivíduos que possuem seu aparelho psíquico completamente colonizado por uma sociedade irracional. A adaptação alcança níveis tão extremos que já não há mais diferenciação entre o Indivíduo e a Sociedade; é uma aparente harmonia entre o princípio da realidade e o do prazer capaz de afetar até mesmo as pulsões mais íntimas das pessoas (Adorno, 1955/2015).

É nesse contexto que o narcisismo volta a ser mais evidente na atualidade, na medida em que cumpre a função de servir como um sistema de defesa de alguém fragilizado para compensar essa sua condição de desvantagem frente à sociedade. Tal medida desesperada, entretanto, se depara com um beco sem saída uma vez que as ofertas sociais acabam apenas por selar o destino de dominação de uma vez por todas, tal como é a intenção desde o início. Para Adorno, nesta condição reflexa as pessoas teriam uma necessidade psíquica de defender as determinações sociais, pois elas agora pertencem e organizam seu próprio sistema psíquico no campo subjetivo, as convicções sociais, passam a ser deles, de estatuto estruturante de sua mente, e qualquer abalo pode vir a causar sofrimento psíquico:

Não é o suficiente apenas a velha explicação de que os interessados controlam todos os meios da opinião pública, pois as massas dificilmente seriam cativadas por falsas propagandas, toscas e capciosas, se nelas mesmas não houvesse algo que correspondesse às mensagens de sacrifício e vida perigosa. (Adorno, 1955/2015, p. 71)

O empobrecimento da sociedade tornou-se o adoecimento das próprias pessoas, os “não-indivíduos” reflexos, que apresentam na sua vida cotidiana os sintomas de uma

sociedade “moribunda”. Antissemitismo, homofobia, racismo, e muitos outros discursos, são estabelecidos historicamente, herança do progresso, em uma complexa constelação de justificativas sócio-políticas-econômicas. Produtos dessa cultura, as pessoas passam a refletir essas discórdias com muita facilidade. Eles não sabem o porquê o fazem, mas replicam a irracionalidade da sociedade pois a ela os não-indivíduos reflexos pertencem. O sofrimento psíquico das pessoas seria justamente a denúncia máxima do adoecimento também da sociedade, que segue por um rumo que vai contra o bem-estar das pessoas em prol de outros ganhos duvidosos. Mas esse sofrimento, enquanto experienciado pelas pessoas, é velado, e consequentemente, também a sua origem velada. Justamente por este motivo, o sofrimento mental na nossa cultura é banalizado, pois é pelo meio dele que podemos analisar também as contradições sociais. Ele é motivo de vergonha, não pode ser mostrado e rapidamente precisa ser erradicado da forma mais cirúrgica possível. Por este motivo, ao redor do mundo a Psicanálise é recalcada pelo discurso social, pois ela é uma das poucas teorias psicológicas que fazem essa denúncia do não dito, do ser humano que não é dono de todas suas determinações psíquicas. Não apenas essas são ideias incômodas para o não-indivíduo, fragilizado e incapaz de se reconhecer em tal condição, mas também faz a denúncia de uma sociedade que esconde em plena vista, seus mecanismos de controle. Mesmo não cabendo à Psicanálise estender seu alcance teórico-prático para as categorias sociais, como já cometeu o erro de tentar fazer, sua metodologia investigativa e seus axiomas teóricos permitem esse olhar mais crítico, especialmente enquanto aliada de teorias sociais, tal como a crítica social analiticamente orientada.

Esse não-indivíduo descrito por Adorno, o qual age de forma reflexa, poderia representar o mais alto nível de controle que a Sociedade Administrada poderia alcançar sobre a vida das pessoas, e, por conseguinte, representaria um possível desafio à estrutura já clássica da segunda tópica Freudiana. Mesmo considerando que Adorno não possui o objetivo de oferecer um modelo fechado de uma tipificação psicológica com essa descrição, essa figura reflexa permite refletir sobre as implicações que um nível de controle extremo desde a tenra idade das pessoas, que se estrutura para estabelecer o controle e ajustamento social, e que perdura para o resto da vida, deixaria o aparelho psíquico escancarado para ser palco direto das impressões sociais. Ele não age de forma consciente devido à sua fragilização e incorporação da irracionalidade da sociedade, é o “não-indivíduo”, e o seu comportamento se torna reflexo pois já está completamente dominado. Mas ele também não é o sujeito de



inconsciente, pois a ele este nem mais pertence, a sociedade, que outrora seria responsável por sedimentar conteúdos conflituosos no inconsciente de seus membros, teria realizado uma possível mudança estrutural que simplificaria essa relação entre particular e universal. Afinal, não se pode deixar de considerar que Freud apenas foi capaz de edificar sua teoria psicanalítica a partir da percepção do enfraquecimento do indivíduo burguês: ele já estava em declínio, considerando os avanços da sociedade, o sujeito reflexo descrito por Adorno coloca em xeque as possibilidades de existência humana. As categorias teóricas do aparelho psíquico, por sua vez, não são historicamente invariáveis, tal postura seria recair em ideologismo.

A estrutura psíquica do ser humano é sumariamente resultante da sua relação com o meio ambiente do qual se desenvolve, do nascimento até o momento da sua morte. Quando Adorno lança luz a essa figura reflexa, está chamando a atenção justamente para a necessidade de indagarmos até que ponto esse nível de ajustamento a uma sociedade irracional não teria criado uma estrutura psíquica diferente do que as teorias psicológicas já estão acostumadas a tomar como certezas absolutas, e, no processo, acabar banalizando o nível de violência que está sendo imposto as pessoas na atualidade, algo que Adorno percebeu há décadas, mas que aparentemente apenas vem se intensificando.

O nível de controle sobre as pessoas na Sociedade Administrada teria um gradiente de intensidade, e o comportamento reflexo poderia ser compreendido apenas como o nível mais extremo desse controle. Entretanto, tal hipótese necessita indispensavelmente de mais investigações para ser comprovada, e o presente estudo espera ter contribuído minimamente para a discussão.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, foi possível analisar a forma particularmente crítica com que Adorno se apropria da teoria psicanalítica Freudiana para os seus estudos. Elogios são acompanhados de importantes críticas, e o autor não se contentou jamais em aceitar todas as categorias psicanalíticas de forma incontestável, realizando, dessa maneira, avanços importantes para a compreensão da Psicanálise, especialmente no que tange ao seu uso em conjunto com as teorias sociais e suas possíveis transformações ao longo do tempo. Embora seja possível perceber nos escritos de Adorno sua crítica clara e bem pontuada sobre a segunda tópica do aparelho psíquico proposta por Freud, o autor também depende dessa mesma estrutura para realizar algumas de suas análises; a obra *Psicologia das Massas e a Análise do Eu*, tão elogiada por ele depende muito dessa tópica. Ademais, nos próprios escritos do autor é possível perceber algumas referências dessa tópica em sua dimensão substantiva/tópica e não apenas adjetiva. Tal forma de se apropriar da teoria psicanalítica é característica do autor, e lhe concede uma riqueza teórico metodológica ímpar em relação a demais autores, mesmo dentro da Teoria Crítica.

A relação entre sociedade e indivíduo aparenta ser subestimada tanto nas ciências psicológicas, como em outras áreas do conhecimento. A importância da influência que o meio social exerce sobre o desenvolvimento humano, da forma que é percebida pelas demais ciências, muitas vezes é deixada de lado em sua grande maioria. Perde-se de vista que grande parte das determinações psicológicas dos seres humanos depende diretamente da relação que eles possuem com o meio em que convivem. A dimensão social passa a ser evocada de forma parcial com a tarefa de compor um discurso ideológico que esconde, por meio de seus elementos manifestos, conteúdos latentes de cunho sócio político. Para muitos, o contexto social está dado, e dele nada pode mudar, sendo tarefa de cada indivíduo se responsabilizar por completo sobre a sua vida como se a influência do meio social sequer fosse relevante.

Dentro da psicologia, a questão social torna-se um jargão, todas as teorias psicológicas afirmam a importância do meio social para o desenvolvimento humano, mas a investigação dessa relação geralmente se dá de forma superficial. É percebida de maneira ideológica; cada teoria pinça seletivamente aquilo do social que ajuda a montar o seu discurso e o aparelho psíquico humano é construído a partir dessa ótica, muitas vezes desembocando em uma psicologização das questões que na realidade teriam primazia no social.

Evidentemente que, devido à plasticidade humana, essas construções teóricas acerca da psicologia das pessoas carregam consigo elementos de verdade, mas, concomitantemente, também carregam um limite de análise que sempre dependerá de uma primazia teórica que irá buscar encaixar o ser humano em seus modelos pré-estabelecidos.

Embora não seja adequado hipostasiar a ideia de um inconsciente coletivo, que diz respeito à sociedade e com propriedades semelhantes ao inconsciente do aparelho psíquico humano, foi possível explorar como que o progresso da humanidade arrastou, e continua a arrastar consigo, diversas contradições sociais que vão sendo depositadas ao longo da história da nossa sociedade, elementos contraditórios provenientes da ambígua relação que o homem estabeleceu durante o desenvolvimento de sua cultura, protagonizada pelo medo e pelo desejo de dominação. Esses conteúdos são vívidos, tendo sua presença nas estruturas e superestruturas da nossa cultura, muitas vezes de forma velada. O ser humano que advém da sociedade em que se desenvolveu dessa forma, passa a ser afetado direta e indiretamente por esses elementos históricos que foram sedimentados na civilização, e que agora passam a fazer parte da sua psicologia. Dessa forma, seus sintomas individuais passam a ser também uma janela de oportunidades para olhar para os sintomas que se inscrevem socialmente ao longo da história. Parte do inconsciente humano é constituído na medida em que se torna um depositário desses conteúdos conflituosos da sociedade que são introjetados pelo próprio sujeito em sua convivência. Negar a estrutura biológica do ser humano, entretanto, também seria recair em ideologia, pois o conhecimento não pode negar um fato objetivo que serve de base primordial para os processos de desenvolvimento humano. A verdadeira compreensão dessa dimensão só se dá na medida em que seus limites também são levados em conta na construção do conhecimento. No caso do inconsciente, o mesmo só pode existir enquanto apoiado em uma base biológica, que além de possuir conteúdos primordiais provenientes da evolução da espécie humana, tem a capacidade de comportar com seus mecanismos novas elaborações e processos que irão operar, também, ao nível inconsciente.

O Inconsciente precisa ser estudado enquanto uma categoria também social, considerando que seus conteúdos são depositários daquilo que a história do progresso deixou para trás, e também por conter conteúdos imediatamente recalcados da sociedade. Cristalizá-lo no tempo, separando-o de sua contextualização histórica, é psicologismo que tem como resultado o apagamento do indivíduo e tende a amenizar o grande peso que a sociedade possui enquanto peça fundamental para o processo de desenvolvimento humano.

O discurso que tende a reduzir o ser humano à mera condição biológica, é o mesmo discurso que, sem perceber, nega todo o histórico do desenvolvimento da espécie humana, que é marcado justamente pelo desafio aos seus próprios limites naturais. O ser humano não ideológico é aquele estudado a partir de sua (segunda) natureza, inserido em um contexto social cujas determinações são fundamentais em seu desenvolvimento, e que exhibe rastros de seu desenvolvimento que precisam ser investigados. Mas o determinismo extremo, que diz de um ser humano passivo que não possui agência nenhuma de suas escolhas, também é um equívoco, pois todas essas determinações são vividas de formas particulares pelas pessoas inseridas em uma determinada cultura.

Reconhecer o inconsciente é lidar com um incômodo duplo. Ele denuncia, simultaneamente, o fracasso do desenvolvimento pleno da sociedade e também de seus membros: no âmbito social, expõe como a civilização vai se edificando em cima dos escombros dos conflitos mal resolvidos pelo progresso. No âmbito individual, evidencia as consequências de um aparelho psíquico fragilizado e cindido pelas contradições provenientes da cultura. Estranho de si mesmo, sustenta a mentira de completude em uma sociedade onde tal conquista é impossível pois sua condição de liberdade só seria possível em uma sociedade também livre. Tal como postulado por Freud, um sujeito que não é senhor de sua morada.

É dessa forma que Ulisses se torna o anúncio quase que inevitável do ser humano contemporâneo, possuidor de um aparelho psíquico calcado no sacrifício, de alguém que precisa, constantemente, forjar sua identidade através da astúcia, pois esse é o único meio que encontra para sobreviver. Ulisses como protótipo do indivíduo burguês, é também o protótipo do sofrimento humano que, ao longo dos anos, foi se modificando, mas sem jamais ser extinto. Novas formas de controle e sacrifício vão surgindo, e o aprisionamento nessa condição que tende a se repetir vêm ocorrendo há muito tempo. Por este motivo, a análise realizada por Horkheimer e Adorno da Odisseia seria inviável por meio de qualquer outra metodologia que não relacionasse diretamente as diferentes passagens da história e os “ganhos psíquicos” de Ulisses decorrentes desses encontros ardilosos.

O conceito de segunda natureza estudado por Adorno ajuda a desconstruir a hipótese de que o ser humano seja naturalmente mau, sendo responsabilidade da sociedade livrá-lo de sua natureza primitiva e violenta. Muitas das características humanas que são categorizadas desta maneira já seriam, na realidade, resultado da violência histórica que reincidiu sobre os homens. Não são expressões da verdadeira natureza vil humana, mas sim sintomas de um

sistema violentado e que, por estarem presentes há tanto tempo na sua experiência, já foram dados como imutáveis por suas próprias vítimas. A própria condição de liberdade fica fragilizada nessa relação, pois as pessoas tornam-se vigias de si mesmas, acreditam que sua liberdade seria caracterizada por um retorno animalístico de suas pulsões primitivas, mas a sua liberdade seria a conquista da percepção de que o sistema que justamente lhe oferece a suposta segurança, a sociedade, é aquele que o violenta limitando sua experiência e truncando sua possibilidade de emancipação. Não se trata de uma investida total contra a sociedade. Suas conquistas jamais podem ser ignoradas. Mas os seus limites também não podem deixar de serem postos à luz, pois somente nessa condição haverá possibilidade de superação das contradições do progresso.

Ao longo do presente trabalho, notou-se uma possível transformação na constituição psíquica das pessoas, iniciando com o sujeito do inconsciente, passando pelo indivíduo, indivíduo fragilizado (pessoa semiformada), o não-indivíduo até o sujeito reflexo. Esse movimento representa o espectro de controle que a sociedade pode ter nas pessoas, estabelecendo níveis de dominação que a sociedade administrada detém sobre elas, consequência inevitável do fato das pessoas não apenas terem vivências diferentes dentro da mesma cultura, mas também elaboram de formas mais variadas diferentes fenômenos. A apropriação do inconsciente pela sociedade administrada pode ocorrer como nos movimentos de massa, nos quais os elementos do inconsciente são manipulados para fins sócio políticos determinados. Nessa condição, as pessoas agem sem possuir discernimento dos reais motivadores de seu comportamento, dependendo da racionalização de um discurso ideológico para manter a irracionalidade de suas ações. Porém, a apropriação do inconsciente também pode ocorrer de forma mais intensa, na medida em que os mecanismos de controle obtêm estatuto estruturante na psique das pessoas. Nessa condição, não apenas ocorre o ajustamento de conteúdos e mecanismos inconscientes, mas uma possível total colonização da sociedade sobre o aparelho psíquico humano. Nesse contexto, surge o sujeito reflexo, possivelmente o maior nível de controle da sociedade sobre seus membros. O sujeito reflexo possui poucas possibilidades de escapar dessa relação uma vez que ela não se configura como um aparelho psíquico sofrendo um ataque externo da sociedade; há o escancaramento de seu aparelho psíquico, que vem sendo estabelecido desde a tenra idade, que eliminaria a diferenciação entre o particular e o universal.

O indivíduo declina na medida em que não possui mais recursos para resistir ao controle. A sociedade, nesse caso, não teria apenas a função de ser repressora, pois para alcançar tal nível de relacionamento, ainda precisaria ter um indivíduo para marcar o confronto com a sociedade. Com a indiferenciação do inconsciente e as determinações sociais, o conflito nem sequer pode aparecer, e o suposto “não-indivíduo” já está contente com sua condição, uma vez que ele se encontra incapaz de realizar tão reflexão sobre sua própria condição.

O nível de influência que a sociedade detém sobre as pessoas é muito intenso, uma vez que as irracionalidades e conflitos estão tão penetrados da estrutura da sociedade e do inconsciente das pessoas, desamarrar esse problema é uma tarefa muito difícil, e que exigiria medidas reparatórias de nível também estruturais. Tais medidas, por sua vez, são extremamente difíceis de alcançar uma vez que o mecanismo de controle suprime qualquer possibilidade de isso acontecer. Um dos principais elementos que é evocado para estabelecer essa dominação é o medo. A sociedade que provê os meios de sustento e segurança é a mesma sociedade que não hesita em punir aqueles que a questionam. Agressão, humilhação, a própria fome, essas e muitas consequências podem recair sobre aqueles que se atrevem a questionar o aparato social. Essas punições não ocorrem apenas pela ação das instituições sociais, elas já estão calcadas nas próprias pessoas que se lançam umas contra outras em uma intensa batalha irracional.

Dito tudo isso, é necessário mencionar que, apesar da descrição desse cenário aparentemente sem escapatória, Adorno e Horkheimer pontuam que a dominação nunca é absoluta. A irracionalidade presente da sociedade, e que passa a afetar também as pessoas, deixa escapar uma brecha que denuncia essa mesma irracionalidade vivida por essas mesmas pessoas. Como já mencionado, entretanto, a possibilidade de emancipação se dá primariamente no campo social, não sendo possível alcançar liberdade em uma sociedade não livre. Apesar das críticas ao trabalho clínico e sua possível característica adaptativa, o sofrimento psíquico das pessoas é uma dimensão que não pode ser negligenciada, e o trabalho clínico possui sua importância. Porém, não pode se perder de vista que o adoecimento humano é dependente também das estruturais sociais da qual ele advém. O olhar para as formas de adoecimento contemporâneo deve ser acompanhado pela análise das instituições sociais que corroboram para esse sofrimento. O atendimento nesse campo não deveria apenas se contentar com o ajustamento de um sistema adoecido para que ele volte a

ser produtivo, deve também compor a denúncia de uma sociedade adoecedora, sendo de fundamental importância ter como objetivo terapêutico a emancipação das pessoas, e que tal emancipação não pode ser compreendida apenas em sua dimensão psicológica, mas também social.

O objetivo dos mecanismos de controle da sociedade administrada é sua própria manutenção, da sociedade e também dos mecanismos, por isso, as possibilidades emancipatórias nesse cenário de aparente total controle tornam-se poucas. Ao invés de haver um engajamento mínimo para a percepção da fragilidade que essa dominação generalizada esteja causando nas pessoas, percebe-se um aumento de inúmeras ideologias com funções analgésicas para a população. Elas são produtos do desamparo do homem frente ao seu sofrimento, mas também é instrumento calculado que cumpre também a função de petrificar o *status quo*. É a ilusão de felicidade e liberdade que o homem jamais irá alcançar por mais que pejeje. A plasticidade humana, que outrora poderia servir de possibilidade para a legítima liberdade, converte-se em instrumento da própria dominação. Seu aparelho psíquico não pode ser mais enxergado como mera vítima de uma violência externa: ele a incorpora e passa a ser agente da mesma.

As pessoas tornam-se incapazes de perceber o sistema aprisionante em que vivem, incapazes também de conceber outra realidade que não essa já estabelecida, não se autorizam a realizar crítica ao sistema com medo de represálias, e a violência que recai sobre todos deixa de ser exceção tornando-se condição natural de existência. A possibilidade de uma significativa mudança estrutural, capaz de produzir uma sociedade justa e livre de muitas mazelas sócio-políticas que afetam as diferentes nações, tornou-se simultaneamente utopia e distopia: é utópico na medida em que transformações sociais são percebidas pelas pessoas como decididamente inalcançáveis, um sonho proveniente apenas dos mais tolos e ingênuos, ficando apenas, na melhor das hipóteses, no campo da literatura. Mas também é distopia na medida em que a incorporação da irracionalidade pelas pessoas já está sedimentada em sua psicologia a um nível tão profundo, que a irracionalidade social passa a ser também o seu próprio desejo, e as possibilidades de mudança são percebidas como uma afronta que deve ser combatida. Sustentados por diversos mecanismos ideológicos, defendem ideias contrárias a qualquer possibilidade de transcender a realidade já posta. Nacionalismo, racismo, teocracias, dentre muitos exemplos, muitas vezes, sequer são enxergadas como barreiras a serem derrubadas, pelo contrário, pretende-se fortificá-las.

Na realidade, tanto a utopia como a distopia são construções ideológicas. Somente quando o ser humano for capaz de reconhecer o movimento dialético do seu progresso, suas conquistas e seus desafios a serem ainda conquistados, somente quando superar o desejo de dominação, que ele poderá se livrar dos grilhões da sociedade reduzida ao controle repressivo e irracional da existência humana e retomar as rédeas de seu próprio desenvolvimento histórico, não mais alienado. Poderia, assim, possuir as possíveis ferramentas para construir uma realidade verdadeiramente negativa; ainda incompleta, pois as necessidades dos indivíduos e de sua cultura sempre estão se modificando com o passar do tempo, mas finalmente irá ser capaz de, quiçá, um dia existir de formas diferentes das atuais.

Por fim, é fundamental pontuar que o presente trabalho, assim como todos, possui limites, não sendo de sua competência esgotar as discussões teóricas acerca dos temas abordados. Uma delimitação teórica foi realizada para organizar o andamento do trabalho, permitindo um maior aprofundamento dos materiais escolhidos. Ademais, algumas hipóteses teóricas presentes nesse trabalho carecem de maiores investigações para determinar sua validade. A ausência de modelos explicativos para antropomorfização das religiões se dá justamente pela dificuldade em obter acesso a dados minimamente objetivos de uma época tão remota da evolução da nossa cultura, que acabam obtendo características mitológicas. Já a possibilidade de uma mudança estrutural nas pessoas, que acarretaria níveis praticamente irreversíveis de controle social sobre suas determinações subjetivas, necessitaria de trabalhos empíricos para ser verificada. Assim, como é previsto para todas as pesquisas, mais do que responder de forma absoluta aos problemas estabelecidos no início, o presente estudo abre mais questões a serem investigadas em outros trabalhos.



REFERÊNCIAS<sup>11</sup>

- Adorno, T. W. (1991). *Actualidad de la Filosofía*. Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1932).
- Adorno, T. W. (2008) *As Estrelas Descem à Terra*. São Paulo: UNESP. (Trabalho original publicado em 1952-1953).
- Adorno, T. W. (2010). *Escritos Filosóficos Tempranos*. Obra Completa 1. Madrid: Akal. (Trabalho original publicado em 1927).
- Adorno, T. W. (2004). Individuo y organización. In Adorno, T. W. *Escritos Sociológicos I – Obras Completas, 8*. Trad. Agustín González Ruiz. Madrid, Espanha: Akal. (Trabalho original publicado em 1953).
- Adorno, T. W. (2008). *Mínima Moralia: Reflexões a partir da vida lesada*. Trad. Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Azougue Editorial. (Trabalho original publicado em 1944).
- Adorno, T. W. (2012). O que Significa Elaborar o Passado. In. *Educação e Emancipação*. São Paulo: Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1971).
- Adorno, T. W. (2015) *Psicanálise Revisada*. In *Ensaio sobre Psicologia social e Psicanálise*. São Paulo: UNESP. (Trabalho original publicado em 1952).
- Adorno, T. W. (2015). Sobre a relação entre sociologia e psicologia. In *Ensaio sobre Psicologia social e Psicanálise*. São Paulo: UNESP. (Trabalho original publicado em 1955).
- Adorno, T. W. (1997) Sobre música popular. In Cohn, G. (Org.). *Sociologia*. São Paulo: Ed. Ática, p. 115-146. Coleção Grandes Cientistas Sociais. (Trabalho original publicado em 1941).
- Adorno, T.W. (1991) Sobre o Sujeito e o Objeto. In Adorno, T. W. *Palavras e Sinais. Modelos Críticos 2*. Rio de Janeiro, Vozes. (Trabalho original publicado em 1969).
- Adorno, T. W. (2015) Tabus Sexuais e Direito Hoje. In *Ensaio sobre Psicologia social e Psicanálise*. São Paulo: UNESP. (Trabalho original publicado em 1964).
- Adorno, T. W. (2015) Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In. *Ensaio sobre Psicologia social e Psicanálise*. São Paulo: UNESP. (Trabalho original publicado em 1951).
- Crochík, J. L. (2010) A forma sem conteúdo e o sujeito sem subjetividade. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 31-46, mar. 2010.

---

11 De acordo com as normas da APA (American Psychological Association).

- Crochík, J. L., Dias, M. A. L., Silva, P. F. (2015) Crítica à Psicanálise como fundamento da psicologia social de Adorno. *Constelaciones – Revista de Teoria Crítica*. n7, pp. 322-342. Recuperado de <http://constelaciones-rtc.net/article/view/1124>.
- Endo, P. (2001). Freud, Jung e o Homem dos Lobos: percalços da psicanálise aplicada. *Ágora*. 2001, vol.4, n.1, pp.115-130. Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982001000100008>.
- Freud, S. (2010). A história de uma neurose infantil (“O homem dos Lobos”). In Freud, S. *Obras Completas Volume 14 A história de uma neurose infantil (“O homem dos Lobos”), Além do Princípio do Prazer e Outros textos. (1917-1920)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1918 [1914]).
- Freud, S. (2001). *A Interpretação de Sonhos*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1976). *Conferência XXV - A Angústia*. In Freud, S. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud vol. XVI* 2a ed. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em (1917[1916-1917])).
- Freud, S. (1976). Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada “Neurose de Angústia”. In: Freud, S. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud vol. III*. 6a ed. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1884-1885).
- Freud, S. (2011) O Eu e o Id. In Freud, S. *Obras Completas Volume 16 O Eu e o Id “Autobiografia” e outros textos. (1923-1925)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2010) O Mal-estar na civilização. In Freud, S. *Obras Completas Volume 18 O Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. (1930-1936)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (2010). O Inconsciente. In Freud, S. *Obras Completas Volume 12 Introdução ao Narcisismo: Ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2011). Psicologia das Massas e Análise do Eu. In Freud, S. *Obras Completas Volume 15 Psicologia da Massas e Análise do Eu e outros textos (1920-1923)*. Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (2012). Totem e Tabu. In Freud, S. *Obras Completas Volume 11. Totem e Tabu, Contribuição à História do Movimento Psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913).

- Freud, S. (2016). Três EnsaioS Sobre a Teoria da Sexualidade. In Freud, S. *Obras Completas Volume 6 Três EnsaioS sobre a Teoria da Sexualidade, Análise Fragmentária de uma Histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1916).
- Gabriel, P. (1995). While the Earth Sleeps. In Single by Deep Forest with Peter Gabriel [CD]. Reino Unido: Columbia Records.
- Gomes, L. R. (2010). Teoria Crítica e educação política em Theodor Adorno. *Revista HISTEDBR On-line, Campinas*, n.39, p. 286-296, set.2010 - ISSN: 1676-2584 286.
- Gomide, A. P. A. (2007) *Um estudo sobre os conceitos freudianos na obra de T. W. Adorno*. (tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo). Recuperado de [www.teses.usp.br](http://www.teses.usp.br).
- Horkheimer, M. & Adorno, T. W (1956a). O Indivíduo. In Horkheimer, M. & Adorno, T. W. (Orgs.) *Temas Básicos da Sociologia*. São Paulo: Cultrix.
- Horkheimer, M. & Adorno, T. W (1956b). A Família. In Horkheimer, M. & Adorno, T. W. (Orgs.) *Temas Básicos da Sociologia*. São Paulo: Cultrix.
- Horkheimer, M. & Adorno, T. W (1956c). Ideologia. In Horkheimer, M. & Adorno, T. W (Orgs.) *Temas Básicos da Sociologia*. São Paulo: Cultrix.
- Horkheimer, M. & Adorno, T. W. (2006a). O conceito de esclarecimento In *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. G. A. Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1947).
- Horkheimer, M. & Adorno, T. W. (2006b). Excurso I Ulisses ou Mito e Esclarecimento In *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. G. A. Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1947).
- Horkheimer, M. & Adorno, T. W. (2006c). A Indústria Cultural: O esclarecimento como mistificação das massas In *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. G. A. Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1947).
- Horkheimer, M. & Adorno, T. W. (2006d). Notas e esboços. In *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. G. A. Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1947).
- Horkheimer, M. & Adorno, T. W. (2006e). Elementos do Anti Semitismo In *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. G. A. Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1947).

- Iop, E. (2009) Formação cultural, semicultura e Indústria Cultural: contribuições de Adorno sobre a emancipação. *REP - Revista Espaço Pedagógico*, v. 16, n. 2, Passo Fundo, p. 20-33, jul./dez. 2009.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (2014). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Loffredo, A, M. (2012). Anotações sobre a leitura Freudiana da angústia. *Tempo Psicanalítico*. Vol.44 no.1 Rio de Janeiro jun. Recuperado de: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010148382012000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010148382012000100007).
- Nietzsche, F. (2017). *Além do bem e do Mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1887).
- Schultz, D. P. & Schultz, S. E. (1996). *História da psicologia moderna*. São Paulo: Editora Cultrix.